



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

ILCA PACHECO DA COSTA MOURA

PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO SÍTIO DO PILAR BAIRRO DO RECIFE – PE

**RECIFE
2017**

ILCA PACHECO DA COSTA MOURA

PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO SÍTIO DO PILAR BAIRRO DO RECIFE – PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Dr. Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva.

Coorientadora: Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro.

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

M929p Moura, Ilca Pacheco da Costa.
Práticas funerárias do sítio do Pilar, Bairro do Recife-PE / Ilca Pacheco da Costa Moura. – 2017.
200 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva.
Coorientadora: Prof^a Dr^a. Viviane Maria Cavalcanti de Castro
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2017.
Inclui Referências.

1. Arqueologia. 2. Ritos e cerimônias fúnebres. 3. Sítios arqueológicos (Recife, PE). 4. Levantamentos arqueológicos. I. Silva, Sergio Francisco Serafim Monteiro da (Orientador). II. Castro, Viviane Maria Cavalcanti de (Coorientadora). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-219)

PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO SÍTIO DO PILAR, BAIRRO DO RECIFE – PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 17/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Viviane Maria Cavalcante de Castro (Coorientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Daniela Cisneiros Silva Mützenbergl (1^o Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Bruno de Azevedo Cavalcanti Tavares (2^o Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

À Helena e Ernesto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva e minha coorientadora Viviane Maria Cavalcanti de Castro, obrigada pela paciência, apoio e ensinamento durante o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao Departamento de Arqueologia por todo o apoio.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco que contribuíram imensamente na construção dessa pesquisa.

À Professora Daniela e ao Professor Bruno Tavares, pelas sugestões e solicitude durante o exame de defesa.

Aos funcionários do Departamento de Arqueologia, sempre muito gentis e solícitos. À Fundação Seridó e a Fundação Museu do Homem Americano, pela solicitude.

À equipe de escavação do Sítio do Pilar, em especial à Professora Stella, Rosângela, Antônio Moura, Manuela, Marina, Almir, Isaac, Hellyda e a todos os moradores da comunidade do Pilar, pelos aprendizados profissionais e lições de vida.

Aos colegas de turma do mestrado, pelo incentivo, apoio e descontração. À professora Neuvânia, por toda generosidade e aprendizado.

Aos estagiários e bolsistas do Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense e do Laboratório de Conservação e Restauro da UFPE, pelo carinho.

Aos colegas Sabrina, Carol, Joadson e André Campelo, pela presteza na construção desta pesquisa.

Aos colegas Ilana, Jouldes, Rosangela, Isaac e Isabella, pelos trabalhos acadêmicos referentes ao Sítio do Pilar, muito úteis nessa pesquisa.

Às amigas de trabalho Amanda, Carol Lia e Mariana, pelo companheirismo e carinho.

Aos amigos Ledja, Amanda, Shirlene, Raquel e demais da turma de graduação que mesmo distantes tornaram esse momento mais tranquilo.

À Mainha, Painho e meu irmão, por todo amor e confiança.

À Helena e Ernesto, sem dúvida, os maiores incentivadores dessa pesquisa. Obrigada por todo amor, força e amparo.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo estudar os remanescentes das práticas funerárias a partir de 30 esqueletos exumados nas escavações do Sítio do Pilar, localizado no Bairro do Recife-PE. O início da pesquisa foi impulsionado pelo questionamento sobre quais práticas funerárias caracterizariam estes sepultamentos. Partindo do que já foi elucidado por pesquisas anteriores, como a seleção cronológica pertencente ao período colonial, indivíduos masculinos, adolescentes e adultos, e uma organização dos corpos similar a de outros cemitérios militares, a hipótese é de que o cemitério foi de uso militar. Através de um viés processualista, com enfoque na Arqueologia Funerária, procurou-se identificar recorrências nas práticas funerárias que possibilitassem a reconstituição do perfil funerário do sítio. Para isso foi aplicado um método sistemático, onde cada indivíduo foi analisado individualmente, obtendo-se os dados mortuários a partir das variáveis elencadas. A reunião dos dados provindos de cada sepultura sob uma escala micro, possibilitou uma visão ampla do sítio, assim como a análise do agenciamento dos mesmos no espaço do sítio. A compilação e análise das informações qualitativas e quantitativas possibilitaram resultados positivos quanto à hipótese trabalhada, onde o perfil funerário do sítio é semelhante àqueles de origem militar.

Palavras-chave: Sítio do Pilar. Práticas Funerárias. Arqueologia Funerária. Perfil Funerário.

ABSTRACT

This research had for objective to study the funerary practices identified during the excavation on the Pilar site, located in Recife - PE. Which funerary practices were applied to those individuals encouraged the beginning of this research. Based on previous research, the site belongs to the colonial period, the individuals were men, adolescents and adults, with distinct biogeographical features and with a organization similar to other military cemeteries. Through a theoretical prosecualist approach, focused on Funerary Archaeology, we intended to identify recurrences in funerary practices that would allow the reconstitution of the funerary profile of the site. For this, a systematic methodology was applied, where each burial was analyzed individually, retrieving as much information as possible. The gathering of the data from each grave, on a micro scale, and the analysis of the agency in the site. The compilation and analysis of these data made possible a positive result to the hypothesis worked on, the Funerary Profile of the site is similar to those of military burials.

Keywords: Pilar. Burial Practices. Archaeology of Death. Funerary Profile

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa evolução urbana do Recife.....	27
Figura 02: Istmo de Recife e Olinda em 1650.....	28
Figura 03: Mapa da Cidade Maurícia e fortificações no ano de 1665. Ilha Antônio de Vaz (1). O Bairro do Recife (2) e o Forte São Jorge (3)	30
Figura 04: Gravura de Joan Bleau datada de 1630 do Forte de São Jorge	31
Figura 05: Detalhe do mapa de Cornelis Golijath ” <i>Afbeeldinge van drie Steden in Brasil als Olinda de hernambuco, Maurits Stadt, ende Reciffo (...)</i> ” de 1648. O círculo chama atenção para o que seria o hospital localizado no antigo Forte de São Jorge.....	32
Figura 06: Igreja de Nossa Senhora do Pilar	34
Figura 07: Evolução da área do Pilar evidenciando o período em que começou a ser ocupada com edificações não-militares.....	35
Figura 08: Quadras 40 parte I, 40 parte II, 60, 45, 46, 25, 55 e pátio da Igreja do Pilar.....	42
Figura 09: Áreas onde foram realizadas as pesquisas arqueológicas	43
Figura 10: Área disponível para pesquisa: Croquis 01 - primeiro momento, a partir de 07 de janeiro de 2013; e Croquis 02 – depois de 14 de maio de 2013	44
Figura 11: Localização da área do Projeto Pilar e Quadra 55, sobrepostos no Mapa da COMPESA (Companhia Pernambucana de Saneamento), baseada em Douglas Fox (1906)	45
Figura 12: Identificação de sepultamentos com seus membros inferiores sob estrutura de alvenaria	46
Figura 13: Sepultamentos dispostos em camada abaixo das estruturas de alvenaria	46
Figura 14: Esqueletos identificados, dos quais 11 foram escavados e retirados até março de 2014	46
Figura 15: Quadrículas alfanuméricas empregadas na Quadra 55, com demarcação das trincheiras	47
Figura 16: Esquema de quadrículas alfanumérico escavadas na Quadra 55	48

Figura 17: Escavação dos sepultamentos	49
Figura 18: Confecção do desenho de esqueleto em campo	50
Figura 19: Escaneamento dos esqueletos através do equipamento <i>Minolta Vivid 910</i> .	51
Figura 20: Imagens produzidas pelo Scanner. Malha de polígonos que dá forma ao modelo resultado da leitura do Scanner.....	51
Figura 21: Modelo tridimensional com textura aplicada, a partir de fotos em duas dimensões do objeto escaneado.....	51
Figura 22: Pontos altimétricos coletados em campo	52
Figura 23: Teste realizado em campo para observação do Ph do solo	53
Figura 24: Retirada do Crânio para acondicionamento	54
Figura 25: Retirada dos sepultamentos.....	54
Figura 26: Encasulamento do Esqueleto 10	55
Figura 27: Coleta de sedimento na região próxima ao fêmur esquerdo	55
Figura 28: Sondagem realizada sob o sepultamento, após sua retirada.....	56
Figura 29: Croqui com a localização dos 65 esqueletos identificados até março de 2014	57
Figura 30: Conjunto de esqueletos retirados em 2013	58
Figura 31: Conjunto de esqueletos retirados em 2014	59
Figura 32: Conjunto de esqueletos retirados em 2014	59
Figura 33: Área onde os sepultamentos foram identificados com a presença de água proveniente da chuva e maré	60
Figura 34: Sepultamento 69, esqueleto com as mãos sobre a pelve.....	74
Figura 35: Perfil Funerário do Sítio.....	83
Figura 36: Perfil da Deposição Funerária.....	84
Figura 37: Perfil Funerário do Sítio.....	84
Figura 38: Tríade corpo, cova e material associado	85
Figura 39: Atributos do corpo considerados dentro dos elementos culturais.....	86

Figura 40: Atributos da forma de deposição funerária	87
Figura 41: Atributos a serem analisados na variável preparação do corpo	87
Figura 42: Atributos a serem analisados na variável número de indivíduos	88
Figura 43: Atributos da variável articulação do corpo	89
Figura 44: Atributos da variável disposição do corpo	89
Figura 45: Grau de flexão dos membros inferiores do esqueleto	90
Figura 46: Atributos da variável posição do corpo	90
Figura 47: Atributos a serem analisados na variável orientação e direção do corpo	92
Figura 48: Atributos da cova a ser considerados dentro dos elementos sepulcrais	93
Figura 49: Atributos da variável do acompanhamento funerário.	93
Figura 50: Atributos do corpo a ser considerados dentro dos elementos biológicos. ...	94
Figura 51: Atributos da Distribuição Espacial.	95
Figura 52: Esqueleto 01. O indivíduo sofreu perturbações devido ao desmoronamento do perfil estratigráfico, apenas parte dos membros superiores e crânio ficaram preservados.	97
Figura 53: Fragmento de cerâmica identificado próximo ao Esqueleto 01.	98
Figura 54: Esqueleto 02. O indivíduo sofreu perturbações devido ao desmoronamento do perfil estratigráfico, apenas parte dos membros superiores e crânio foram preservados	99
Figura 55: Esqueleto 03 sob estrutura em alvenaria.	101
Figura 56: Esqueleto 04 sob estrutura em alvenaria.	102
Figura 57: Fragmento de cerâmica identificado próximo ao Esqueleto 04. À esquerda, parte externa do fragmento sem nenhum tipo de decoração; à direita, parte interna do fragmento mostrando sua confecção em torno	103
Figura 58: Esqueleto 05	104
Figura 59: Fragmento de faiança identificado próximo ao Esqueleto 05	105
Figura 60: Esqueleto 06	106

Figura 61: Esqueleto 19.....	106
Figura 62: Esqueleto 07.....	108
Figura 63: Esqueleto 10.....	110
Figura 64: Esqueleto 21.....	110
Figura 65: Esqueleto 13. O indivíduo sofreu perturbações devido ao desmoronamento do perfil estratigráfico, apenas os membros superiores, pelve e crânio foram preservados	112
Figura 66: Esqueleto 14 com o crânio sob estrutura em alvenaria.....	113
Figura 67: Esqueletos 15 e 16. O Esqueleto 15 refere-se ao indivíduo acima, já o Esqueleto 16 está sob o indivíduo 15	115
Figura 68: Esqueletos 17 e 18.....	117
Figura 69: Esqueleto 30.....	119
Figura 70: Esqueleto 44 (à direita).	120
Figura 71: Esqueleto 45.....	122
Figura 72: Esqueletos 46 e 52.....	123
Figura 73: Esqueletos 47 e 48.....	125
Figura 74: Fragmento de cachimbo identificado próximo ao Esqueleto 48.....	126
Figura 75: Esqueleto 40.....	128
Figura 76: Esqueletos 53 e 54.....	129
Figura 77: Esqueleto 53 (à esquerda) e 54 (à direita) sob estrutura em alvenaria.....	130
Figura 78: Esqueleto 55.....	132
Figura 79: Esqueleto 58 com crânio sob estrutura em alvenaria.....	133
Figura 80: Esqueleto 59.....	135
Figura 81: Esqueleto 65.....	136
Figura 82: Esqueletos 15 e 16 colocados em um mesmo momento dentro da cova ...	142
Figura 83: Esqueletos 46 e 52 colocados em um mesmo momento dentro da cova ...	142
Figura 84: Esqueletos 47 e 48 colocados em um mesmo momento dentro da cova ...	142

Figura 85: Esqueleto 30 (à esquerda) e 49 (à direita) com orientação oeste-leste, diferente dos demais identificados no sítio.....	145
Figura 86: Esqueleto 48 evidenciado no Sítio do Pilar com as mãos cruzadas sobre a pelve	152
Figura 87: Esqueleto 69 evidenciado na Igreja da Divina Graça de Olinda, ambos com as mãos cruzadas sobre a pelve	152
Figura 88: Esqueletos 53 e 54 (à esquerda) e Esqueleto 05 (à direita), ambos com as mãos sobre úmeros ou costelas.....	153
Figura 89: Sepultamento judeu em Cerro de La Horca (Espanha).....	154
Figura 90: Esqueleto 30 evidenciado no Sítio do Pilar	154
Figura 91: Sepultamentos (A e B) evidenciados na escavação do Royal Hospital Greenwich (Londres), com acomodação dos corpos semelhante aos identificados no Sítio do Pilar. Observa-se evidência de necropsia na craniotomia presente no Esqueleto A	155
Figura 92: Preparação do corpo para o enterro durante o período pré-hispânico até o período colonial.....	156
Figura 93: Demarcação das covas presentes no Sítio do Pilar	157
Figura 94: Esqueleto 45 em acomodação em cova de dimensões estreitas ou depositado em rigidez cadavérica	158
Figura 95: Esqueleto 05 em acomodação em cova de dimensões estreitas ou depositado em rigidez cadavérica	158
Figura 96: Esqueleto 14 evidencias no Sítio do Pilar, com crânio sob estrutura de alvenaria.....	160
Figura 97: Esqueleto 08 evidenciado no Sítio do Pilar sob estrutura de alvenaria; e Esqueleto 09 próximo à estrutura de alvenaria.....	160
Figura 98: Material associado (A e B) aos sepultamentos católicos durante a escavação do Cemitério Alameda-Stone, centro de Tucson, Arizona.....	161
Figura 99: Presença de marcas de trauma por lesão, identificadas nos crânios dos indivíduos 55(A), 48(B), 17(C), 03(D), 59(E)	167
Figura 100: Sepultamentos com marcas de trauma por lesão no crânio, evidenciado na Aldeia Towton, no norte de Yorkshire	167
Figura 101: Crânio do Esqueleto 44 evidenciado no Sítio do Pilar com traumas por lesão no crânio. As imagens demonstram onde o objeto teria adentrado no crânio (A) e sua	

saída (B).....	168
Figura 102: Crânio do Esqueleto 58 evidenciado no Sítio do Pilar com traumas por lesão no crânio. A marcação nas imagens demonstra o local exato onde o objeto teria adentrado no crânio	168
Figura 103: Análise realizada no crânio do Esqueleto 44 com o equipamento portátil de Fluorescência de Raio X.....	169
Figura 104: Ferramentas utilizadas nos confrontos do período medieval, apresentadas pelos pesquisadores de Towton	171
Figura 105: Técnicas de lutas utilizadas no período medieval, apresentadas pelos pesquisadores de Towton.....	172
Figura 106: Sepultamento com marcas de trauma por lesão <i>perimortem</i> no crânio, evidenciado na Aldeia Towton, norte de Yorkshire	173
Figura 107: Crânio evidenciado no Sítio do Pilar com trauma por lesão provavelmente provocado por objetos contundentes ou agressão, com fratura no septo provavelmente proveniente de soco	173
Figura 108: Esqueleto 45, lesão na órbita esquerda	173
Figura 109: Crânio do Esqueleto 47 evidenciado no Sítio do Pilar com trauma por lesão provavelmente por objetos contundentes	174
Figura 110: Crânio do Esqueleto 54 evidenciado no Sítio do Pilar com trauma por lesão provavelmente por objetos contundentes	174
Figura 111: Ilustração do limite oeste do Sítio do Pilar	175
Figura 112: Perfil estratigráfico representando o Perfil Oeste do Sítio do Pilar e uma estrutura (A35), possivelmente a demarcação do limite do cemitério	176
Figura 113: Corte estratigráfico do limite oeste, com a estrutura em destaque indicando uma possível demarcação do Sítio do Pilar	176
Figura 114: Demonstração do local onde os sepultamentos estão concentrados (círculo) e a Igreja do Pilar, onde estava situado o antigo Forte de São Jorge (seta).....	178
Figura 115: Vala comum evidenciada na Aldeia Towton, norte de Yorkshire	179
Figura 116: Organização da parte militar (parte 1) do Cemitério Alameda-Stone, centro de Tucson, Arizona.....	180
Figura 117: Agenciamento dos sepultamentos no Cemitério Alameda-Stone, centro de Tucson, Arizona (A) e no Royal Hospital Greenwich, Londres (B).	181
Figura 118: Demarcação das covas, tomando como base o limite de cada	

sepultamento.....	182
Figura 119: Agenciamento em fileiras nos sepultamentos no Sítio do Pilar.....	183
Figura 120: Esqueletos 15 e 16 sobrepostos.....	184
Figura 121: Indivíduos 46 e 47 sobrepostos.....	184
Figura 122: Indivíduos 53 e 54 justapostos.....	185
Figura 123: Detalhe para a sobreposição dos membros superiores, demonstrando a inumação dos indivíduos em momento próximo.....	185
Figura 124: Detalhe para a sobreposição dos membros superiores, demonstrando a inumação dos indivíduos em momento próximo.....	186
Figura 125: Esqueletos 44 e 45, membros superiores demonstrando inumação simultânea dos indivíduos em justaposição	186
Figura 126: Detalhe da perturbação no sedimento próximo ao Esqueleto 49	187
Figura 127: Perturbação no perfil norte, logo a baixo de um alicerce localizado próximo ao Esqueleto 49.....	188
Figura 128: Perturbação no solo próxima ao Esqueleto 55, provocada por um alicerce.....	188

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Amostragem do envio/chegada anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil (entre os anos de 1629 e 1651).....	36
Tabela 02: Amostragem do quantitativo anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil (entre os anos de 1630 e 1654).....	37
Tabela 03: Origem geográfica de militares da WIC que serviram no Brasil (entre 1632 e 1654).....	38
Tabela 04: Atributos da variável articulação do corpo.....	89
Tabela 05: Atributos da variável posição do corpo com detalhes dos ângulos	91
Tabela 06: Atributos da variável do acompanhamento funerário.....	93
Tabela 07: Números das deposições funerárias e seus esqueletos correspondentes	96
Tabela 08: Quantidade de indivíduos por covas com suas respectivas deposições funerárias	140
Tabela 09: Quantitativo da orientação e direção dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias.....	143
Tabela 10: Quantitativo da flexão dos membros superiores dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias	146
Tabela 11: Quantitativo da posição dos membros superiores dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias	148
Tabela 12: Quantitativo da posição da cabeça dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias.....	150
Tabela 13: Quantitativo do material associado aos esqueletos, com suas respectivas deposições funerárias.....	159
Tabela 14: Quantitativo do indicativo de doenças dos esqueletos, com suas respectivas deposições funerárias.....	163
Tabela 15: Composição química da região (Face externa do occipital) referente a saída da lesão no crânio do esqueleto 44.	169

Tabela 16: Composição química da região de entrada de lesão do crânio do esqueleto 44.	169
Tabela 17: CN (Controle Negativo) - Composição química da região (face externa do occipital) onde não houve lesão no crânio do esqueleto 44.	170
Tabela 18: Composição química da região de saída da lesão (face endocraniana parietal direito) no crânio do esqueleto 58.	170
Tabela 19: Composição química da região de entrada da lesão (parietal direito) no crânio do esqueleto 58.	170
Tabela 20: Composição química da região onde não houve lesão no crânio do esqueleto 58 – Controle Negativo (CN).	170
Tabela 21: Composição química do sedimento presente na parte interna do crânio do esqueleto 58.	171
Tabela 22: Composição química do sedimento presente na parte interna do crânio do esqueleto 44.	171

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Aspectos da deposição funerária, preparação do corpo, articulação e disposição dos indivíduos.....	139
Gráfico 02: Quantidade de indivíduos por cova.....	139
Gráfico 03: Quantitativo da orientação e direção dos esqueletos.....	143
Gráfico 04: Quantitativo dos tipos de flexão dos membros superiores identificados nos indivíduos	146
Gráfico 05: Quantitativo dos tipos de posição dos membros superiores identificados nos indivíduos	148
Gráfico 06: Quantitativo dos tipos de posição da cabeça identificados nos indivíduos	150
Gráfico 07: Quantitativo das idades identificadas nos sepultamentos.....	162
Gráfico 08: Quantitativo dos indicativos de doenças verificadas nos esqueletos	163
Gráfico 09: Quantitativo das estaturas identificadas nos esqueletos.....	165
Gráfico 10: quantitativo de presença de traumas por lesões identificadas nos crânios dos esqueletos	166

LISTA DE SIGLAS

COMPESA – Companhia Pernambucana de Saneamento

FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LACOR – Laboratório de Conservação e Restauro

LABIFOR – Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense

PRUISC – Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da Comunidade do Pilar

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

VOC – *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*, “Companhia Unida das Índias Orientais

WIC – *West-Indische Compagnie*, “Companhia das Índias Ocidentais”

ZEPH – Zona Especial de Preservação Histórica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO DO PILAR.....	25
2.1	A OCUPAÇÃO DO RECIFE NO PERÍODO HOLANDÊS	25
2.2	O FORTE DE SÃO JORGE E SUA UTILIZAÇÃO	30
2.3	OS SOLDADOS DA WIC ENVIADOS AO BRASIL	36
2.4	O SÍTIO DO PILAR.....	40
2.4.1	A identificação do sítio	43
2.4.2	Métodos de escavação aplicados no sítio	46
3	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS	61
3.1	O ESTUDO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ARQUEOLOGIA	61
3.2	OS RITUAIS NO CONTEXTO FUNERÁRIO	66
3.3	ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS E SUA APLICAÇÃO	69
3.4	PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO PERÍODO COLONIAL	71
3.4.1	Práticas Funerárias Católicas.....	71
3.4.2	Práticas Funerárias Protestantes	75
3.4.3	Práticas Funerárias Judaicas	76
3.5	ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA	78
4	MÉTODO DA PESQUISA	81
4.1	PERFIL FUNERÁRIO	81
4.2	PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO (PFS) E PERFIL DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA (PDF)	82
4.2.1	Dados Culturais	85
4.2.1.1	Corpo	85
4.2.1.1.1	<i>Forma de deposição</i>	<i>86</i>
4.2.1.1.2	<i>Preparação do corpo</i>	<i>87</i>
4.2.1.1.3	<i>Quantidade de indivíduos</i>	<i>87</i>
4.2.1.1.4	<i>Tipos de articulação</i>	<i>88</i>
4.2.1.1.5	<i>Tipos de disposição</i>	<i>89</i>
4.2.1.1.6	<i>Tipos de posição</i>	<i>89</i>
4.2.1.1.7	<i>Tipos de orientação e direção</i>	<i>91</i>
4.2.1.2	Cova.....	92
4.2.1.3	Materiais Associados	93
4.2.2	Dados biológicos.....	94
4.2.3	Distribuição espacial	95

5	PERFIL DAS DEPOSIÇÕES FUNERÁRIAS DO SÍTIO	96
5.1	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 01.....	97
5.1.1	Dados culturais.....	98
5.1.2	Dados Biológicos	98
5.2	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 02.....	99
5.2.1	Dados culturais.....	99
5.2.2	Dados biológicos	100
5.3	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 03.....	100
5.3.1	Dados culturais.....	100
5.3.2	Dados biológicos	101
5.4	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 04.....	101
5.4.1	Dados culturais.....	102
5.4.2	Dados biológicos	103
5.5	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 05.....	103
5.5.1	Dados culturais.....	104
5.5.2	Dados biológicos	105
5.6	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 06.....	105
5.6.1	Dados culturais.....	106
5.6.2	Dados biológicos	107
5.7	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 07.....	107
5.7.1	Dados culturais.....	108
5.7.2	Dados biológicos	109
5.8	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 08.....	109
5.8.1	Dados culturais.....	110
5.8.2	Dados biológicos	111
5.9	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 09.....	111
5.9.1	Dados culturais.....	112
5.9.2	Dados biológicos	112
5.10	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 10.....	113
5.10.1	Dados culturais.....	113
5.10.2	Dados biológicos	114
5.11	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 11.....	114
5.11.1	Dados culturais.....	115
5.11.2	Dados biológicos	116
5.12	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 12.....	116
5.12.1	Dados culturais.....	117
5.12.2	Dados biológicos	118
5.13	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 13.....	118
5.13.1	Dados culturais.....	119
5.13.2	Dados biológicos	120
5.14	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 14.....	120
5.14.1	Dados culturais.....	121
5.14.2	Dados biológicos	121
5.15	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 15.....	121
5.15.1	Dados culturais.....	122
5.15.2	Dados biológicos	123
5.16	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 16.....	123
5.16.1	Dados culturais.....	124
5.16.2	Dados biológicos	124
5.17	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 17.....	125

5.17.1	Dados Culturais	126
5.17.2	Dados Biológicos	127
5.18	DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 18.....	127
5.18.1	Dados culturais	128
5.18.2	Dados biológicos	129
5.19	DESCRIÇÃO DA FUNERÁRIA 19	129
5.19.1	Dados culturais	130
5.19.2	Dados biológicos	131
5.20	DESCRIÇÃO DA FUNERÁRIA 20	131
5.20.1	Dados Culturais	132
5.20.2	Dados Biológicos	133
5.21	DESCRIÇÃO DA FUNERÁRIA 21	133
5.21.1	Dados Culturais	134
5.21.2	Dados Biológicos	134
5.22	DESCRIÇÃO DA FUNERÁRIA 22	134
5.22.1	Dados culturais	135
5.22.2	Dados biológicos	135
5.23	DESCRIÇÃO DA FUNERÁRIA 23.....	136
5.23.1	Dados Culturais	136
5.23.2	Dados Biológicos	137
6	PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO DO PILAR	138
6.1	ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS PERFIS DAS DEPOSIÇÕES FUNERÁRIAS	138
6.1.1	Dados culturais	138
6.1.1.1	Corpo	138
6.1.1.1.1	<i>Quantidade de indivíduos</i>	139
6.1.1.1.2	<i>Orientação e direção</i>	142
6.1.1.1.3	<i>Tipos de posição</i>	145
6.1.1.1.4	<i>Preparação do corpo</i>	155
6.1.2	Cova	156
6.1.3	Materiais associados	159
6.1.4	Dados biológicos	161
6.1.4.1	Idade	162
6.1.4.2	Indicativo de doença.....	163
6.1.4.3	Estatura	165
6.1.4.4	Presença de marcas de traumas no crânio provocadas por lesões	166
6.1.5	Distribuição espacial	175
6.2	SÍNTESE DO PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO DO PILAR.....	189
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
	REFERÊNCIAS	194

1 INTRODUÇÃO

Estudos arqueológicos em sítios cemitérios históricos ainda são pouco realizados no Brasil. Para Lima (1994) esse tipo de estudo é mais expressivo em outros países, como nos Estados Unidos. Segundo Souza (1994) o estudo em sítios históricos, especificamente nos cemitérios, pode trazer ao arqueólogo um leque de informações, sobretudo, sobre o confronto dos dados históricos disponíveis com os dados obtidos em campo.

A identificação do Sítio do Pilar, localizado no Bairro do Recife – PE, pode contribuir nesse tipo de pesquisa. Sua identificação ocorreu em 2013, pelos arqueólogos da Fundação Seridó¹.

A descoberta desse sítio revelou um conjunto de 65 indivíduos, dos quais 28 foram escavados e retirados. Os indivíduos estavam localizados na matriz argilo-arenosa (SANTOS, 2013) do istmo - antiga faixa de terra que ligava Recife a Olinda e única camada em contexto original do sítio. As demais camadas acima desta pertencem a aterros providos do processo de urbanização do bairro. Além desses vestígios foram identificados os alicerces das primeiras casas da Rua de São Jorge, bem como vestígios da tralha doméstica pertencente à população que residia no Recife do século XVII.

Como visto, o sítio apresenta dois momentos distintos: o primeiro condiz à utilização do espaço para fins funerários; e o segundo para moradia, após a desativação do cemitério.

Os dados apresentados até então (PESSIS, 2014; SILVA, 2015; DUARTE, 2016;) demonstram que a historiografia não traz com exatidão a existência desse cemitério. Os dados revelados pela pesquisa arqueológica (PESSIS, 2014) informam que o mesmo foi utilizado previamente à construção das casas da Rua Jorge, em 1680. Anterior à construção dessas casas, o Bairro do Recife foi habitado por portugueses e posteriormente por holandeses. Contudo, esse cenário não deixa evidente quem teria utilizado o cemitério.

A falta de evidências claras nos dados históricos sobre esse sítio coloca o estudo dos sepultamentos como determinante para saber mais sobre a população enterrada. As práticas funerárias dispensadas aos sepultamentos ficaram preservadas, mesmo que parcialmente, no registro arqueológico. Diante disso, essa pesquisa parte da inquietação sobre quais eram as práticas funerárias dispensadas aos sepultamentos.

Esse questionamento considera a hipótese de que o cemitério seja de uso militar, uma

¹ A identificação do sítio ocorreu durante a pesquisa arqueológica do Projeto de Reabilitação Urbanística do Pilar, realizado pela prefeitura do Recife. A equipe da Fundação Seridó era responsável pelas atividades de acompanhamento e pesquisa na área que abrangeu o projeto, entre os anos de 2010 a 2014.

vez que os 28 enterramentos são masculinos (adolescentes e adultos) e seus corpos estão agenciados em organização similar a outros cemitérios militares.

Quanto ao **objetivo geral** da pesquisa, pretende-se reconstruir o Perfil Funerário do Sítio do Pilar e, com isso, caracterizar as práticas funerárias dispensadas aos indivíduos. Como **objetivos específicos**, pretende-se verificar se o sítio trata-se de um cemitério militar; caracterizar os perfis funerários de cada enterramento através dos dados culturais e biológicos; e analisar a distribuição espacial dos enterramentos dentro do sítio.

Para responder essa questão e alcançar os objetivos propostos, a pesquisa estabeleceu um método sistemático onde fosse possível observar os dados culturais e biológicos presentes nos indivíduos. Foi realizado primeiramente um estudo particular em cada indivíduo, reconstituindo o Perfil de sua Deposição Funerária (PDF). A análise quantitativa e qualitativa desses perfis juntamente com a análise espacial desses indivíduos no sítio trouxeram informações sobre como foram sepultados.

A Arqueologia Funerária presente na arqueologia processualista norteia a linha de pesquisa adotada para análise e interpretação das informações encontradas no contexto arqueológico funerário desta pesquisa.

A utilização de uma perspectiva interdisciplinar, onde os dados provindos de diversas áreas como história, arqueologia e biologia, permitiu a coleta de um número máximo de informações que viabilizaram, mesmo que parcialmente, a reconstituição dos aspectos culturais dos remanescentes humanos estudados.

Visando a identificação das práticas funerárias dispensadas aos sepultamentos, o devido trabalho se estrutura em cinco capítulos, a saber:

O primeiro capítulo está subdividido em quatro partes. Primeiramente apresenta o contexto histórico e arqueológico da área de estudo. No contexto histórico, apresenta como ocorreu a ocupação holandesa no período colonial e a utilização do Forte de São Jorge, já que o local serviu de hospital e sua construção é, provavelmente, concomitante à utilização do cemitério. Também são apresentados os soldados da WIC (Companhia das Índias Ocidentais) enviados para o Brasil durante esse período. No contexto arqueológico, apresenta o sítio e a metodologia aplicada nas escavações.

O segundo capítulo trata da parte teórica e conceitual da pesquisa, estando dividido em cinco partes. De forma geral, é apresentado como ocorre o estudo das práticas funerárias na arqueologia e como é trabalhado o conceito de rituais funerários. Também é ressaltada a aplicação da arqueologia das práticas funerárias, estabelecendo uma ponte com as práticas funerárias do período colonial. Por fim, é apresentada a abordagem teórica utilizada nesta pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta o método aplicado neste trabalho e está dividido em duas partes. Foram apresentados os conceitos de Perfil Funerário e Perfil Funerário do Sítio.

O quarto capítulo trata da reconstituição do perfil de cada deposição funerária (PDF). Os dados culturais e biológicos presentes em cada indivíduo foram observados através das variáveis descritas no terceiro capítulo.

O quinto capítulo apresenta a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio, entendido como o conjunto de elementos relacionados às práticas fúnebres realizadas na totalidade de enterramentos evidenciados em um dado sítio arqueológico. Para essa reconstituição foi feita a análise quantitativa e qualitativa dos perfis das deposições funerárias descritas no quarto capítulo, bem como o agenciamento dos sepultamentos dentro do sítio. Tudo isso possibilitou a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio, considerando as similaridades com outros sítios de origem militar.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO DO PILAR

2.1 A OCUPAÇÃO DO RECIFE NO PERÍODO HOLANDÊS

O Sítio do Pilar está localizado no Bairro do Recife, sobre o istmo – matriz argilo/arenosa (SANTOS, 2013) conhecida como a antiga faixa de terra que ligava Recife e Olinda –, área que passou por várias modificações urbanísticas e hoje é conhecida como comunidade do Pilar.

Compreender como ocorreu a ocupação do sítio durante o período de sua utilização é fundamental para esta pesquisa, uma vez que os dados históricos podem elucidar ou complementar o que as evidências arqueológicas não conseguem atingir, como a identificação da população, o uso do espaço, cotidiano, religião e costumes praticados.

O surgimento de Recife se deve à força da expansão da colonização de Portugal e Holanda. O Bairro do Recife foi um dos únicos que não surgiu a partir de engenhos, mas sim de seus produtos, como os embarques de Pau-Brasil e açúcar. A fim de protegê-los, construíram-se os fortes e depois as casas comerciais. Assim surgiu o cenário de grandes eventos que marcaram a história de Pernambuco.

Segundo Cavalcanti (2009):

Paralelamente a tudo isso formava-se o “Povo”, que ia carregar e descarregar os barcos, ir e voltar do mar, fiscalizar ou cobrar o dízimo, matar e morrer nas suas fortalezas, ou contritamente, rezar na ermida sob a invocação do Padroeiro de Santelmo. Por isso mesmo o atual bairro do Recife, inicialmente chamado de “Arrecife dos Navios”, foi por muito tempo denominado “o Povo” (CAVALCANTI, 2009, p. 61).

O Recife teria surgido na primeira metade do século XVI, entre o mar e o Rio Capibaribe, especificamente no final do istmo de Olinda. Ainda segundo Cavalcanti (2009, p. 69) o “Povo”, estava localizado no “quersoneso”, isto é, dentro das linhas curvas da península, inicialmente da largura do istmo, variável entre 30 e 60 passos. Após o domínio holandês o local passou a ser protegido por trincheiras e bastões que substituíram as paliçadas portuguesas, assim como a construção de três portas que davam acesso ao povoado, denominadas “Porta da Terra” (*Lantpoort*), “Porta do Mar” (*Waterpoort*) e “Porta da Balsa” (*Pontpoort*).

Em 1609, o istmo já era mencionado na documentação como “arrecife de areia” caracterizado por uma lingueta de areia (MELLO, 1984, p. 198-204). Antes de ser povoado,

o istmo de Olinda era inóspito e isolado, mas chamava a atenção dos navegantes na costa do Nordeste. O local sofreu um grande processo de modificação ao longo da história. Sua feição natural foi tomada pela ampliação da área, após a colocação de aterros em decorrência do processo de expansão do Recife.

O Bairro do Recife Antigo é formado por dois momentos de restinga²: o primeiro referente ao processo natural de sua formação geológica; e o segundo referente ao processo da ação antrópica, especificamente durante a ocupação do bairro no século XVI.

O primeiro momento de restinga, denominado istmo, corresponde à camada onde os sepultamentos foram identificados. Essa camada teria se formado no período Quaternário, sendo os agentes fluvial e marinho os principais responsáveis por sua morfogênese, assim como a quiescência tectônica, a plataforma rasa com pouca declividade, a ação de transporte das correntes de deriva e o espaço de acomodação dos sedimentos (LIMA FILHO, 1991).

Segundo Silva e Santos (2016):

A restinga do Recife Antigo tem sua formação no momento da constituição da planície costeira fluvio-marinha do Recife durante período holocênico, devido a processos morfodinâmicos costeiros (rios, ondas, corrente de deriva litorânea e marés) favoráveis à morfogênese, quando o nível do mar estava baixando até a estabilização dos dias atuais (SILVA; SANTOS, 2016 p. 129).

Sua morfologia foi modificada diversas vezes ao longo dos tempos, devido a agentes fluviomarinhos que criaram uma dinâmica em sua transformação. Ainda segundo Santos e Silva (2016):

[...] a unidade geomorfológica restinga é instável em sua forma pelo fato da dinâmica do sistema pirata costeiro mudar constantemente, afetando, por conseguinte, a morfologia da restinga, tornando-a uma unidade morfológica frágil, sendo esse um dos motivos do espaço ser considerado área de proteção permanente (SILVA; SANTOS, 2016, p. 130).

No que condiz às ações antrópicas, é possível afirmar que sua interferência sobre ambientes naturais acabam por interferir no equilíbrio da natureza, conforme sugere Ross (2013), citado por Souza (2013, p. 148 e 149),

Nesse panorama enormemente diversificado de ambientes naturais, o homem, como ser social, interfere criando novas situações ao construir e reordenar os espaços físicos [...] com a construção de cidades, estradas, atividades agrícolas, instalações

² Caracteriza-se como barreira/barra ou cordão litorâneo, formada por faixas arenosas ou de cascalho, depositadas paralelamente à praia, que se alongam, tendo um ponto de apoio em cabos e saliências do litoral e que se localiza acima do nível da maré alta e de idade holocênica, tendo origem a partir da última regressão marinha (SANTOS, 2013 apud SILVA; SANTOS, 2016, p. 122).

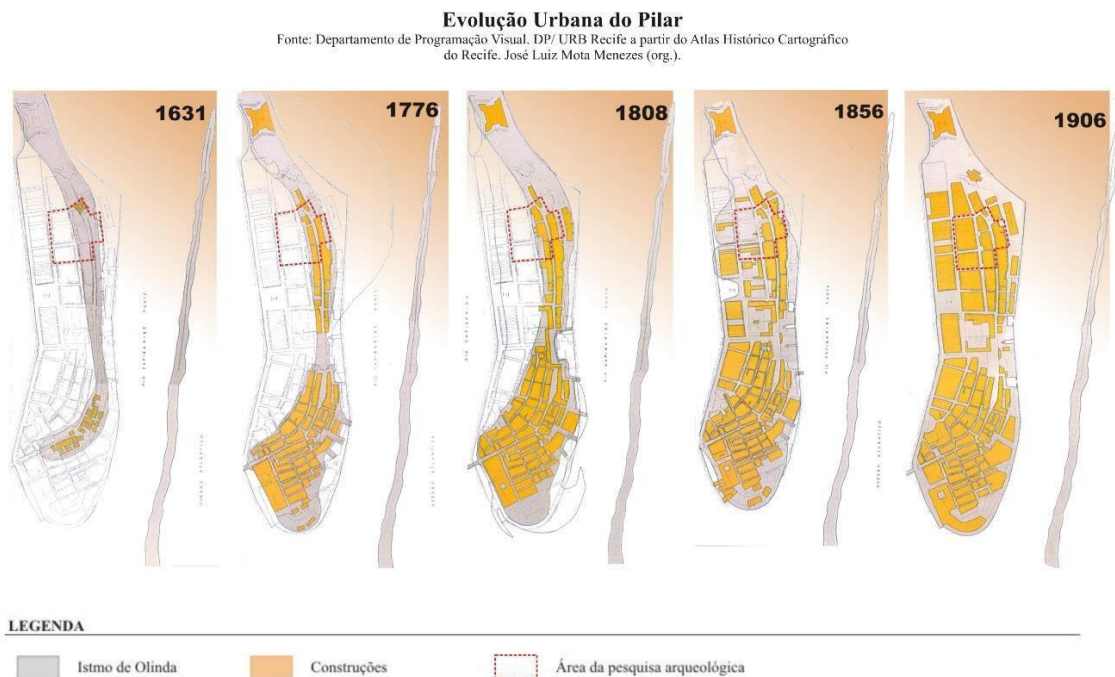
de barragens, retificações de canais fluviais, etc. Todas essas modificações inseridas pelo homem no ambiente natural alteram o equilíbrio de uma natureza que não é estática, mas que apresenta quase sempre um dinamismo harmonioso em evolução estável e contínua, com pequenos ciclos com maior grau de entropia no sistema, quando não afetada pela ação antrópica (ROSS, 2013 apud SOUZA, 2013, p. 148, 149).

No Bairro do Recife essas alterações são presentes, causando não apenas modificações na morfologia do relevo, como também impactos de desequilíbrio:

A planície do Recife é um ambiente bastante alterado pelo processo de urbanização e, como consequência, tanto suas formas de relevo quanto seus processos de superfície controlados apenas pela dinâmica natural foram intensamente modificados e em alguns casos descaracterizados. Contudo a relação de processo-resposta, através dos fluxos de energia e matéria ao longo do sistema ambiental, persiste e se reajusta de acordo com os novos atributos do sistema na tentativa de alcançar um novo equilíbrio. Como resultado, a paisagem passa a apresentar um elevado grau de entropia, se tornando mais suscetível à ocorrência de impactos ambientais, no caso desse estudo, aumento da magnitude, intensidade e frequência de enchentes e alagamentos, que fechando o ciclo, acaba colocando em risco diversos setores da população (SOUZA, 2013, p. 149).

É possível observar como ocorreu a evolução no istmo a partir de plantas (Figura 01), assim como o salto construtivo e populacional ocorrido após a chegada dos holandeses.

Figura 01: Mapa de evolução urbana do Recife.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013.

Para Mello (2001), o Recife ou “Povo” era um triste burgo do século XVII, onde os nobres de Olinda deviam atravessar passando em ponta de pé, receando os alagados e mangues (Figura 02). Esse território também era alvo de especulações por parte dos holandeses: há anos navios já visitavam pacificamente a sua costa, a fim de reunir dados e informações. Entre seus interesses estavam, além da vida na colônia, sua produção e renda.

Figura 02: Istmo de Recife e Olinda em 1650.



Fonte: *Pernambuco (Recife) von der Seeseite*. Pintura atribuída a Frans Post. Disponível em: <http://www.luizberto.com/wp-content/2013/04/Vista-do-istmo-entre-Recife-e-Olinda-1024x657.jpg>. Acesso em 15 de abril de 2017.

A chegada dos holandeses no Brasil, especificamente em Pernambuco, não constituiu um fato isolado. A WIC (Companhia Holandesa das Índias Ocidentais) conquistou, além de Pernambuco, outras cinco capitanias do nordeste açucareiro, com o fim comercial de diminuir a capacidade econômica da monarquia ibérica e incrementar o seu domínio das rotas comerciais do Atlântico (PEREZ; SOUSA, 2006 apud VASCONCELOS, 2011).

A conquista de Olinda e Recife pelos holandeses ocorreu em poucos dias, pois a força atacante era forte e militarmente superior. As tropas da WIC tiveram que permanecer em uma faixa de terra, o istmo, que nada produzia. Os três primeiros anos habitados no istmo foram retratados por queixas e suplicas pelos habitantes descritos nos documentos (MELLO, 2001, p. 44).

Após esses primeiros anos de adaptação, em 1635, o Recife passou por uma ascensão construtiva, isso teria obrigado algumas pessoas a irem para a Ilha de Antonio Vaz, mas este povoado não cresceu no mesmo ritmo que Recife.

Em 1832, após servir a companhia, alguns soldados obtiveram o direito de cidadãos livres. “As documentações mostram uma lista de empregados ou soldados da companhia que passaram a cidadãos livres, a qual ilustra bem a diversidade da procedência dos elementos recrutados na Europa: há holandeses, alemães, noruegueses e escoceses”(MELLO, 2001, p. 57).

Depois da expulsão dos portugueses, a notícia de novos imigrantes que desembarcavam no Recife se torna comum. Entretanto, a colônia recém-fundada não vê com bons olhos aqueles com pouca aquisição, pois geravam gastos e problemas difíceis de alojamento. Entre 1635 e 1636 é cada vez maior a ocupação de Recife por judeus e é nessa época que há relatos da construção da primeira sinagoga.

Em 1637 Maurício de Nassau chega a Pernambuco e sua presença é decisiva para consolidar o domínio holandês. Nassau foi responsável pelo o primeiro plano político-administrativo que elevaria Recife a um importante desenvolvimento construtivo e econômico. Segundo Smith (1969, p. 69), sob o governo de Nassau e seus ajudantes foi construída a primeira cidade digna deste nome na América portuguesa.

Segundo Mello (2001), o crescente aumento da população deu surgimento ao mercado do peixe, ao serviço de extinção de incêndio, a cobertura das ruas com areias no intuito de torná-las viáveis, e a Casa de Câmara, quando nessa mesma época projetou-se o acesso feito através de arcos e portas.

O Recife de 1636 se mostrava pequeno para o tamanho da população que abrigava. No entanto, não existem documentos para enfatizar a estimativa da população. O que se encontra é um recenseamento, provavelmente somente de homens masculinos para fins militares. Existiam 1.809 pessoas, entre elas soldados, pessoal do trem, operários, caixeiros, empregados e demais alimentados à custa da Companhia. Em 1646, devido à revolução, houve uma redução de 1500 para 600 pessoas no Recife (MELLO, 2001, p. 77).

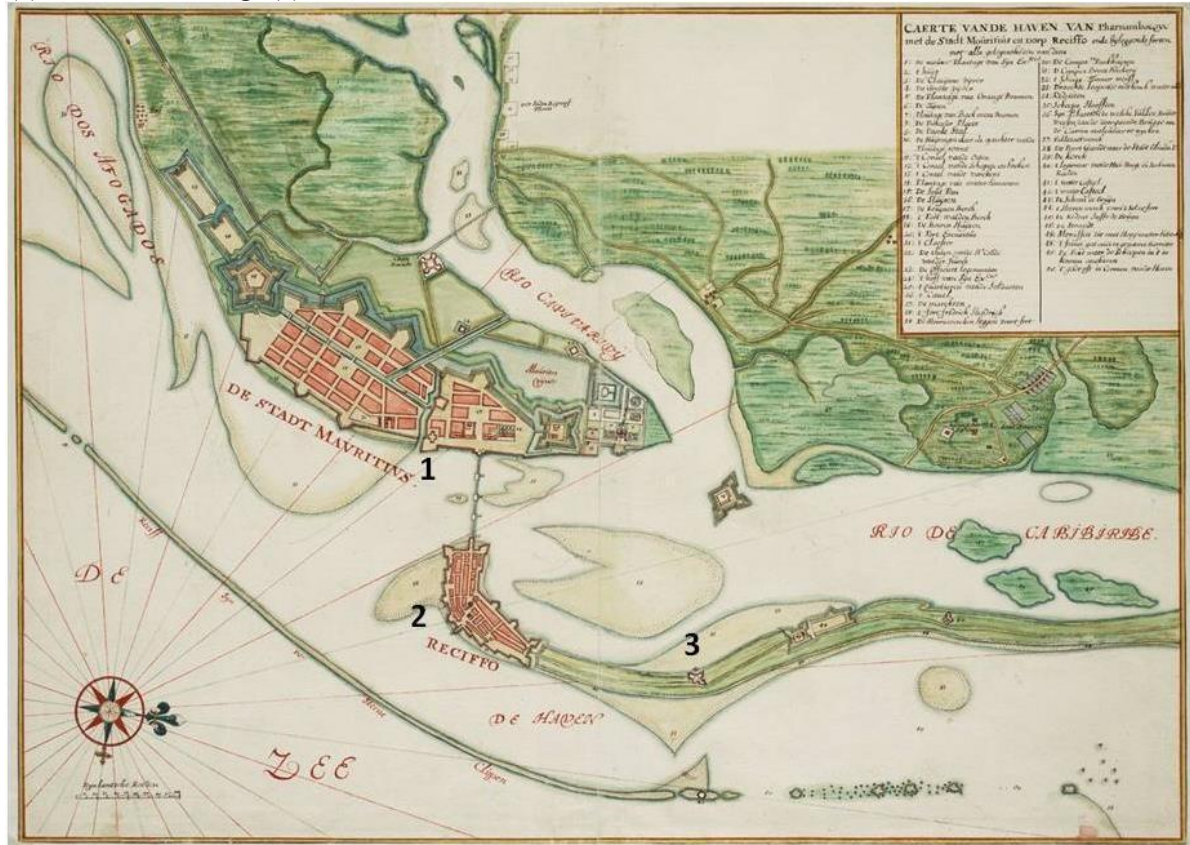
A população do Recife poderia chegar a 2.700 pessoas por km², o que indica a situação habitacional que o Recife passou na segunda metade do século XVII. Essa superpopulação é justificada pelo número de imigrantes que povoava a cidade. Um exemplo claro é o rabino Sefardim Aboab da Fonseca, que ingressou em Recife com grande quantitativo de pessoas. Em 1636 já não havia alojamento nem espaço vago para se construir.

Com a combinação de pessoas querendo morar em Recife e pouco espaço para isso, a solução foi avançar no leito do rio, para tal foram posicionados aterros em alguns pontos.

Já na Ilha Antônio de Vaz, mais tarde nomeada de Maurícia, não se vê a mesma evolução habitacional, o que fez com que o governo holandês construísse uma ponte entre as

duas. Para ele, isso faria de Muarícia um local tão evoluído quanto Recife (Figura 03).

Figura 03: Mapa da Cidade Maurícia e fortificações no ano de 1665. Ilha Antônio de Vaz (1), Bairro do Recife (2) e Forte de São Jorge (3).



Fonte: Manuscrito do Atlas de J. Vingboons, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife 1639. Disponível em: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/Recife-Map1665.jpg>> Acesso em: 15 de abril de 2017.

O Fora de Portas, localizado além da muralha, foi determinado por Maurício de Nassau como depósito de lixos e detritos. Nesse momento já existia menção de uma rua nova com casas de um lado e outro, evidenciando que o Recife já era habitado além dos antigos limites das portas. Pereira da Costa, em seus Anais Pernambucanos, esclarece que esta rua seria batizada posteriormente de Rua do Apolo (COSTA, 1984, p. 124).

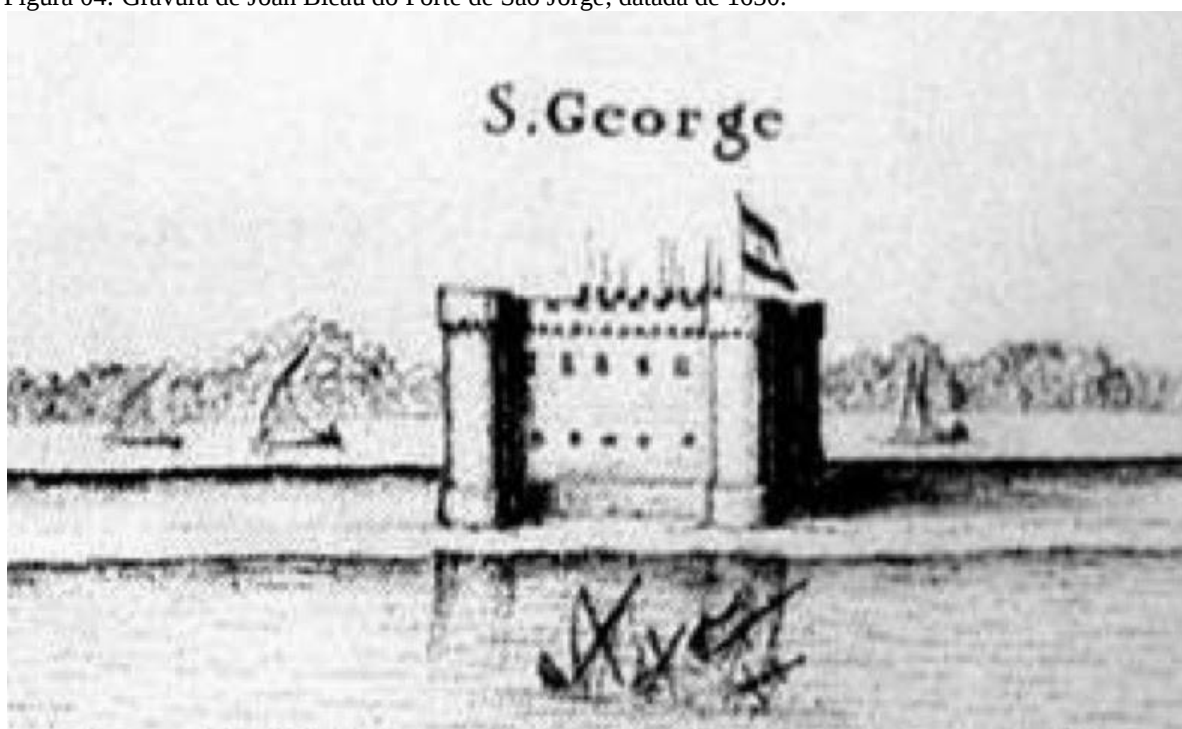
Devido ao desenvolvimento populacional na península, os recifenses foram obrigados a alargar o istmo, os “velhos ermos” do Fora de Portas, especificamente os lados do mar e do rio.

2.2 O FORTE DE SÃO JORGE E SUA UTILIZAÇÃO

O Forte de São Jorge é umas das construções mais antigas do Recife. Em 1578 foi enviado ao rei de Portugal um pedido feito pelo provedor-mor da Fazenda Real do Brasil,

Cristóvão de Barros, apontando a necessidade de se construir uma fortaleza para proteger o porto, em função de constantes ameaças dos navios franceses (Figura 04). Antes da ordem referente a seu pedido, foi construído um forte de madeira, denominado Forte de São Jorge, a custo do dono da capitania e onde hoje se localiza o Forte do Buraco.

Figura 04: Gravura de Joan Bleau do Forte de São Jorge, datada de 1630.



Fonte: Gravura de Joan Bleau, 1630. Disponível em: <<http://bairrodorecife.blogspot.com.br/2014/01/fortesao-jorge-bastiao-da-resistencia.html>> Acesso em: 15 de abril de 2017.

Mais tarde, outro forte como o mesmo nome, Forte de São Jorge, foi construído mais ao sul. O donatário Duarte de Albuquerque faz menção a esse forte no ano de 1630: “Em frente o istmo, que se estende de Olinda ao Porto e povoação do Recife, havia outro forte chamado São Jorge, tão incapaz por sua antiguidade, que suas vigas assentaram alguma artilharia de ferro, que tinha defesa de pouca consideração” (Memórias Diárias de Duarte Albuquerque apud CAVALCANTI, 2009, p. 63).

Durante o período em que os portugueses estiveram à frente da defesa do Recife, eles criaram um sistema de defesa onde se priorizou a guarda do local pelo mar. Para isso foram construídos quatro fortes, a saber: o da Lage (1570), São Jorge (1597), o do Picão (1607 a 1612) e o do Brum (1629 a 1631).

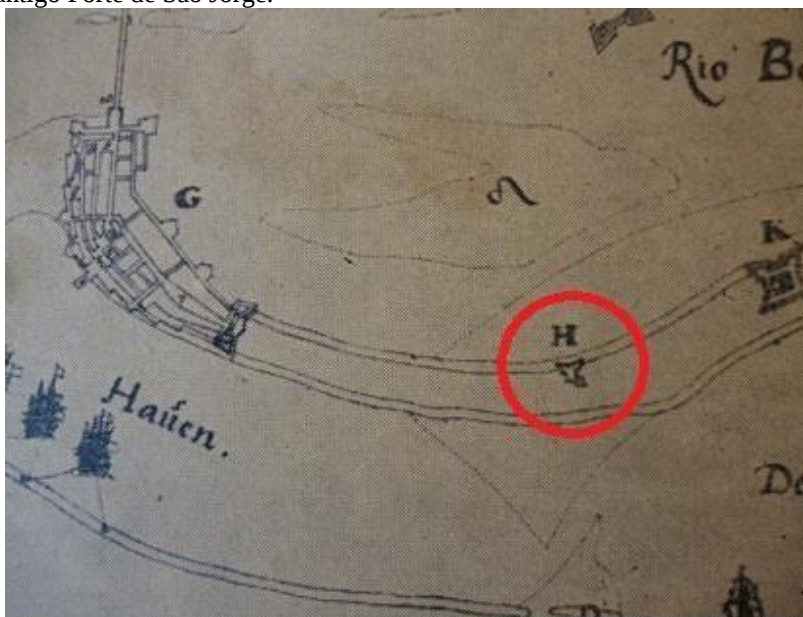
O Forte de São Jorge é uma das edificações mais antigas do Recife, com sua construção iniciada em 1597 e financiada pelo donatário. O forte passou por algumas modificações relacionadas ao tipo de uso; em 1612 estava arruinado e foi restaurado em 1620.

Em 1630, resistindo à invasão holandesa, teve suas muralhas arrasadas (MOREAU e BARO, 1979). Não se mostrando mais eficiente como função de forte, devido ao seu estado de conservação, sua última utilização foi como hospital em 1638 (MELLO, 2001). Para isso, foi concedido pelo Conde Maurício de Nassau a Willen Piso, que passou a utilizá-lo como hospital (GARRIDO, 1940. p. 66). Esse fato pode ser observado no trecho do "Breve Discurso", de 14 de janeiro de 1638 de Maurício de Nassau:

Fora do Recife encontra-se primeiro o velho castelo denominado São Jorge. Achando-se este castelo muito arruinado, os administradores do hospital pediram-no para servir de enfermaria, com promessa de repararem-no interiormente e conservarem-no à sua custa, utilizando-se dele até que seja necessário ao serviço militar e à defesa do Recife, o que resolvemos conceder-lhe para poupar despesas à Companhia, e porque este castelo é atualmente inútil, e sê-lo-á talvez também para o futuro. Contudo ficaram aí todas as peças. (NASSAU-SIEGEN; DUSSEN; KEULLEN, 1638, p. 119).

Segundo Miranda (2004, p. 259), o hospital do Forte “(...) era voltado para o acolhimento dos soldados feridos na guerra e dos doentes oriundos dos navios que realizavam a viagem da Holanda para o Brasil”, assim como para os soldados enfermos da WIC de diversas áreas (Alagoas, Sergipe e Bahia, por exemplo) que eram enviados para o mesmo hospital (Figura 05).

Figura 05: Detalhe do mapa de Cornelis Golijath "Afbeeldinge van drie Steden in Brasil als Olinda de hernambuco, Maurits Stadt, ende Reciffo(...)" de 1648. O círculo chama atenção para o que seria o hospital localizado no antigo Forte de São Jorge.



Fonte: MELLO, 1976.

Ainda segundo Miranda (2014), os problemas relacionados aos hospitais daquela época, como por exemplo, pouca experiência, falta de medicamentos e profissionais de saúde, eram comuns. Entre 1631 e 1638 essa era a realidade dos hospitais:

Os contingentes do exército da WIC eram respectivamente 3.819 e 2.728 militares, sem contar com funcionários civis e marujos estacionados no porto ou em trabalho nas frotas, enquanto que o pessoal destinado a cuidar dos enfermos e feridos abrangia 12 pessoas em 1631 e 36 em 1638, incluindo na contagem os administradores de hospital e os consoladores de enfermos, que a princípio não cuidavam dos doentes (MIRANDA, 2014, p. 250).

No entanto, é importante ressaltar que a medicina da época desconhecia muitas patologias e oferecia poucas alternativas de tratamento aos enfermos, podendo por muitas vezes, oferecer apenas certo alívio à dor (MIRANDA, 2014).

Souza (1885) relata que em 1667 o Forte de São Jorge encontrava-se abandonado e não era mais utilizado como hospital; em 1679 foi doado pelo Governador de Pernambuco, Aires de Souza de Castro, ao Provedor da Fazenda Real de Pernambuco, João do Rego Barros, para que ele construísse em seu lugar a Igreja do Pilar (Figura 06). A construção da igreja teve início em 1680 e prolongou-se até 1683 (COSTA, 1984; CAVALCANTI, 1977; MENEZES, 1988).

Existem relatos de que os restos construtivos do Forte de São Jorge também foram utilizados para a construção do Forte de São João Batista do Brum em 1667 (GARRIDO, 1940, p.66).

Segundo Guerra (1970):

É, incontestavelmente, da construção da antiga capela de Nossa Senhora do Pilar que vem o povoamento de Fora-de-Portas, isto pelas alturas do ano de 1683, data do término das obras de sua construção, que tiveram seus alicerces plantados em 1680. João do Rêgo Barros utilizou nas obras da construção do templo todo o material do demolido forte, entre tijolos, pedras e até mesmo as muralhas, cujos vestígios até bem pouco tempo se viam nas suas proximidades (GUERRA, 1970, p. 11).

Figura 06: Igreja de Nossa Senhora do Pilar.

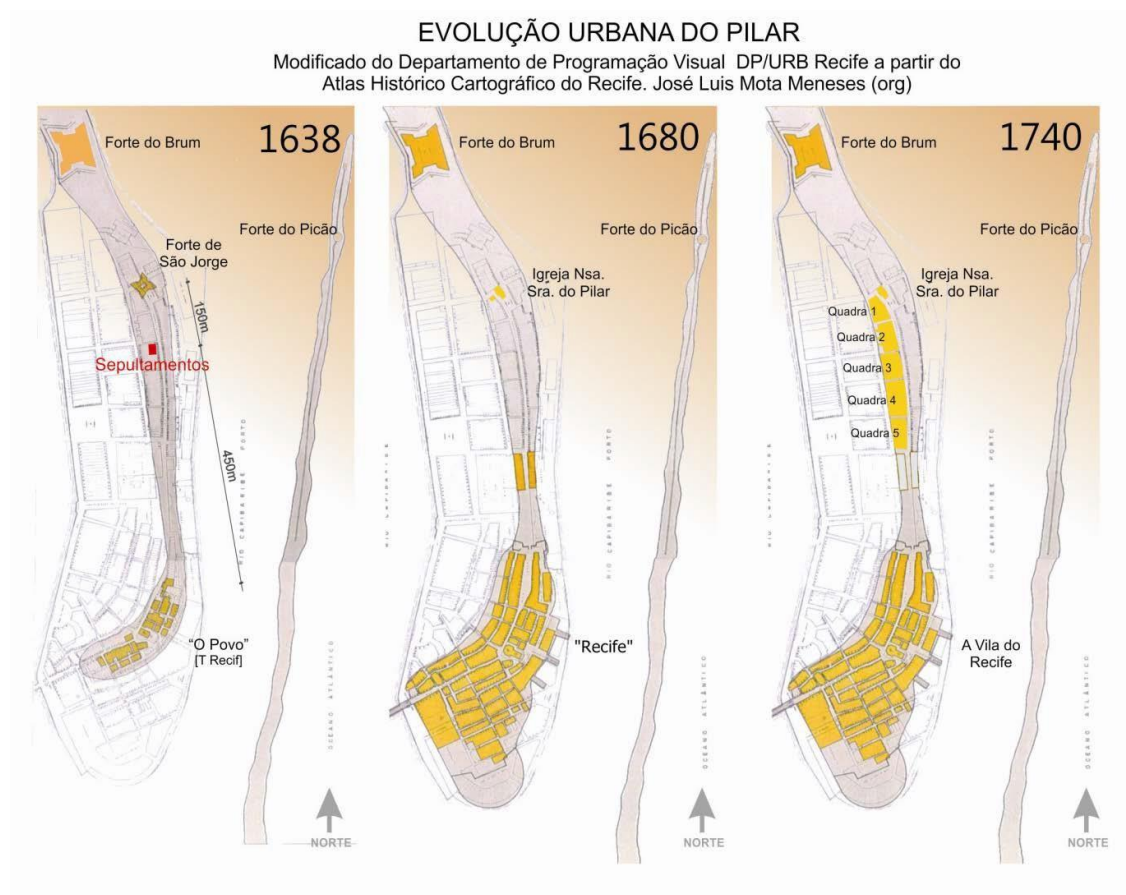


Fonte: Prefeitura do Recife S/D.

Ainda na vigência do então governador D. João de Sousa, foi lavrada uma carta, em 25 de fevereiro de 1682, onde foi doada ao mesmo capitão-mor, João do Rego Barros, 25 braças na praia do Recife. O mesmo utilizou a área para construção de uma casa na margem direita da igreja, a qual foi utilizada pelos romeiros que visitavam a padroeira, Nossa Senhora do Pilar, considerada a santa mais milagrosa na época.

Entre 1680 e a primeira metade do século XVIII, segundo a Planta Cenográfica do Recife, de Loureto Couto, 130 casas já ocupavam a Rua de São Jorge (Figura 07), especificamente na parte oeste da Igreja do Pilar. Cavalcanti (1977, p. 85) menciona essa ocupação: “130 casas construídas na então Rua do Pilar (hoje de São Jorge) e, conseqüentemente, as que ficavam do lado poente, já formavam, de algum modo, a do nascente da atual Rua Bernardo Vieira de Melo”.

Figura 07: Evolução da área do Pilar evidenciando o período em que começou a ser ocupada com edificações não-militares.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013.

A pesquisa realizada por Alves (2016) constatou que o conjunto de 130 casas do século XVII e XVIII informado nos dados históricos como as primeiras habitações do “Fora de Portas”, é de fato referente às fundações identificadas durante as escavações do Sítio do Pilar. Isso ressalta não só a localização sobre sua existência que a parte documental trás, mas também sobre esses dois momentos nítidos ocorridos no local. O primeiro momento da utilização do espaço como cemitério (anterior a 1680), e o segundo momento sobre a moradia de pessoas nesse espaço, a partir de 1680.

Outras pesquisas (SILVA, 2015; DUARTE, 2016) a respeito desse sítio elucidam que os remanescentes humanos identificados no local condizem a uma população com aspectos religiosos (prática protestante) e patológicos (indícios de escorbuto) referente às tropas que residiam ali no século XVII.

2.3 OS SOLDADOS DA WIC ENVIADOS AO BRASIL

Quanto à população ligada exclusivamente a WIC, Miranda (2014) faz um importante estudo sobre o quantitativo de militares enviados ao Brasil, a origem geográfica e social dos contingentes, incluindo aspectos de faixa etária, estado civil e opção religiosa. Entretanto, destaca que a tentativa de se estimar dados mais profundos sobre esse grupo foi visto por alguns historiadores como difíceis de alcançar, devido à escassez e a natureza das fontes. O pesquisador ressalta:

Parte dos militares a serviço da Companhia das Índias Ocidentais enviados ao Brasil devem ser pensados como trabalhadores migrantes redirecionados ou transmigrantes. Eles viajavam sob contrato temporário e normalmente tinham por intenção retornar para a Europa em algum momento. No entanto, é muito difícil identificar quem pretendia migrar e quem queria apenas passar um determinado tempo e retornar. A falta de registros que contenham dados mais apurados sobre o retorno, em termos quantitativos, torna tal tarefa de difícil execução (MIRANDA, 2014, p. 34).

De acordo com Miranda (2014) em relação à quantificação dos soldados, existe uma lacuna na documentação que impossibilita dispor com segurança o número real dos militares que foram levados da Europa para o Brasil. Outros fatores contribuem para a não precisão desses números, a saber: dispersão por perda dos dados relacionados aos navios, recrutamento de pessoas no trajeto das viagens, erros e falta de registro de desertores, mortes, fugas e etc. Ainda assim, é possível observar uma estimativa do número de soldados e ano que foram enviados para o Brasil (Tabela 01).

Tabela 01: Amostragem do envio/chegada anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil (entre os anos de 1629 e 1651).

Ano	Número de militares	Ano	Número de militares
1629	3.500	1639	1.200
1630	860	1640	± 2.500
1631	26	1643	43
1632	826	1646	3.110
1633	1.685	1647	352
1634	3.519	1648	2.500
1635	572	1650	48
1636	2.570	1651	99
1637	2.368		

1638	896		
			Total 26.674

Fonte: MIRANDA, 2014, p. 37.

Outra amostragem (Tabela 02) baseada nas listas gerais de tropas da WIC aponta 3.369 homens, demonstrando que o quantitativo de militares enviados para o Brasil pode ser maior do que demonstrado da Tabela 01.

Tabela 02: Amostragem do quantitativo anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil (entre os anos de 1630 e 1654).

Ano	Nº. de militares (mês)	Ano	Nº. de militares (mês)
1630	3.367 (fev.)	1642	4.405 (jul.)
1631	3.819 (out.)	1643	2.700 (s/mês)
1632	3.202 (nov.)	1644	2.750 (dez.)
1633	2.500 (jul.)	1645	2.017 (set. 1645/jan. 1646)
1634	3.360 (ago.)	1646	2.017 (set. 1645/jan. 1646)
1635	4.409 (s/mês)	1647	3.290 (s/mês)
1636	3.580 (jun.)	1648	5.955 (jun.)
1637	3.098 (jan.)	1649	3.611 (set.)
1638	2.728 (jul.)	1650	2.980 (fev.)
1639	3.730 (fev.)	1651	2.425 (jan.)
1640	6.019 (jul.)	1653	2.309 (jan.)
1641	5.395 (jul.)	1654	1.200 (jan.)

Fonte: MIRANDA, 2014, p. 38.

No que diz respeito à origem geográfica, isso poderia variar dependendo das circunstâncias, podendo aumentar a dispersão em períodos de emergências ou guerra. Segundo Miranda (2014), uma maneira de saber sobre a origem dos militares é analisando os diversos arrolamentos da administração da Companhia, como listas de dispensados do serviço, listas de doentes, listas de licenciados, listas de mortos, listas de pagamentos e listas de militares transportados ao Brasil.

Em um manuscrito “Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil”, elaborado pelos guarda-livros da Companhia das Índias Ocidentais Gillis Van Schendel e Johan Van Der Dussen e entregue aos Estados Gerais em 1655, é possível observar apontamentos sobre as tropas no Brasil entre 1648 e 1654 (Miranda, 2014, p. 43). Essas informações serviram para montar um panorama da origem das tropas no

período citado (Tabela 03).

Tabela 03: Origem geográfica de militares da WIC que serviram no Brasil (entre 1632 e 1654).

Origem	Número	Percentual
República das Províncias Unidas/Províncias do Norte	1.550	36%
Sacro Império Romano (principalmente os Estados Alemães)	1.131	26,3%
Países Baixos Espanhóis/Províncias do Sul	518	12%
Inglaterra	420	9,8%
França	286	6,7%
Escandinávia	154	3,6%
Escócia	143	3,3%
Irlanda	45	1%
Polônia	33	0,8%
Outros	23	0,5%
Total	4.303	100%

Fonte: MIRANDA, 2014, p. 43.

Em relação aos aspectos econômicos, Miranda (2014) ressalta como eles podem ter influenciado no recrutamento das pessoas para trabalharem na WIC:

A prosperidade econômica da República era por si só um importante fator de atração, que aliado à liberdade religiosa e à existência prévia de uma rede de comunicações – terrestres, fluviais e marítimas – atraía e facilitava o deslocamento de um grande número de pessoas. Ademais, o declínio econômico dos Estados Alemães durante a primeira metade do século XVII também impulsionou a movimentação de “alemães” para a República (MIRANDA, 2014, p. 48).

No que condiz à origem social dos soldados, existe uma visão generalizante sobre a vida dos que ingressavam na WIC. Alguns pesquisadores descrevem, em sua maioria, que a procura por esse tipo de serviço era resultado de problemas econômicos que enfrentavam na Europa. Essas pessoas estavam fugindo da miséria e indo à procura de melhorias.

Alguns pesquisadores têm uma visão linear e negativa quanto à origem social dos soldados, ou seja, que seriam miseráveis sem nenhum conhecimento. No entanto, para Miranda (2014) existem relatos de que existiam homens com formações e aptidões diferentes, mesmo que isto represente uma minoria. Essas aptidões diferenciadas poderiam ser observadas pela mudança de função dentro da Companhia, ou seja, geralmente quem sofria

esse tipo de mudança tinha um histórico relevante antes de ser militar.

Segundo Miranda (2014), a faixa etária desses soldados recrutados para o Brasil variava entre 18 e 30 anos, registro esse que foi feito pelos notários dos Países Baixos. O levantamento de dados precisos sobre a faixa etária dos soldados ingressos no Brasil pela WIC se limita em função da escassez de tais dados, mas não deve diferir muito do que foi apresentado, conforme sugere Miranda (2014, p. 61-62) “O exército da Companhia era composto em sua maioria de homens jovens e adultos em sua idade mais produtiva, não compondo, nos séculos XVII e XVIII, um ajuntamento de meninos e velhos como podem pensar alguns autores”.

A partir dos dados expostos observa-se que os soldados vindos para o Brasil pela WIC eram de origem social e geográfica distintas. Suas religiões também oscilaram, muito embora não se tenha uma precisão sobre a opção de cada um (MIRANDA, 2014, p. 66). É possível inferir que, levando em conta a origem geográfica desses soldados, eles eram adeptos de religiões protestantes (calvinista e luterana) e uma parcela de católicos, embora estes poderiam não serem vistos com bons olhos, pois para alguns integrantes da WIC isso poderia implicar traições, passando para o lado dos portugueses. Existiam também outros tipos de protestantes que coexistiam na própria República, a exemplo dos anabatistas, batistas e judeus; estes últimos, provavelmente levados devido à tolerância religiosa e a liberdade de consciência garantida pelos Estados Gerais (MIRANDA, 2014, p. 66).

Outro ponto relevante é sobre a quantidade de soldados da WIC mortos, feridos ou doentes durante o serviço militar. Impressiona a estatística sobre esse tema, mesmo com a deficiência de relatórios mais precisos. Em 1630, percebe-se uma baixa significativa dos soldados, acometidos por doenças e mortos em combate, levando ao número de 41,31% da tropa. Muitos recrutados já chegavam ao Recife doentes, o que agravava ainda mais a situação. Alguns pesquisadores defendem a hipótese que durante o século XVII a maior baixa das tropas da WIC foi causada por doenças. Para Miranda (2014) poucos dados quantitativos foram apresentados para provar essa conjectura.

A partir de 1633, é observada uma melhora no número de baixas por doenças, o que pode estar relacionado ao quantitativo de territórios produtores conquistados e, conseqüentemente, ao acesso a uma melhor alimentação. Entretanto, “as baixas por enfermidades continuaram, até o fim da ocupação, a alcançar níveis superiores a 10%, a exemplo dos já mencionados percentuais de baixa por doença ou incapacidade dos anos de 1634 (26,04%), 1635 (20,14%), 1639 (13,08%), 1649 (10,22%), 1650 (10,48%) e 1651 (18,42%)” (MIRANDA, 2014, p. 190).

Muitos doentes e feridos eram enviados de volta para a Europa, deixando de servir a Companhia, ou por serem vistos como incapazes ou por não haver tratamento médico no Brasil para suas enfermidades. Entre as doenças que mais atingiam os soldados no período da ocupação estão, em maior intensidade, o escorbuto e a cegueira (noturna ou diurna); e, entre as de menor frequência, a bexiga, hidropisia, sífilis, tuberculose, alcoolismo e outras. Muitas dessas doenças eram causadas pelos hábitos de alimentação e higiene precária em que as tropas viviam.

De acordo com Mello (2001) o escorbuto também estava atribuído, muitas vezes, à alimentação precária dos soldados:

A situação alimentar chegou a extremos terríveis; durante três longos anos os documentos estão cheios de suplicas e queixas: “vivemos em uma ponta de terra, sem liberdade de nos dirigir para o interior, pois a falta de refrescos e de madeira, tanto para construção, como para a cozinha, é suficiente para nos manter aqui sem possibilidade de realizar ulteriores ataques; sem refrescos, a tropa não se sustenta senão com alimentos vindos da Pátria, é vítima do escorbuto, como se verifica diariamente e não se obtendo nem verdura nem água fresca, necessariamente definha até a morte, sem que neste areal possa ser empregado qualquer expediente” (MELLO, 2001, p. 45).

Os soldados acometidos por essas doenças, em alguns casos, eram enviados para hospitais próximos, pois a Companhia não levava hospitais de campanha. Em 1637, um relato de um soldado que estava em péssimas condições de saúde, pode reafirmar a existência do hospital em Recife, já mencionado e funcionando em 1638.

Nessa época os hospitais não eram exclusivos dos soldados para os militares. Em relação às pessoas que trabalhavam no hospital, no ano 1642 no Recife e nas guarnições dos fortes circunvizinhos, trabalhavam farmacêuticos, barbeiros e consoladores de doentes, além do médico pessoal de Nassau, Willem Piso, e do Mestre Duurcoop, ambos estacionados no hospital (MIRANDA, 2014, p. 213). Entre os problemas que afetavam os hospitais na época destacavam-se a falta de funcionários suficientes para cuidar dos doentes, a falta de leitos e medicamentos.

2.4 O SÍTIO DO PILAR

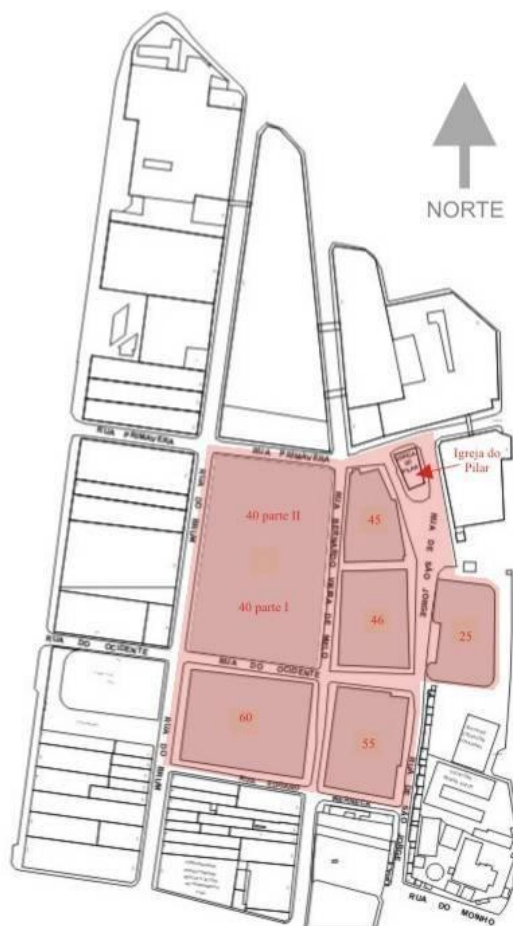
O Sítio do Pilar foi identificado na etapa de pesquisa dos trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados pela Fundação Seridó, durante a execução do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar, no Bairro do Recife, Recife/PE. O

acompanhamento arqueológico dessa área está em acordo com a legislação brasileira³, que protege os monumentos arqueológicos e controla as atividades que exigem escavações em áreas de interesse.

O Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar é realizado pela Prefeitura do Recife e abrange uma área de 32.880m², distribuídos em 6 quadras (Quadra 40 parte I e parte II e Quadras 60, 45, 46, 25, 55) e parte do espaço urbano adjacente (Figura 08). A Fundação Seridó realizou atividades de acompanhamento arqueológico entre 2010 (início da obra) até o ano de 2014. Atualmente a obra continua em andamento, porém com acompanhamento de outra equipe de arqueologia.

³ Portaria 7/1988, do IPHAN (recomendação de 20 de setembro de 2000 do Ministério Público Federal) e Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961.

Figura 08: Quadras 40-Parte I, 40-Parte II, 60, 45, 46, 25, 55 e pátio da Igreja do Pilar.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2014.

Entre as atividades que estiveram sob a responsabilidade da Fundação Seridó, pode-se destacar:

- ETAPA 1: Apresentação, defesa, acompanhamento e aprovação da proposta de intervenção arqueológica à Prefeitura do Recife. Atividade realizada em 2009;
- ETAPA 2: Acompanhamento arqueológico da demolição de construções que não eram de interesse arqueológico, da escavação e da consolidação temporária das ruínas de interesse arqueológico e acompanhamento das obras civis para a implantação do habitacional do Pilar;
- ETAPA 3 - Prospecção arqueológica para localização do Forte de São Jorge; pesquisa arqueológica das quadras Q40 parte I (ruínas), Q60 (ruínas), Q55, Q45, Q46 e Q25.

O projeto de acompanhamento arqueológico aprovado pelo IPHAN previa pesquisas em alguns trechos da obra (Figura 09), como descreve o item 4.2.4. *Pesquisa Arqueológica:*

“As atividades de pesquisa arqueológicas serão realizadas nas quadras, ao longo da Rua de São Jorge (quadras Q-45, Q-46, Q-55 e Q-25) e nas Ruínas existentes em trechos da Rua do Brum, Rua do Ocidente e Rua Bernardo Vieira de Melo (quadras Q-40 parte II, e Q-60)”. Isso possibilitou a identificação do Sítio do Pilar.

Figura 09: Áreas onde foram realizadas as pesquisas arqueológicas.



Fonte: Projeto de Acompanhamento Arqueológico para as obras de implantação do Projeto Habitacional do Pilar, 2009.

2.4.1 A identificação do sítio

A Quadra 55, local onde o sítio está localizado, posiciona-se sobre camadas de aterros e da matriz arenosa - o “istmo” - que ligava Recife e Olinda. Para o desenvolvimento da pesquisa foi preciso realizar o procedimento de desocupação da área, que até então era ocupada por moradores da comunidade do Pilar. Suas moradias eram improvisadas, normalmente feitas com tapumes, madeiras e, em alguns casos, alvenaria. Esse tipo de construção, muitas vezes sem fundações de alicerces, causa danos menores ao sítio.

Porém, devido a problemas judiciais, nem todas as construções foram demolidas na área da pesquisa. Ficaram ainda dentro da área duas construções: uma moradia (casa número 7) e um bar (Figura 10).

Figura 10: Área disponível para pesquisa: Croquis 01 - primeiro momento, a partir de 07 de janeiro de 2013; e Croquis 02 – depois de 14 de maio de 2013.

CROQUIS DA QUADRA 55.

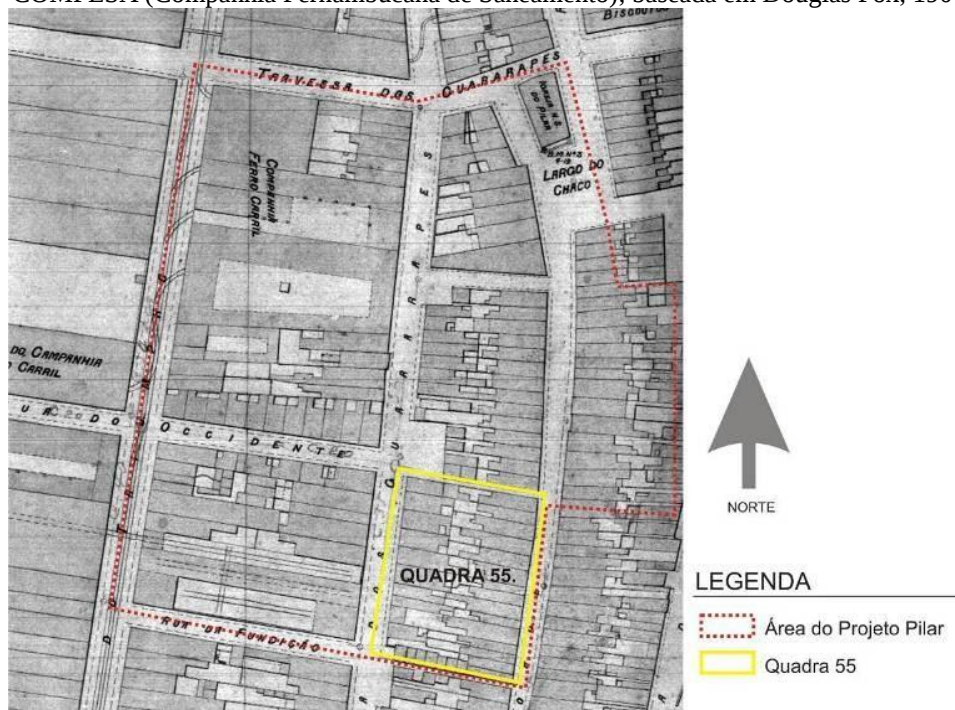


Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013.

A escolha da área de pesquisa ocorreu, principalmente, devido aos dados históricos sobre a antiga ocupação do bairro, como os restos construtivos do Forte de São Jorge sob a Igreja do Pilar e a Rua de São Jorge, a primeira construída no “Fora de Portas”; como destaca o item 4.2.4. *Pesquisa Arqueológica*: os objetivos iniciais estão assim descritos: “Nesta pesquisa é provável que sejam identificados vestígios arqueológicos da presença portuguesa e da ocupação holandesa. A pesquisa arqueológica nas ruínas existentes viabilizará, através da identificação de vestígios da cultura material, um maior conhecimento do período colonial e do ulterior desenvolvimento do Bairro do Recife (Fundação Seridó, 2013). Partindo desses pressupostos, a equipe de arqueologia iniciou sua pesquisa na Quadra 55, em 07 de janeiro de 2013.

O objetivo inicial da pesquisa era compreender como ocorreu a ocupação da Quadra 5, motivo pelo qual foram delimitadas algumas trincheiras na margem leste da quadra. Isso possibilitaria a compreensão da ocupação através da análise da cultura material identificada durante a escavação, como estruturas construtivas, vestígios do cotidiano (louça, cerâmica, vidro, grés, metal, etc.) e análise do perfil estratigráfico para compreender a evolução do local através dos seus aterros, propositalmente colocados sobre e na margem do istmo para a ampliação do bairro (Figura 11).

Figura 11: Localização da área do Projeto Pilar e Quadra 55, sobrepostos no mapa da COMPESA (Companhia Pernambucana de Saneamento), baseada em Douglas Fox, 1906.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2014.

No início da escavação foram identificados ossos durante o desmoronamento do perfil estratigráfico da Trincheira 02. Após análise realizada por Sergio Monteiro⁴, foi constatado que se tratavam de ossos humanos, fato que mudou o rumo das pesquisas. Com a continuidade da escavação e o aparecimento de novos sepultamentos, percebeu-se que o número de indivíduos era muito maior do que se esperava. Todos os sepultamentos identificados estavam na camada de matriz arenosa pertencente ao istmo, razão pela qual eles foram tratados com muito mais cuidado, vez que essa era a única camada em contexto original do sítio.

Ficou visível que a equipe presenciava dois momentos distintos de ocupação: o primeiro relacionado aos sepultamentos; e o segundo referente à construção de casas sobre os mesmos (Figuras 12 e 13).

⁴ Professor e Coordenador do Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Figuras 12: Identificação dos sepultamentos com seus membros inferiores sob estrutura de alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figuras 13: Sepultamentos dispostos em camada abaixo das estruturas de alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Até então desconheciam-se fontes históricas que citassem a existência de um possível cemitério na área pesquisada. Questionamentos sobre quem eram, como morreram e porque foram enterrados ali, passaram a compor os objetivos da pesquisa (Figura 14).

Figura 14: Esqueletos identificados, dos quais 11 foram escavados e retirados até março de 2014.



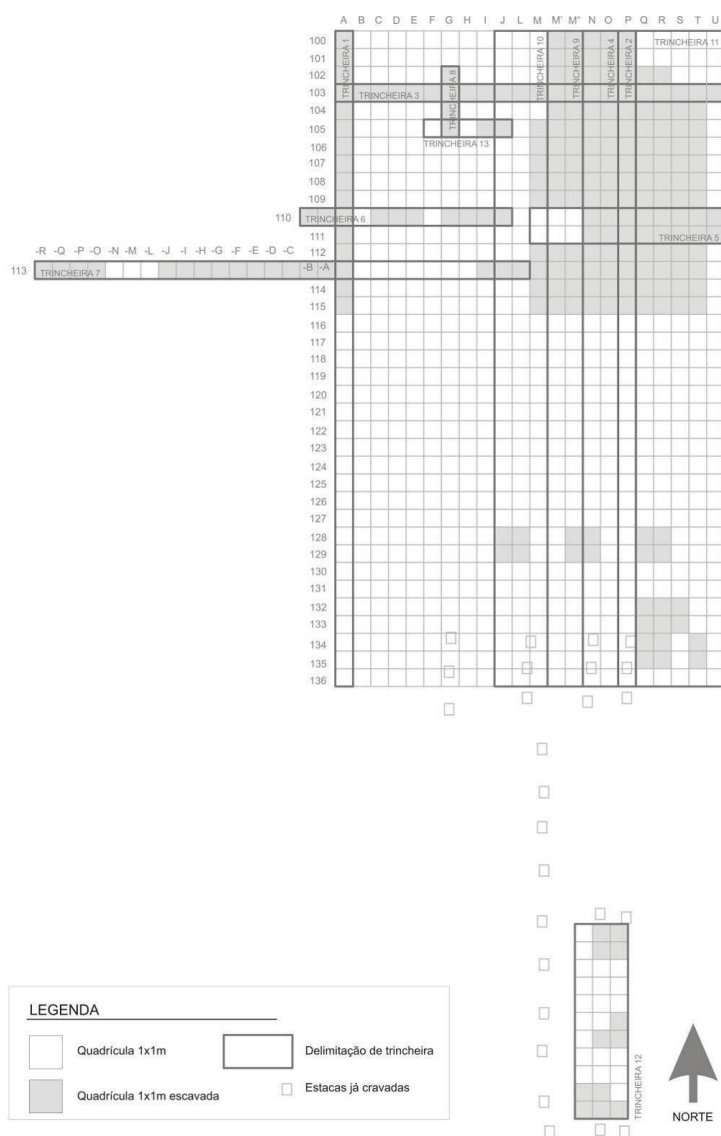
Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

2.4.2 Métodos de escavação aplicados no sítio

A escavação utilizou a metodologia de quadriculamento 1m x 1m (FUNDAÇÃO

SERIDÓ, 2013) posicionadas no sentido norte/sul, leste/oeste. Prevendo futuras ampliações a partir dos achados arqueológicos, a marcação das trincheiras levou em consideração essa hipótese, podendo ser ampliadas para qualquer direção. Com isso, foi utilizado um sistema de organização e designação das unidades em modo alfanumérico: os quadrados no sentido norte-sul foram denominados a partir do número 100 e aqueles no sentido leste-oeste foram denominados a partir da letra A (Figura 15).

Figura 15: Quadrículas alfanuméricas empregadas na quadra 55, com demarcação das trincheiras.

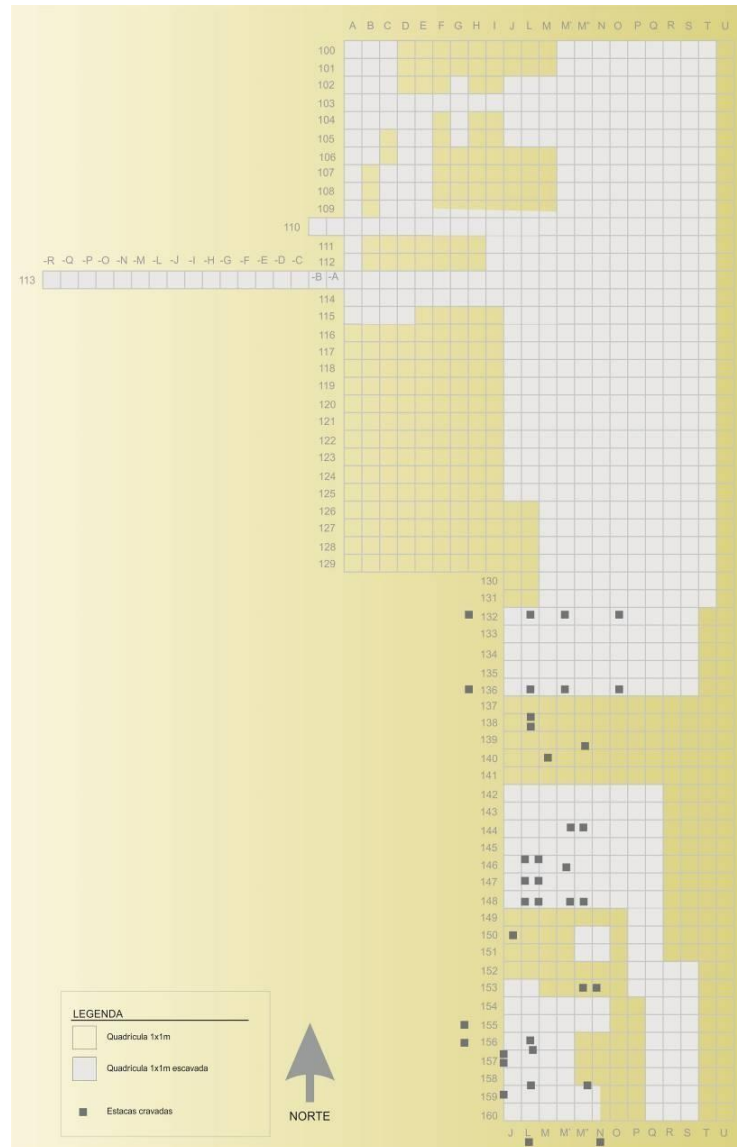


Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013.

A malha inicial tinha 15 m x 15 m, sendo posteriormente expandida devido à identificação de novos vestígios, inclusive de outros sepultamentos. Sua metragem contou com 39 m no sentido leste-oeste e 61 m no sentido norte-sul, contabilizando 598 quadrículas

escavadas e um total de 801 demarcadas⁵ (Figura 16).

Figura 16: Esquema de quadrículas alfanumérico escavadas na Quadra 55.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2014.

Inicialmente, foi adotada a metodologia de escavação por níveis artificiais, porém quando se observou as camadas definidas no perfil, este método foi substituído por níveis naturais, obedecendo às características de cada camada, como tipo de sedimento, tonalidades, textura e tipo de vestígios encontrados.

A partir do momento em que os sepultamentos foram identificados a metodologia foi

⁵ 414 quadrículas alcançaram o nível imediatamente acima dos esqueletos, cerca de 1,95 m de profundidade, somando um volume de escavação manual de 807,3 m³; 184 quadrículas foram escavadas com profundidade média de 1 m, somando um volume de escavação manual de, aproximadamente, 184 m³.

aplicada de forma ainda mais minuciosa. A escavação da camada onde estavam localizados os sepultamentos (130 m a 175 m de profundidade), pertencente ao istmo (camada mais contextualizada do sítio), foi escavada por decapagens arbitrárias de 5 cm em 5 cm. Nas camadas sobrepostas àquela dos sepultamentos seguiu-se a escavação por níveis naturais, uma vez que estavam bem delimitadas e sua procedência era de um momento posterior ao dos sepultamentos (Figura 17).

Figura 17: Escavação dos sepultamentos.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Quanto à evidenciação e registro dos sepultamentos, foi adotada uma série de procedimentos, a saber:

- Para a evidenciação foi realizada uma escavação detalhada, com a utilização de pincéis, espátula de madeira, colher de pedreiro e uso de luvas e máscaras. O esqueleto era escavado, em um primeiro momento, com a retirada de 1/3 de seu sedimento, o que permitia que o mesmo não ficasse tanto tempo exposto às ações do ambiente externo. Em alguns esqueletos, partes como os pés, mãos, pelve e crânio, ficaram com o sedimento sobre eles até o momento exato de sua retirada, o que favorece sua conservação, uma vez que ficam mais vulneráveis quando expostos. Nesse momento é importante estar atento para qualquer alteração no solo que possa indicar marca de

cova e/ou acompanhamentos funerários. A escavação total do sepultamento deve ser realizada apenas depois de todo seu registro.

- Após a evidenciação parcial do esqueleto foram realizadas fotografias de campo, verticais e oblíquas, sempre com a seta indicadora do Norte geográfico e um cartão contendo o número do esqueleto, a trincheira, as quadrículas, nível estratigráfico e a data do registro fotográfico com a escala.
- A realização de croquis foi feita com a utilização com papel milimetrado de forma direta (em campo) ou através de fotografias (em laboratório).

Figura 18: Confeção de desenho de esqueleto em campo.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

- A coleta de dados através do scanner 3D também foi utilizada nesse sítio. O equipamento permite uma precisão dos dados dos sepultamentos (modelo da marca *Minolta Vivid 910*) ou do contexto do sítio (modelo *Faro*, com giro de 360°). A coleta dos dados através desses equipamentos permite reconstituir o sítio em laboratório devido a sua precisão (Figuras 19 a 21).

Figura 19: Escaneamento dos esqueletos através do equipamento Minolta Vivid 910.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figuras 20: Imagens produzidas pelo Scanner Malha de polígonos que dá forma ao modelo resultado da leitura do Scanner.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figuras 21: Modelo tridimensional com textura aplicada, a partir de fotos em duas dimensões do objeto escaneado.

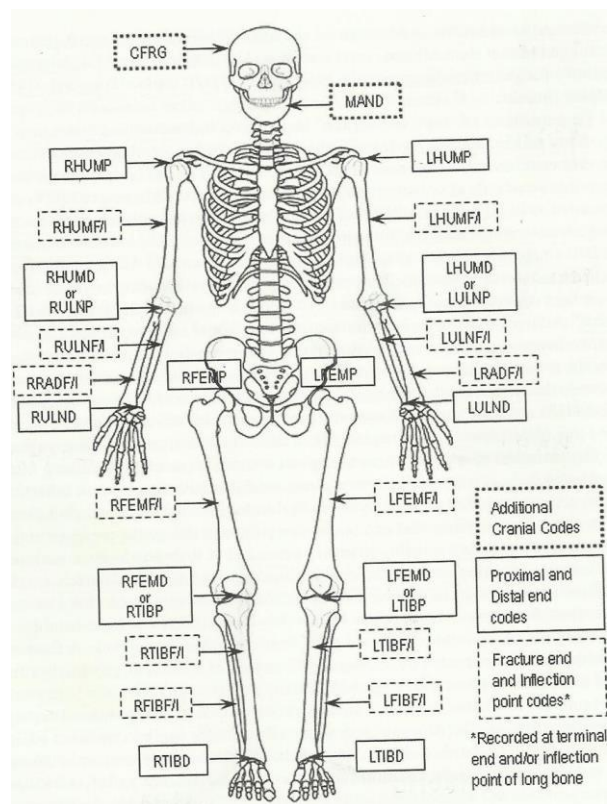


Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

- Após o registro de imagens foi realizado o levantamento topográfico do esqueleto. De cada indivíduo foram retirados 15 pontos altimétricos adotados para mapear os sepultamentos (ossos humanos), conforme adaptações às sugestões descritas em H. Tuller, U. Hotmeister, S. Daley (2008, p. 26). (Figura 22): a) G ou DAA ou EAA (Glabella, Abertura auricular Direita ou Esquerda no crânio); b) C1 (ponto sobre o centro do corpo da vértebra cervical 1 – atlas – ou no ponto de contato entre o crânio/mandíbula e a coluna cervical); c) S1 (ponto sobre o centro da articulação entre a 5ª vértebra lombar e a 1ª vértebra sacral); d) DUMP e EUMP (pontos na epífise ou extremidades do terço proximal dos úmeros direito e esquerdo, no centro da articulação com a escápula direita e esquerda); e) DUMD e EUMD (pontos nas epífises ou extremidades dos terços distais dos úmeros direito e esquerdo) DULD e EULD

(pontos nas extremidades distais das ulnas direita e esquerda, junto dos carpos); g) DFEMP e EFEMP (pontos nas extremidades das epífises proximais dos fêmures direito e esquerdo, nos centros com as articulações com os acetábulos); h) DFEMD e EFEMD (pontos nas extremidades das epífises distais dos fêmures direito e esquerdo, no centro das articulações com as tíbias); i) DTIBD e ETIBD (pontos nas extremidades das epífises distais das tíbias, nos centros das articulações com os tálus) (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013).

Figura 22: Pontos altimétricos coletados em campo.



Fonte: H. Tuller, U. Hotmeister, S. Daley (2008, p. 26).

- Para observar o pH do solo e realizar análises relacionadas às condições de preservação dos ossos, foi realizada coleta de sedimento e teste no local do sítio (Figura 23).

Figura 23: Teste realizado em campo para observação do pH do solo.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE

- Por fim, a retirada do esqueleto. Para isso foi preciso evidenciar ainda mais os ossos, deixando-os totalmente visíveis para retirada da foto final e facilitar o momento da retirada do sepultamento. No momento da retirada, o arqueólogo esteve munido, além das ferramentas citados, da ficha com a ordem e numeração de retirada de cada osso, a qual possuía um número próprio e todos os dados do registro descrito em etiqueta confeccionada ali mesmo. O crânio foi o primeiro a ser retirado. Primeiramente foi colocada uma camada de sedimento dentro da caixa (a mesma camada que o indivíduo estava localizado), como forma de reproduzir, mesmo que minimamente, as condições do ambiente dentro do recipiente. Durante o processo de retirada do crânio foi preciso tomar muito cuidado, pois os ossos que o compõem são essenciais para análises que dizem a respeito à sua ancestralidade, por exemplo. Em seguida os demais ossos foram retirados pela ordem da numeração da ficha. É importante ressaltar que essa ficha foi elaborada para sepultamentos em deposição estendida, onde era possível controlar sua retirada; diferente de um sepultamento em deposição sentada, onde a ordem de retirada dos ossos é regida pela própria acomodação dos mesmos. Cada osso foi acondicionado em sacos de papel e plástico (devido à umidade do local), devidamente etiquetado e armazenado em caixas plásticas grandes com plastibolha para absorver o impacto e evitar danos durante o transporte. As fichas também foram depositadas junto de cada esqueleto (Figuras 24 e 25).

Figura 24: Retirada do crânio para acondicionamento.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 25: Retirada dos sepultamentos.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

- Outro método de retirada dos sepultamentos também foi testado: visando uma rápida retirada e consequentemente a preservação dos ossos, foi realizado o encasulamento, especificamente, dos esqueletos 10 e 11. O procedimento seguiu a cobertura com plástico filme e atadura em todo o esqueleto, parcialmente escavado, visto que era necessária a presença de sedimento ao seu redor para imobilizar todos os ossos. Por cima da atadura foi colocada fita adesiva para melhor fixação. Terminado essa etapa foi introduzida fibra vegetal (para dar mais plasticidade ao gesso) e, logo após, o próprio gesso já umidificado. O gesso foi passado em volta de todo o esqueleto até formar um verdadeiro casulo. Após 24hs de secagem foi realizado o teste de retirada, porém como o sedimento é muito arenoso e úmido (devido à oscilação da maré), não foi possível retirar o casulo com êxito: o sedimento se desprende e por isso a equipe resolveu não aplicar o método nos outros indivíduos (Figura 26).

Figura 26: Encasulamento do esqueleto 10.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013.

- Durante a retirada dos sepultamentos foram coletadas algumas amostras de sedimento em campo para análise parasitológica, principalmente da região pélvica ou logo abaixo das costelas, bem como amostras da parte próxima ao crânio ou de algum dos ossos longos. A coleta foi realizada com cuidado para não contaminar as amostras. Para cada coleta foram retirados 200 g de sedimento (Figura 27).

Figura 27: Coleta de sedimento na região próxima ao fêmur esquerdo.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

- Após a remoção de todos os ossos foram realizadas sondagens na própria cova, a fim de verificar a possibilidade de uma cova coletiva. A dimensão da sondagem era de 30

cm x 30 cm, posicionada no centro de cada cova (Figura 45).

Figura 28: Sondagem realizada sob o sepultamento, após sua retirada.

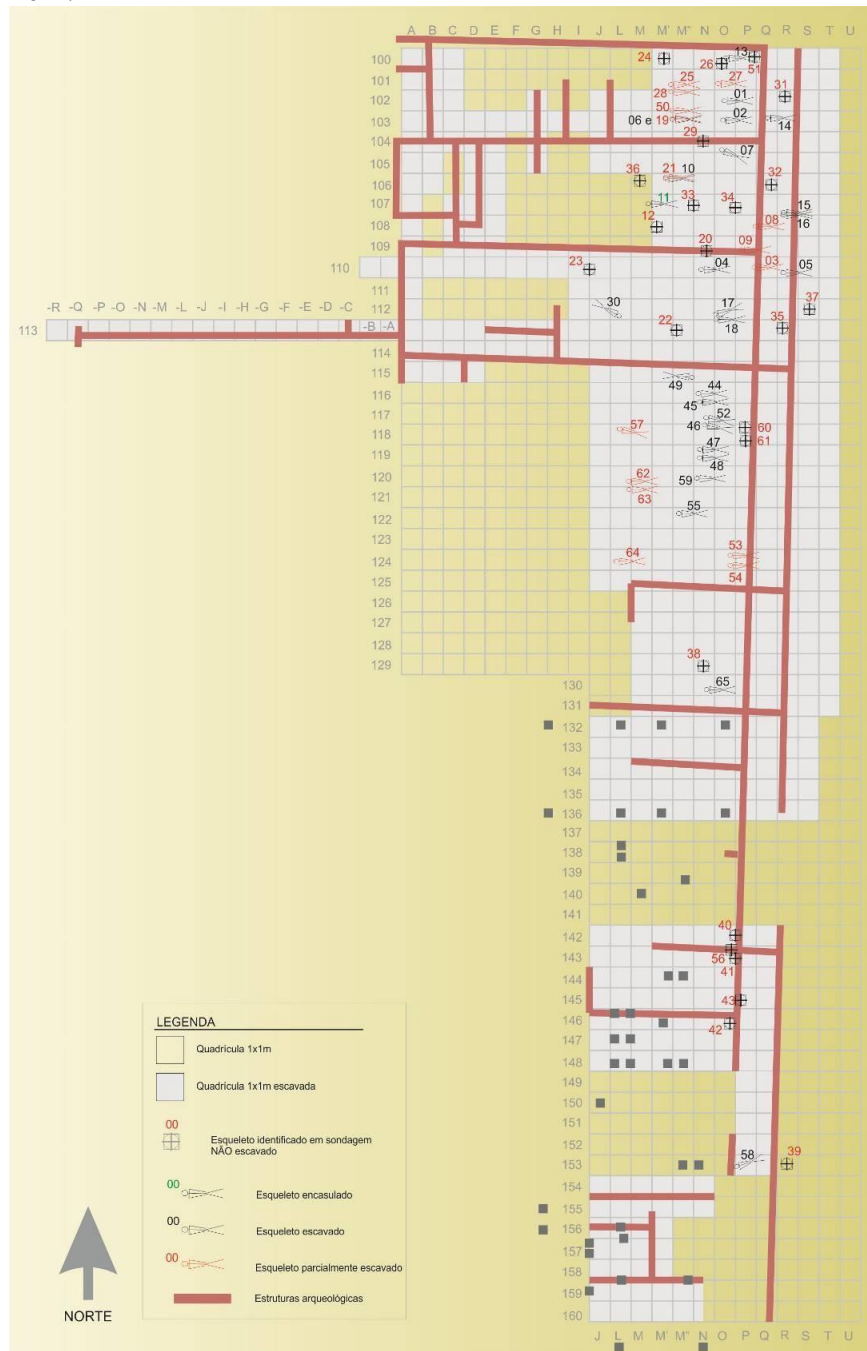


Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

- Já em laboratório, o tratamento dos remanescentes dos sepultamentos incluiu: desumidificação, limpeza, reconstituição, identificação das unidades ósseas e dentárias, estimativa do sexo, idade, estatura, ancestralidade, indicadores de doenças, traumas, anomalias e alterações tafonômicas, registro, inventário fotográfico e descritivo e análises de amostras (biomoleculares, radio carbônicas, de pH, físicas) para a inferência sobre o modo de vida, tipos de mortes – relacionadas a eventos de guerra e epidemias, por exemplo - e da origem da população inumada no Pilar e a sua relação cronológica e espacial com os remanescentes arquitetônicos existentes na área (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013).

Do universo de 65 esqueletos identificados apenas 28 foram retirados. A retirada foi dividida em duas etapas, uma em 2013 e outra em 2014. Atualmente todos estão depositados na RETEC-ORG – UFPE (Figuras 29 a 32).

Figura 29: Croqui com a localização dos 65 esqueletos identificados até março de 2014.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 30: Conjunto de esqueletos retirados em 2013.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013.

Figura 31: Conjunto de esqueletos retirados em 2014.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2014.

Figura 32: Conjunto de esqueletos retirados em 2014.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2014.

A não retirada de alguns esqueletos justifica-se pelo fato de que alguns estavam sob estruturas arquitetônicas e, por isso, a equipe precisaria de mais tempo para elaborar uma forma de removê-los sem danificar os ossos, vez que possuíam robustas estruturas de alvenaria de difícil retirada.

No que concerne ao estado de conservação dos ossos, pode-se ressaltar a interferência da dinâmica da maré sobre eles, uma vez que sua oscilação era constante devido à proximidade do mar e de águas pluviais. Algumas tentativas foram feitas, como a sucção da água com a utilização de bomba, mas segundo uma engenheira da Prefeitura seria preciso fazer um rebaixamento do lençol freático, o que poderia conter o fluxo de água que atingia constantemente alguns sepultamentos (Figura 33).

Figura 33: Área onde os sepultamentos foram identificados com presença da água proveniente da chuva e da maré.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2014.

Vários trabalhos foram realizados a respeito desse sítio, entre os quais podemos citar: Silva (2015), que apresenta os tipos de doença que acometiam a população na época da utilização do cemitério, identificando o escorbuto como o mais presente entre eles; Duarte (2016), que relaciona os tipos de práticas funerárias observadas no sítio com as práticas presentes no período colonial, indicando que as práticas protestantes eram as mais comuns nos indivíduos ali sepultados; e Alves (2016), que trabalhou os vestígios construtivos (fundações) localizadas sobre a camada arenosa dos sepultamentos, apresentando resultados positivos para relação dessas fundações e as primeiras casas construídas na Rua de São Jorge no século XVII.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

3.1 O ESTUDO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ARQUEOLOGIA

A arqueologia tem passado por avanços significativos nos últimos anos, principalmente, no que tange aos aspectos teórico-metodológicos referentes ao estudo das práticas funerárias. Especificamente para essa pesquisa, compreender como se deu esse avanço é importante, pois permite o entendimento de como o estudo das práticas funerárias e rituais foram sendo trabalhados dentro das sociedades.

Na primeira metade do século XX registra-se um movimento em direção a esse tipo de estudo. No contexto arqueológico os túmulos podem ser vistos como cápsulas do tempo, onde o material circunscrito neles pode se tornar um objeto importante para a identificação de caracteres culturais. As características desses objetos poderiam ser sequenciadas, na ordem do mais evoluído para o menos evoluído, reforçando a ideia evolucionista presente nesse período.

Os materiais encontrados nos túmulos podem conter conotações diferentes, dependendo do seu contexto. Segundo Ribeiro (2007), o difusionismo e o migracionismo presentes no evolucionismo colocam o contato entre grupos como fator de alteração de suas culturas. Segundo estas perspectivas, a passagem dos traços culturais acontece de uma cultura mais evoluída para uma menos evoluída. A diferença entre estas ideias está apenas na forma de transmissão: enquanto no migracionismo essa passagem é feita quando um grupo migra pra outra área absorvendo determinadas características culturais, no difusionismo a passagem é feita pelo contato cultural ou imitação (MALLINA; VASICEK, 1990, p. 65).

O pesquisador Kroeber (1927) trabalha nessa ideia das mudanças a partir do contato. Segundo ele, as práticas mortuárias são modificáveis a partir do contato entre grupos, ou seja, as características culturais como posição do corpo, pintura nos ossos e decoração nas cerâmicas do mobiliário funerário podem estabelecer os rastros de contato entre os grupos. Isso significa que se alguns desses elementos fossem observados em locais distintos, poderia indicar contato ou movimentação territorial do grupo. No entanto, nem todos os pesquisadores compartilham desse pensamento. Para Boas (1908 apud RIBEIRO 2007) a mudança cultural dentro dos grupos está relacionada à sua capacidade inventiva e não as ideias atribuídas pelo difusionismo e migracionismo.

O conceito de cultura arqueológica defendido por Childe (1949) já era trabalhado durante esse período. Para ele as características culturais são vistas como traços de

resistência, ou seja, uma vez estabelecidos é possível rastrear essa cultura em diversas regiões, obtendo assim um mapa de sua área de dispersão. Ainda segundo Childe, as características mais resistentes às mudanças são as práticas funerárias, que tendem a ser conservadas.

A Escola Sociológica Francesa e a Escola Antropológica Inglesa trouxeram novas abordagens no estudo dos rituais. Dentro da Escola Sociológica Francesa destacam-se os trabalhos de Durkheim (1912), Hertz (1907) e Van Gennep (1908). Durkheim (1912) apresenta um novo viés na investigação das práticas mortuárias; para ele, esta é uma parte integrante do todo social. Na arqueologia, esse debate esteve presente entre as décadas de 1970 a 1990. Embora Durkheim não se refira diretamente às práticas mortuárias, ele faz uma ligação dos ritos com outras instituições do sistema social, retomando a dicotomia de Taylor entre corpo e espírito para o sagrado e profano. Opondo-se às ideias evolucionistas, Durkheim ressalta que as religiões primitivas teriam as mesmas funções das religiões das sociedades civilizadas, rompendo assim os com a ideia de estágios evolutivos.

Van Gennep (1960) apresenta uma nova abordagem através dos ritos de passagem (rito de separação, rito de transição e rito de incorporação), onde considera a morte como um rito de passagem para o mundo sobrenatural, bem como a aceitação de que esses ritos podem sofrer modificações de acordo com o *status* do morto na sociedade, a idade e/ou tipo de morte. Os estudos de Hertz (1907) e Van Gennep (1908) continuam, há quase um século, sendo a base utilizada nas interpretações dos rituais mortuários dentro da antropologia (HUMPHREYS; KING, 1981 e MORRIS, 1992).

A Antropologia Social Inglesa, também conhecida como Funcionalismo, apresenta a Teoria das Necessidades, levantada por Malinowski e Radcliffe-Brown, em 1922. Malinowski (1922) entende as ações humanas e do sistema social como necessidade biológica, ou seja, a morte gera um sentimento de autopreservação e a revelação das emoções estaria associada a distúrbios fisiológicos nos corpos dos participantes. Já Radcliffe-Brown (1922) contribuiu com a teoria do papel social dos indivíduos ou “personalidade social do morto”, que busca compreender o papel social dos indivíduos nas instituições, durante sua vivência, a partir do contexto funerário. Essa última teoria foi bastante difundida por Binford (1971) e Saxe (1970).

É visível a importância dessas duas escolas nos estudos sobre os contextos de morte. No entanto, é somente a partir de 1960 que esses estudos vão ser incorporados às pesquisas arqueológicas com o surgimento da Nova Arqueologia. Essa corrente vem para trazer de volta o reencontro entre arqueologia e antropologia, que desde a sistematização da

arqueologia se fez presente aos anseios da antropologia, como forma de obter dados para a comprovação das hipóteses antropológicas.

A Nova Arqueologia procurou desenvolver mais o seu corpo teórico, para assim se tornar uma disciplina científica e interpretativa, utilizando-se do método hipotético-dedutivo. Nesta perspectiva, cabe ao arqueólogo comprovar ou testar suas hipóteses previamente deduzidas a partir dos princípios gerais. Pesquisadores como Bennett (1943), Taylor (1948) e Binford (1962) apontavam a necessidade de uma arqueologia interpretativa e não meramente descritiva. Binford (1962) ressalta a importância da apropriação de teorias antropológicas e pontua novos objetivos da arqueologia, como a compreensão da cultura dos povos que deixaram os vestígios e os comportamentos que os originaram.

Na Nova Arqueologia o enfoque ecológico também teve amplo desenvolvimento, uma vez que o ambiente tem grande influência sobre as mudanças do sistema. No contexto das práticas mortuárias, a reconstituição do paleoambiente passou a ser importante para verificar se os enterramentos foram realizados em épocas diferentes, por exemplo, através de análises de pólen presentes nas sepulturas. Ainda nesse âmbito, aspectos como dieta alimentar e enfermidades do indivíduo puderam ser observados através de restos orgânicos e análises ósseas.

Binford (1971) apresenta o conceito de *persona social*, anteriormente utilizado por Hertz (1907) e Van Gennep (1908), indicando a leitura de diferentes vestígios mortuários como consequência de diferenças relacionadas ao sexo, idade, *status* e filiação nas unidades sociais. Além da noção de *persona social*, os estudos passaram a utilizar como estrutura conceitual as noções de identidade social (função social) e relações de identidade (diversos papéis assumidos pelo indivíduo dentro do grupo). Para ele, a *persona social* do morto é representada durante a prática mortuária, como uma forma de eternizá-la.

Mesmo com atualização dessa nova abordagem teórica, ainda é possível observar a visão evolucionista nas interpretações do contexto de morte, quando considera que quanto mais complexa a sociedade maior a variabilidade de práticas dentro do grupo, vez que há um número maior de papéis sociais. Nesse caso, não leva em conta a existência de práticas distintas dentro de um mesmo grupo, como propunha o difusionismo e o migracionismo.

Saxe (1970) chama a atenção para a variedade em que a personalidade social do morto pode estar representada. Em seu estudo, ele apresenta um sistêmico referencial etnográfico, com a construção de oito hipóteses sobre o modo como a personalidade social do morto está diferentemente representada num mesmo domínio. Da primeira à quarta hipótese refere-se ao tratamento dado ao corpo, e da quinta a oitava demonstra o modo como as diferentes

estruturas sociais são distintamente representadas, dentro dos diversos domínios do tratamento.

Para Binford (1971) essas hipóteses causaram grandes impactos e levaram a conclusões, como a de que a diferenciação de sexo e idade que orientam as práticas mortuárias de um grupo pode indicar um caráter igualitário; e que a existência de um local específico para deposição do morto pode representar uma sociedade onde existe uma herança de descendência linear.

No que condiz ao *status* do indivíduo morto, segundo Tainter (1978), é possível observá-lo na energia dispensada no tratamento dado ao corpo. Para ele, a cremação de um corpo é vista como um grande gasto de energia, o que poderia atribuir a esse indivíduo um alto *status*, mesmo que não acompanhasse objeto funerário. Em uma sociedade igualitária a diferenciação dos enterramentos será menos pronunciada que em outra sociedade dividida em classes.

Já a abordagem marxista faz uma variada interpretação dos objetos que acompanham os mortos, relacionando-os com os mecanismos de atuação das ideologias dominantes. Para os defensores dessa corrente, existe um rompimento da relação “objeto valioso = *status* social em vida”, visto que em alguns relatos etnográficos existem grupos que enterram seus líderes como um homem do povo sem acompanhamento mortuário, o que marcaria a realidade do indivíduo.

O modelo teórico-metodológico de estudo dos contextos funerários dentro da arqueologia processualista teve seu auge com o início de uma abordagem definida por Arqueologia da Morte, nos anos de 1970. Sua fundamentação foi publicada na tese de Saxe (1970) “*Social dimensions of mortuary practices*”; e no artigo de Binford (1971) “*Mortuary practices: their study and their potential*”.

Pesquisadores adeptos da Nova Arqueologia como Binford (1971) e Tainter (1978) não consideravam a diversidade cultural do grupo nos contextos funerários e, por isso, as variações nos mesmos não eram totalmente compreendidas. Embora Binford (1971) tenha admitido que “o ritual mortuário é um processo de simbolização”, não se viam estudos relacionados aos aspectos simbólicos, em função da descrença na possibilidade de compreendê-los. O modelo processual recebeu críticas, principalmente por entender os contextos funerários como meros reflexos dos grupos que os produziram.

A Arqueologia Pós-processual buscou romper com a procura de leis gerais que explicassem o comportamento dos grupos humanos, e contrariamente ao processualismo, procurou entender as sociedades em suas especificidades, a fim de compreender as alterações

sociais, políticas e econômicas dos grupos, estudando seus vestígios sob um enfoque temporal.

Para Ribeiro (2007) o conceito de cultura no pós-processualismo sofre modificações em comparação com a arqueologia processual. Enquanto a arqueologia processual vê a cultura como fruto da adaptação biológica, onde os artefatos são vistos como resíduos do comportamento ativo; a arqueologia pós-processual interpreta a cultura como uma estrutura onde as adaptações ocorrem intrinsecamente, podendo sofrer alterações no tempo e espaço e levar a diversas leituras. Dentro do contexto funerário, os mortos refletem a sociedade dos vivos: o indivíduo é visto como agente social, receptor e transformador da cultura do grupo, e não apenas como um instrumento passivo.

Ainda segundo Ribeiro (2007), os objetos podem sofrer alterações de significados de acordo com o contexto e tempo que estão inseridos, como os que fazem parte do mobiliário funerário. Os arqueólogos viram nesse tipo de contexto uma fonte por excelência para ser estudada devido ao seu caráter altamente simbólico. Nesse sentido, o morto é representado como se quer que se pense sobre a família, o grupo social e o morto. É nesse âmbito que o contexto mortuário é abordado como objeto de estudo para a reconstituição do ritual e de seu significado.

Vale salientar que ao estudar os rituais procura-se entender o significado das ações e não as intenções, por isso que é tão importante observar todo o seu contexto. Para Suano (2001) os objetos bélicos associados ao morto, por exemplo, ainda são comumente relacionados a guerreiros e quando encontrados em sepulturas femininas são vistos como oferendas. Assim, o importante seria analisar o morto em conjunto com o grupo que o formou, objetivo nem sempre possível.

Há uma retomada dos estudos etnográficos na tentativa de compreender como os homens simbolizam-se nos mortos, o estudo da cultura material e contexto dos vivos. Isso é visto como a chave de leitura para compreender os símbolos presentes nas práticas mortuárias. O estudo destas também foi complementado pelos estudos dos ossos e dentes (dietas, doenças, etc.), estudos demográficos e teoria da cultura material que via a lápide como o limite (estudo da biografia dos objetos, desde sua feitoria, final, abandono e destruição).

3.2 OS RITUAIS NO CONTEXTO FUNERÁRIO

Para Peirano (2000), o ritual pode ser compreendido como uma ordenação, realização coletiva com propósito definido, geralmente algo diferente do cotidiano, que envolvem rigidez e repetição. Os rituais estão presentes no cotidiano de diversos grupos e são essenciais para a manutenção de sua cultura.

O conceito de ritual é apresentado por Peirano (2000) com base em cinco fundamentações para sua definição operacional. Primeiramente, a definição de ritual não pode ser rígida e absoluta, ela coloca a importância do trabalho etnográfico nessa compreensão, onde o pesquisador precisa conhecer o grupo que pratica o ritual, dando voz e razão para que os membros transcendam o que realmente são e levando em consideração que o que outro pensa diferente de nós. É preciso que o grupo reconheça o evento como único, excepcional, crítico e diferente. O segundo aspecto ressalta que a natureza dos eventos rituais não está em questão: eles podem ser profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. Terceiro, se a definição é etnográfica, então um ritual não se caracteriza pela ausência de uma aparente racionalidade ou pela falta de uma relação instrumental entre meios e fins. Quarto, rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais. Por fim, o último aspecto a ser considerado é o de que vivemos em sociedade e tudo aquilo que fazemos tem um elemento comunicativo implícito. Os fenômenos “falar” e “fazer” possuem, cada um, sua própria eficácia e propósito e ambos são ações sociais.

Existe uma diferença grande entre o que o senso comum pensa do ritual (fossilizado, imutável e definitivo) e o que ele realmente é, de forma que até mesmo alguns antropólogos foram vítimas dessa visão ocidental. A ênfase dos antropólogos na negação da irracionalidade foi central: para alguns deles o mais importante era fixar o significado nativo desse fenômeno, deixando de lado as teorias de racionalidade da época. Após esses exemplos, antropólogos começaram a sentir necessidade de passar pelo menos dois anos na convivência dos grupos que pretendiam estudar e só a partir daí tomar suas considerações explícitas ou implícitas sobre os rituais. Um certo tipo de relativismo passou a dominar a disciplina e costumes estranhos ao Ocidente passaram a ser lógicos em seus contextos de origem.

No início do século XX existe um grande debate nos estudos antropológicos quanto ao conceito de ritual. Enquanto para alguns o ritual ligado a magia e religião era considerado ultrapassado, para outros os rituais poderiam ajudar a esclarecer formas elementares da sociedade. Os primeiros ficaram conhecidos como “intelectualistas” (Frazer e Tylor), e o

segundo como “sociológicos” (Durkheim e Mauss). Para Durkheim, os cultos (ou rituais) são “atos de sociedade”. Através deles, a sociedade toma consciência de si, se recria e se afirma.

As tentativas em definir os rituais muitas vezes são baseadas em dicotomias. Van Gennep é um dos primeiros autores a se desligar da religião, dando ênfase ao ritual em si, de acordo com o papel que desempenhava na sociedade e ressaltando suas partes construtivas. Este pesquisador ficou conhecido pelos estudos dos ritos de passagens; sua principal obra (1909) retratava os momentos relativos das mudanças e transição de pessoas ou grupos para novas etapas da vida ou *status*. Van Gennep interessou-se mais na dinâmica da mudança que o ritual favorecia.

Em 1922, Radcliffe-Brown, já mencionava a expressão “valor do ritual” em um de seus relatos sobre cerimônias nativas na Índia. Segundo ele, um símbolo recorrente em um círculo de rituais detinha grande possibilidade de manter seu significado em todos.

Turner traz sua contribuição, considerando os rituais como superiores para investigação, por serem fixos e rotinizados, além de serem extremamente relevantes para os grupos. O autor vai retomar plenamente a noção de estado nos ritos de passagem como algo que se estende, além do *status* e posição social, englobando estados mentais, sentimentais e afetivos. Para ele, o ritual poderia ter vários significados dependendo de seu contexto. A visão de Turner estava distante dos seres sobrenaturais e consequentemente dos poderes místicos, com isso, foram dissociados do conceito de ritual.

Após esse processo de dissociação entre ritual e magia/religião, Levy Strauss (1976) faz uma revolução na antropologia. Enfatizou que estava à procura dos aspectos estruturais universais da mente humana e dedicou-se mais aos mitos do que aos ritos, ou seja, mais ao que é *dito* do que ao que é *feito*, aproximando assim os aspectos tempo (evolutivo e histórico) e espaço (etnográfico) em suas análises. Mais tarde o antropólogo surpreende aqueles que estudavam os rituais, introduzindo nos seus estudos uma velha dicotomia entre culto (mitos vs representações) e colocando os ritos como a simples execução de gestos e a manipulação de objetos. Turner, por sua vez, se colocou do lado oposto a Lévi-Strauss, entendendo os ritos um caminho virtuoso para se acessar a estrutura, não da mente, mas da sociedade.

No que concerne ao ritual funerário e sua função social, alguns autores apresentam conotações distintas. Para Hertz (1970 apud RIBEIRO, 2007) os rituais funerários são realizados com o intuito principal de restaurar a ordem natural da sociedade, abalada repentinamente em função do caráter imprevisível da morte. Morin (1988) concebe os rituais fúnebres como um instrumento de institucionalização de um complexo de emoções, onde o funeral expõe as perturbações impostas pela morte que tentam ser sanadas com o período de

luto.

Já para Van Gennep (1978) os rituais funerários são considerados como ritos de passagem que sempre implicam em uma iniciação, não estando necessariamente vinculados a questões sobrenaturais. O mesmo tem o poder de levar a adaptação da sociedade e do próprio indivíduo morto às novas condições. Para ele, o rito se distingue em: ritos de separação, que assinalam à ruptura com uma antiga ordem (como os funerais); ritos de margem (responsáveis pelos momentos de transição e adaptação, como o luto); e os ritos de incorporação, que selam à nova ordem ao indivíduo morto e ao grupo (como nos casos de sepultamento secundário).

Van Gennep (1978) relata que existem diversas formas de despedida dos mortos, devido principalmente às variações que cada grupo possui acerca das visões sobre o mundo real e o mundo dos mortos. No entanto, existem alguns elementos comuns a todos eles, como a crença em que o morto terá uma vida no país dos mortos, a necessidade da inclusão de alimentos e objetos no ritual e o medo da alma do morto.

Para Castro (2009) o ritual é uma ação social, pois ao preparar o corpo de uma determinada maneira, ao escolher o local do enterramento, ao definir a forma da cova, ao colocar ou não objetos junto ao morto, o grupo está comunicando suas escolhas (CASTRO, 2009, p. 64).

Através do estudo das práticas funerárias, alguns autores ressaltam que os grupos tendem a se manter conservadores nos rituais funerárias (BINFORD, 1971, CISNEIROS, 2003, MARTIN, 2008,). Essa ideia foi bastante defendida por Binford (1971), para ele é natural que tais grupos optem por manter seus rituais funerários como forma de manter a si próprios enquanto unidade social, ou seja, os grupos culturais tendem a manter-se resistentes às mudanças em suas manifestações fúnebres e a prezarem pela transmissão destas manifestações, em moldes tradicionais, aos seus descendentes. Essa visão conservadora de que os grupos tendem a manter suas práticas funerárias é que pode permitir a verificação de recorrências entre os sepultamentos, mesmo com a existência de um intervalo de tempo.

Entretanto, a partir de um estudo sobre populações históricas, Binford (1971) chama atenção para a diversidade que as práticas funerárias se apresentam, onde elementos considerados distintos e recorrentes dentro de um determinado grupo, devem ser observados a partir das próprias organizações e dos próprios sistemas culturais.

3.3 ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS E SUA APLICAÇÃO

Desde a década de 1970, o estudo das práticas funerárias tem representado um componente de uma teoria de médio alcance, com representantes na New Archaeology, com a procura de relações invariáveis entre os remanescentes arqueológicos estáticos e os comportamentos dinâmicos das sociedades extintas (PEARSON, 2002).

Para Silva (2005, p. 3), ações simbólicas traduzidas em atividades rituais – práticas funerárias – atuando em determinado objeto – corpo do morto – resultam em produtos observáveis no contexto arqueológico. Uma parcela desconhecida da estrutura social pode ser observada enquanto um produto dado pelos seus remanescentes arqueológicos.

As práticas funerárias podem proporcionar ao pesquisador a observação de quem estava por trás delas através dos aspectos técnicos, operacionais sobre o comportamento dos vivos refletidos na deposição do corpo. Obviamente, existem elementos do ritual funerário que são inacessíveis aos estudos arqueológicos, como o luto e o choro. Ainda de acordo com Silva (2014, p 59), no estudo dos comportamentos sociais a variação funerária é ampla e pode ser detectada a partir das diferenças entre os tipos de deposição, tratamento do corpo e suas relações com o acompanhamento e estrutura funerária.

Para Pearson (2002) determinadas formas de disposição dos membros superiores e inferiores de um corpo podem revelar possíveis diferenças entre grupos no interior de um cemitério. Assim como a distribuição espacial dos sepultamentos, grau de dispersão, concentração e forma de distribuição estratigráfica horizontal podem indicar depósitos lineares, concêntricos e segmentados (Pearson, 2002, p.12). A análise dessas conformidades pode ressaltar a segregação de um determinado ritual destinado ao *status*, por exemplo (SHAY, 1985 apud SILVA 2005, p.14).

Segundo Silva (2005):

Os dados mortuários, uma vez registrados em sítios arqueológicos, podem propiciar respostas sobre questões da arqueologia das práticas funerárias voltadas a diferenciação e similaridade dos aspectos técnicos ou operacionais dos sepultamentos. Os vestígios funerários propiciam dados mortuários em contexto arqueológico, fora deste, no laboratório ou em conjunto que revelam importantes informações sobre a variação dos acompanhamentos funerários, cronologia, idade e sexo, forma de assentamento, subsistência e indicadores de diversidade e complexidade social e de continuidade ou mudança cultural (SILVA, 2005, p. 16).

Entre os trabalhos de renome no estudo das práticas funerárias, pode-se destacar o de Morris (1992) que apresenta quatro classes de evidências relacionadas ao estudo do ritual

funerário: 1) aquelas oferecidas pela observação direta e participação no ritual; 2) as oferecidas pela presença de testemunhos verbais, orais ou escritos, descrevendo ou explanando os rituais; 3) as representações artísticas dos rituais; 4) os materiais remanescentes dos rituais: o enterramento no contexto arqueológico. Outrossim, o autor destaca a dificuldade de interpretação dos sepultamentos humanos, principalmente quando só existem os elementos esqueléticos de um grupo não presente.

Para Tainter (1977) o investimento ou energia despendida durante o ritual funerário pode dizer muito sobre ele. O autor desenvolveu um método para mensurar as práticas funerárias como modelo para ser aplicado às sociedades extintas e destacou a complexidade do tratamento dado ao corpo, a construção, localização e extensão da cova, assim como a duração e energia gastos durante cada ritual.

É possível observar entre os pesquisadores Silva (2005, 2014), Morris (1992), Tainter (1977) e Binford (1971), que o estudo das práticas funerárias envolve um conjunto de elementos observáveis a partir do corpo, cova e material associado. Essa tríade componencial é de suma importância nesse tipo de pesquisa.

A aplicação da arqueologia das práticas funerárias em sítio cemitérios históricos ainda é pouco praticada no Brasil, sendo poucos os trabalhos realizados nesse âmbito. Entre os poucos trabalhos realizados, pode-se destacar o de Lima (1994) e Souza (1994).

Segundo Lima (1994), o tratamento dispensado aos mortos é um dos domínios da cultura onde as sociedades se mostram mais conservadoras. Ela traz em seu trabalho o estudo sobre a representação da morte (identidade e mobilidade social) nos cemitérios cariocas do século XIX. Seu objeto de pesquisa são os espaços funerários, uma vez que são destinados aos mortos em uma sociedade que reflete o mundo dos vivos, ambos regidos pela mesma lógica de organização. Nesta perspectiva, os cemitérios foram entendidos como reprodução simbólica do universo social. É importante ressaltar que tal estudo não realizou interferência no solo, ou seja, apenas os vestígios sobre o solo foram analisados. Uma proposta inovadora para época, que deu oportunidade para outros pesquisadores investigarem o contexto funerário sob essa óptica.

Para Lima (1994) o estudo da cultura material em cemitérios históricos é mais expressivo em outros países, como nos Estados Unidos. No Brasil ocorre ainda de forma tímida, embora já se reconheça sua importância e esforço por parte de alguns pesquisadores.

A arqueologia tem aí um importante campo de atuação e os trabalhos desenvolvidos em outros países vem demonstrando as possibilidades que ele oferece para a compreensão de sistemas socioculturais extintos. Pelo seu trato

direto com a cultura material, a disciplina qualifica-se notavelmente para esse tipo de investigação, sendo capaz de somar novos conhecimentos aos já produzidos a partir de registros documentais (LIMA, 1994, p. 3).

Para desenvolver sua pesquisa, Lima considerou cada cemitério como um sítio arqueológico, sendo os jazidos seus artefatos e com eles a composição de uma série de atributos, como sua forma e função, além das representações iconográficas.

Outro sítio cemitério estudado foi o da Praia de Manguinhos, em Guaxindira, no Rio de Janeiro. Nele, Souza (1994) faz uma correlação entre a historiografia, arqueologia e o estudo bioesqueletal dos indivíduos identificados no cemitério, concluindo que se tratavam de escravos negros pertencentes aos séculos XVIII e XIX, associados ao período canavieiro da região. Para a pesquisadora, esse estudo foi possível a partir de:

(...) este diálogo deverá tornar possível, a partir de fatos históricos, a formulação de hipóteses a serem investigadas pela arqueologia e pela antropologia física; a partir de fatos arqueológicos, a formulação de hipótese a serem investigadas nos documentos; e, a partir da pesquisa arqueológica, e dos estudos de antropologia física aplicada, a reorganização, e aprofundamento da própria pesquisa arqueológica (SOUZA, 1994, p. 55).

Ainda segundo a pesquisadora o estudo de cemitérios pode revelar importantes informações sobre determinado período, bem como o confronto com os dados historiográficos.

O estudo dos eventos econômicos do período histórico é, certamente, um dos mais interessantes temas para a investigação arqueológica, permitindo o encontro de questões que dizem respeito tanto a mudanças de culturais como biológicas, proporcionando a oportunidade de confrontar conhecimentos produzidos, de modo independente, pela antropologia biológica, pela arqueologia e pela história. Nessa linha, o estudo arqueológico de um cemitério, em que pesem todas as questões étnicas, reveste-se de interesse especial, por oferecer a oportunidade de verificação das outras evidências da cultura material, a partir da biologia humana, sendo elemento enriquecedor do conhecimento sobre o passado recente, e complementar a reconstituição arqueológica (SOUZA, 1994, p. 29).

3.4 PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO PERÍODO COLONIAL

3.4.1 Práticas funerárias católicas

Segundo Aires (2003), predominou no Ocidente católico, especificamente na França, entre a Idade Média e o século XVIII, uma proximidade entre os vivos e os mortos. A esse período o autor denominou “morte domesticada”, ou seja, que exigia uma relação muito próxima do morto em convívio com os seus entes queridos, sendo, por exemplo, o próprio

velório realizado nas residências. Isso teria sido praticado até o século V, e a partir de então passaram a ser realizados nas igrejas e posteriormente nos cemitérios.

A relação estreita entre os vivos e os mortos era, muitas vezes, confundida com falta de temor à morte. No entanto, não é isso que afirma Reis:

Não é que a morte e os mortos nunca inspirassem temor. Temia-se, e muito, a morte sem aviso, sem preparação, repentina, trágica e, sobretudo, sem funeral e sepultura adequados. Assim como se temiam os mortos que assim morriam. Mas desde que os vivos cuidassem bem de seus mortos, enterrando-os segundo os ritos adequados, eles não representariam perigo espiritual ou físico especial. Tais ritos eram experimentados por vivos e mortos de maneiras a marcar com ênfase a passagem para o outro mundo (REIS, 1991, p. 74).

Para amenizar esse temor, era preciso seguir alguns passos para se ter uma “boa morte”. No século XVII, a influência da igreja católica sobre o que se devia fazer era clara, sobretudo, quando pregava que para se obter a salvação era preciso estar próximo de Deus; e que, para tal, era necessário contribuir de alguma forma com a igreja. Em alguns casos, as pessoas faziam testamentos deixando seus bens para a instituição, em troca teriam um funeral cheio de regalias, com caixões luxuosos, missas, cortejos com presença de santidades e um local privilegiado dentro da igreja para ser enterrado. Quanto mais próximo do altar, maior seria a chance de salvação (REIS, 1991 e CASTRO 2007).

A morte ideal foi descrita por Reis:

A morte ideal, acima de tudo, não devia ser uma morte solitária. Durante a sua agonia, o moribundo carecia de gente a sua volta, animando-o a partir com segurança e protegido por rezas e outros meios de bem morrer. Concluída a agonia, o ideal era que muita gente cercasse o morto de cuidados, que o velasse e acompanhasse até a sepultura, de preferência no interior de uma igreja. Era uma morte solidária. E espetacular. Marcavam os melhores funerais o barulho de rezas, cânticos, sinos, orquestras, tambores, palmas, fogos de artifício; a profusão de cores, emblemas, formas que adornavam caixões. As pessoas acompanhavam a pé o amigo, parente, conterrâneo, o irmão espiritual ou apenas se juntavam de bom grado ao cortejo de um morto desconhecido, pelo dever de solidariedade e investimento na própria salvação. Os funerais antigos eram manifestações emocionantes da vida social (JOÃO JOSÉ dos REIS In: RODRIGUES, 1997, p. 12).

A autora Claudia Rodrigues (2002) realizou uma pesquisa sobre os testamentos e inventários cariocas entre os séculos XVIII e XIX, e observou que neste período ocorreram mudanças, estas estariam ligadas ao desligamento dos fiéis a pedagogia do “bem morrer”. Isso teria levado a igreja a perder, de certa forma, o controle e influência que exercia sobre a sociedade.

Quanto ao ritual funerário praticado sobre o corpo do morto, Reis (1991) ressalta que

na Bahia não apenas lavava-se o corpo antes que enrijecesse, como também cortava-lhe os cabelos, a barba, as unhas e perfumava-se o defunto e o ambiente para garantir que o espírito desencarnado não ficasse vagando pela casa. Na maioria das vezes, quem vestia o morto era o mesmo profissional que vestia os vivos, o alfaiate. (REIS, 1991, p. 115).

Durante a Contra Reforma do Catolicismo constitui-se o chamado “enterro barroco”, caracterizado pela grandiosidade dos enterros. Embora pareça existir uma dicotomia entre o que a igreja pregava “quanto mais pobre e desapegado dos bens materiais, mais próximo estará de Deus”, esses funerais iam de contra partida. Entretanto, parece que a virtuosidade se aplicava apenas na forma mais externa do ritual, pois o corpo do morto era caracterizado com simplicidade, o qual geralmente era vestido de uma mortalha simples, que podia ser encomendada e vestida pelo alfaiate mesmo, um serviço cobrado à parte da costura. Se o defunto fosse membro de alguma ordem religiosa, os hábitos próprios da irmandade e os religiosos eram sepultados com suas vestes eclesiásticas (REIS, 1991, p. 115).

Quanto à deposição dos corpos, Rodrigues (1997) aponta alguns costumes mencionados por Thomas Ewbank ao visitar o Brasil em 1846. As mulheres casadas eram postas com as mãos descansando nos cotovelos opostos, vestidas de preto; ou mulheres solteiras, vestidas de noivas com as mãos fechadas “em adoração”; já homens e meninos eram sepultados com as mãos cruzadas sobre o peito segurando uma taça; autoridades com roupas oficiais e “crianças de menos de 10 ou 11 anos são vestidas de frades, freiras, santos e anjos” (RODRIGUES, 1997, p. 196).

Albuquerque (1995), ao falar da Igreja da Graça de Olinda apresenta relatos importantes sobre o modo como os corpos eram enterrados no período colonial:

Túmulos coletivos que poderiam restringir-se apenas aos membros da família (mormente da família nuclear), ou aos membros de uma irmandade; ou túmulos coletivos, de um modo mais amplo. Nos túmulos coletivos desta igreja, utilizou-se como prática, tanto a superposição dos fardos funerários, quanta a exumação dos mais antigos, cedendo lugar aos seus novos ocupantes. Dois, três ou mesmo mais, oito, sepultamentos, superpunham-se. Articulados, intactos, ou apenas ligeiramente deslocados pelos exumados foram muitas vezes re-sepultados no mesmo tumulo, ao lado ou acima, dos novos sepultamentos. E a exumação ou não nas covas coletivas, parece que não estaria relacionada necessariamente a serem ou não túmulos de família. Poderia antes constituir-se em uma prática de cada época, ou ainda a existência ou não de outros membros da família. Quando me refiro à existência ou não, de outros membros da família, penso no caráter restritivo de alguns túmulos, em que estavam pré-definidos aqueles que poderiam ocupa-lo [“sepultura... para todos os seus herdeiros que são mulher e filhas”]. Penso ainda na prática tão difundida, sobretudo a partir do século dezenove, de conservar em pequenas urnas os ossos exumados, mantidos não mais nos carneiros ou no interior do solo, mas guardados pelos familiares, frequentemente nas igrejas, disponíveis para exposição, sobretudo no dia dos mortos (ALBUQUERQUE, 1995, p. 305-306).

Quanto à posição dos membros superiores, Albuquerque argumenta que a postura dos braços variava em função de dois principais fatores: primeiro, devido ao mobiliário funerário, pois o ato de segurar uma cruz, um ramalhete de flores artificiais ou portar uma espada (vestígios típicos dessa prática religiosa), podia orientar a posição dos membros; segundo, a compleição física da pessoa a ser sepultada, por exemplo, indivíduos com ventres maiores dificilmente manteriam as mãos sobre a cintura (ALBUQUERQUE, 1995, p. 320).

Em relação à posição das mãos, ele descreve em três posições básicas: mãos entrelaçadas sobre a cintura; cruzadas sobre o tórax; ou cruzadas sobre a pelve (Figura 34). Além da posição, ele identifica duas posturas gestuais: mãos abertas, testemunhando que “deste mundo nada se leva”; ou mãos fechadas, encerrando a “verdadeira riqueza”, podendo estar relacionadas a relíquias, imagens de santo, medalhas e rosários. Estes dois últimos foram os preferidos enterrados na Igreja da Divina Graça de Olinda (ALBUQUERQUE, 1995, p. 321).

Figura 34: Sepultamento 69, com as mãos sobre a pelve.



Fonte: ALBUQUERQUE, 1995.

Os mortos eram transportados em esquifes de uso comum (seja da Santa Casa de Misericórdia, seja de irmandades), que apenas levavam os mortos ao seu túmulo, mas não eram enterrados com eles. O caixão individual, segundo a documentação textual, não foi de uso frequente até o século XIX. Apenas os “ricos” assumiam a despesa de mandar armar, revestir e decorar um caixão para nele ser enterrado (ALBUQUERQUE, 1995, p. 307).

Somente quando as ideias da medicina higienista começaram a ganhar força política e a fazer parte das discussões urbanísticas das cidades é que os enterros passaram a ser

realizados em cemitérios públicos extramuros. A população teve resistência em aceitar tais ideias, pois seus costumes fúnebres estavam muito atrelados ao elemento “salvação”, conforme visto anteriormente. Impedir que novos sepultamentos fossem realizados nas igrejas chegou a causar revoltas, como a Cemiterada de Salvador, ou necessitaram de muito traquejo político das autoridades para evitar conflitos.

3.4.2 Práticas funerárias protestantes

A reforma protestante apresentou, a partir do século XVI, uma nova forma de enterrar os mortos, causando um declínio das formas mais elaboradas de enterros praticadas pela igreja católica. Os adeptos dessa religião criticam a doutrina católica, principalmente no que tange o aspecto do purgatório. Para eles, Deus decidia sozinho seus eleitos, não precisando de oferendas, preces ou reza; e nada disso servia para sua salvação. Segundo Reis (1991), o Calvinismo era claro na sua doutrina:

A extrema-unção católica, por exemplo, era uma dessas superstições, que nada beneficiava a alma. Com a abolição do Purgatório, tornava-se também inúteis as preces dos vivos em favor das almas que ali penassem. Os anglicanos e especialmente os puritanos, por sua crença na predestinação, não viam como a multiplicação de gestos rituais na hora da morte, pudesse modificar o destino já traçado dos indivíduos (REIS, 1991, p. 79).

As práticas funerárias realizadas pelos protestantes traziam consigo uma proposta de abolir aquela praticada pelo catolicismo, embora não se veja grandes alterações quanto à acomodação do corpo na sepultura. O elemento que mais sofreu modificações foi a relação com o ritual dado ao corpo, ou seja, a adoção de cerimônias simplistas com rituais minimalistas.

No entanto, houve resistência a essas mudanças entre alguns membros da comunidade que insistiam em ser enterrados na igreja, mesmo que fossem nos seus adros. O autor Gonçalves Mello (1987) traz relatos sobre enterramentos de holandeses sendo realizados dentro da Igreja do Corpo Santo, da Igreja Francesa de Maurícia e do Convento de São Francisco, além dos valores cobrados a cada pessoa pela realização do funeral. Aqueles que não podiam ser enterrados na igreja eram enterrados na praia, próximo ao hospital.

No que tange ao posicionamento dos corpos na sepultura, o livro sobre os cemitérios de Nova Jersey, escrito por Janice Sarapin (1994), ressalta que os corpos eram posicionados horizontalmente, orientados de leste para oeste com os pés voltados para leste, de acordo com

a crença cristã do dia do juízo final, quando anjo Gabriel viria ao seu encontro. Esses sepultamentos referem-se aos holandeses que estiveram presentes na região a partir de 1666 antes dos ingleses (SARAPIN, 1994, p. 74). Suas sepulturas eram marcadas com lápides com inscrições em holandês, geralmente contendo as palavras *Geboren* “nascido/a”, e *overleden* ou *gestorven*, referentes à data de falecimento (SARAPIN, 1994, p. 74).

3.4.3 Práticas funerárias judaicas

A presença judaica no Brasil teve início no século XVI. De acordo com as pesquisas realizadas por Cuperschmid (2003), os adeptos dessa religião chegaram aqui fugindo da perseguição inquisitorial da Península Ibérica, permanecendo no novo mundo sob a denominação de cristãos-novos. Por diversas ocasiões, esses cristãos-novos foram acompanhados de perto em suas vidas recém-cristianizadas pelas Visitações do Santo Ofício que ocorreram nas capitanias da Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba entre os períodos de 1591-1595 e 1618-1619. Estes momentos foram os de maior preocupação em esconder quaisquer costumes que se revelassem judaizantes, visto que estes foram considerados crimes e pecados mortais. Vivendo as suas culturas no segredo familiar, os judeus só voltaram a professar publicamente sua fé durante o período da ocupação holandesa de Pernambuco, no período de 1630-1654. (CUPERSCHMID, 2003).

Segundo Cuperschmid (2003), as primeiras evidências das práticas funerárias judaicas estão no costume de sepultar seus mortos em terra virgem e em covas muito fundas e individualizadas. Na descrição do rito funerário judaico, feita por Elias Lipiner em sua obra “*Inquisição: terror e linguagem*” evidencia-se outro detalhe importante:

Quando algum ou alguma morre, e que banham os defuntos e lhes lançam calções de lenço, amortalhando-os com camisa comprida, pondo-lhe em cima uma mortalha dobrada, à maneira de capa, enterrando-os em terra virgem, e em covas muito fundas, chorando-os, com suas litâneas cantando, como fazem os judeus, e pondo-lhes na boca um grão de aljôfar ou dinheiro de ouro, ou prata, dizendo que é para pagar a primeira pousada, cortando-lhes as unhas, e guardando-as, derramando e mandando derramar água dos cântaros e potes quando algum ou alguma morre, dizendo que as almas dos defuntos se vêm ali banhar, ou que o Anjo percuciente lavou a espada na água. (LIPINER, 1977, p. 233).

Em 2009, foi encontrada uma necrópole judaica em Lucena, Córdoba, na Andaluzia, contendo 346 tumbas com estruturas em superfície, correspondente ao mundo islâmico medieval, especificamente dos séculos X e XI (ORTEGA; MIRÓ, 2009, p. 4). Um dado que

chamou atenção foi a não sobreposição dos corpos durante seus sepultamentos:

El ritual de enterramiento es el de inhumación, enfosa y siempre sobre tierra estéril. Los individuos se depositan siempre de forma individual, en decúbito supino, normalmente con la cara mirando al este, depositando el cuerpo en la cámara más profunda o lateral siempre en hueco, ya que el cráneo aparece girado hacia cualquier punto, produciéndose este fenómeno por movimientos anaeróbicos postdeposicionales, que sólo ocurren si existe un medio aéreo alrededor del difunto. No aparece ningún tipo de ajuar, tanto ritual como de adorno personal, ni tampoco elementos de sujeción de sudario (agujas) o clavos (parihuelas o ataúdes). Hemos detectado dos casos de enterramientos secundarios individuales (ORTEGA; MIRÓ, 2009, p. 5).

Segundo Menachemson (2007), as sepulturas deveriam respeitar uma distância mínima, o que faz parte da doutrina judaica. Seria possível até realizar sepultamentos em camadas, quando em casos de epidemia e pouco espaço, mas era necessário respeitar o espaço de cada indivíduo.

Nas práticas judaicas, o sepultamento significa o início do descanso da alma. “Após a morte de um judeu, seu corpo é lavado e envolto num lençol branco de linho ou algodão – chamado de mortalha”, assim como descreve Calvo:

A tradição judaica reconhece a democracia da morte. Exige, portanto, que todos os judeus sejam enterrados no mesmo tipo de veste – uma mortalha branca simples. Ricos ou pobres, todos são iguais perante D’us, e aquilo que determina sua recompensa não é a roupa que vestem, mas aquilo que são. Há quase 2.000 anos, Rabi Gamaliel instituiu essa prática para que os pobres não ficassem envergonhados e os ricos não exibissem o custo de suas roupas do funeral. As roupas a serem vestidas devem ser apropriadas para alguém que está perto de ficar em julgamento perante D’us Todo Poderoso, Mestre do universo e Criador do homem. Portanto, elas devem ser simples, feitas à mão, perfeitamente limpas e brancas. Estas mortalhas simbolizam pureza, simplicidade e dignidade. (CALVO, 2012, p.40).

De acordo com a tradição judaica, o hábito de utilizar a mortalha está relacionado à libertação da alma do corpo. Este paradigma da práxis judaizante de sepultamento, segundo Calvo (2012), só foi identificado devido às pesquisas realizadas nos documentos da Santa Inquisição na Bahia, visto que muitas das práticas inicialmente judaicas foram adotadas posteriormente pelos cristãos, principalmente aqui no Brasil.

Segundo Tania Kalfmann:

Os *tachirim*, roupagem para o sepultamento, seguiria um padrão de tecido de algodão branco simples e sem adornos. Inclusive na Idade Média, havia o costume de entre os judeus mais velhos de se prepararem para a visita do Anjo da Morte, costurando suas próprias vestimentas. As roupas são cortadas e costuradas em pontos largos, à mão, sem nós e deixando os fios soltos. Os religiosos explicam que talvez seja para simbolizar a incompletude da vida do homem (KALFMANN apud

PESSIS, 2013).

No que concerne à deposição do corpo, especificamente dos membros superiores, entre sepultamentos de um cemitério judeu na cidade francesa de Châteauroux, verificou-se que era notório a prevalência do decúbito dorsal com os braços estendidos ao longo do corpo (BLANCHARD; KACKI; ROUQUET, 2009, p. 34).

3.5 ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA

Conforme visto, o campo de estudo das práticas funerárias é vasto, principalmente no tange ao aspecto da diversidade dos rituais e seu potencial de estudo. A discussão anterior foi feita para direcionar a linha de pesquisa a ser adotada neste estudo.

Esta pesquisa visa estabelecer o Perfil Funerário do Sítio do Pilar, composto por 65 indivíduos identificados, dos quais 28 foram escavados e retirados do sítio. Quando o arqueólogo se depara com tal cenário é natural que ele se questione quem eram esses indivíduos, quando e como viveram, como e porquê morreram e por quais motivos teriam sido enterrados naquele local. Para isso, a arqueologia possui um arcabouço de teorias e práticas que auxiliam em responder estes tipos de questionamentos.

O estudo das práticas funerárias presentes nesse sítio fornece dados importantes para a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio, compondo um universo de 30 sepultamentos, a partir das análises dos respectivos perfis de cada enterramento. Em uma pesquisa arqueológica, os enterramentos estão entre os vestígios que mais fornecem elementos para a reconstituição de determinados aspectos da vida dos grupos sociais. Tais elementos podem ser observados a partir do estudo dos aspectos biológicos e culturais que se preservaram no contexto arqueológico.

Para Silva (2005), o estudo dos sepultamentos constitui uma das formas de arqueologia voltada ao conhecimento das sociedades que os formaram. Neste sentido, é possível resgatar informações sobre o indivíduo morto e o grupo ao qual estava inserido através dos traços culturais e biológicos observados no esqueleto.

No que concerne aos elementos biológicos, é possível observar aspectos como DNA, padrões de alimentação, patologias, entre outros. Os elementos culturais, por sua vez, podem ser estudados através dos vestígios relacionados às próprias práticas funerárias: as estruturas preparadas para acomodação dos enterramentos, a preparação do corpo, os materiais utilizados em acompanhamento, o modo como foram agenciados no espaço, entre outros.

Os rituais funerários estão presentes em diversos grupos sociais, em tempos e espaços diferentes, constituindo um papel importante dentro de um grupo, pois ajudam a conservar valores, transmitir conhecimentos e reproduzir as relações sociais. Assim, recebem diversas conotações a partir do ponto de vista dos pesquisadores.

Para a pesquisadora Gabriela Martin (2008):

O homem sempre se preocupou com seus mortos e o ritual funerário, seja ele, simples deposição do corpo numa cova ou cerimônia complexa, acompanha a sociedade humana desde os albores da pré-história. O homem é também tradicionalmente conservador no culto aos seus mortos e a mudança das culturas reflete-se mais lentamente nos rituais e nos costumes funerários do que na evolução da vida cotidiana (MARTIN, 2008, p. 307).

Todo o contexto de morte traz consigo informações relevantes sobre o grupo em que o indivíduo estava inserido. Para Bement (citador por SILVA, 2005), as sepulturas contêm um potencial de estudo voltado ao conhecimento sobre o corpo, as práticas funerárias, as relações entre os gêneros, formas de subsistência, trabalho, demografia, prática de canibalismo, cremação, suicídio, sacrifícios humanos, sistemas de trocas, casamentos e sobre as formas de interação humana com o meio ambiente.

Para Cisneiros (2003), as práticas funerárias se manifestam de acordo com o grupo em que estão inseridas, de modo que cada grupo interpreta a morte de acordo com seu mundo simbólico. Assim, o corpo e o contexto em que o indivíduo está inserido carregam um conjunto de informações acerca de seu grupo cultural. Muitas vezes o que vai definir o tratamento dado ao corpo é a idade, o gênero ou o *status* que o indivíduo exercia antes de sua morte.

Com base nisso, é que esta pesquisa procura compreender quais são as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos do Sítio do Pilar. Neste contexto, a arqueologia tem apresentado algumas sugestões disciplinares para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, como a Arqueologia Funerária (*Archéologie Funéraire*), Arqueologia da Morte (*Archaeology of Death*), Arqueologia Forense (*Forensic Archaeology*), Arqueologia Biológica (*Bioarchaeology*) ou ainda Bioantropologia (*Biological Anthropology*), Paleoantropologia (*Paleoanthropology*) e Osteoarqueologia (*Osteoarchaeology*).

A abordagem desta pesquisa parte de uma perspectiva interdisciplinar, onde os dados provindos de diversas áreas como história, arqueologia e biologia, possam fornecer um número máximo de informações que viabilizem, mesmo que parcialmente, a reconstituição dos aspectos culturais dos remanescentes humanos estudados.

Para complementar a pesquisa, os dados fornecidos pela biologia podem elucidar,

ainda mais, as informações sobre os remanescentes humanos em contexto funerário. Segundo Silva (2005), descrever e classificar sepultamentos humanos implica em observar o todo dos vestígios funerários no contexto da deposição, incorporando dados bioarqueológicos.

A *Arqueologia Funerária*, presente na arqueologia processualista, consiste na linha de pesquisa adotada para análise e interpretação das informações encontradas no contexto arqueológico funerário. Ela permitirá revelar, pelo menos em parte, os rituais funerários realizados e o comportamento dos grupos humanos diante do fenômeno da morte (Silva, 2005).

Diversos autores classificam de forma sistêmica os elementos observáveis durante processos de investigação no contexto funerário. A pesquisa em questão adota os aspectos levantados por Sprague (1968) que apresenta um modelo classificatório amplo para descrever os enterramentos humanos, procurando, através de uma tabela, auxiliar na comunicação sistemática das variabilidades das práticas funerárias e à caracterização dos seus vestígios no sítio arqueológico.

Os dados culturais e biológicos foram utilizados para a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio, conceito esse anteriormente utilizado por Leite (2011) e Luz (2014), o qual também será adaptado nessa pesquisa.

4 MÉTODO DA PESQUISA

4.1 PERFIL FUNERÁRIO

As pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil no âmbito do estudo de perfil arqueológico – como as desenvolvidas por Nascimento, Alves e Luna (1990), Alves (1991), Pessis (1992) e Oliveira (2000), propondo abordar os grafismos rupestres, vestígios cerâmicos e líticos como caracterizadores culturais – trouxeram novas perspectivas para o estudo desses tipos de vestígios.

O uso do conceito de perfil aplicado à arqueologia, especificamente trabalhado no Nordeste do Brasil por pesquisadores como Nascimento, Alves e Luna (1990), Alves (1991), Pessis (1992), Castro (1999) e Oliveira (2000), teve por objetivo segregar os grupos pré-históricos que habitaram essa região a partir de seus vestígios. Para Pessis (1992, 1993), o perfil é uma estruturação sistêmica de atributos flexíveis, podendo segregar as características próprias do acervo gráfico (marcadores de identidade) de uma determinada área. Já Castro (1999) e Alves (1991) direcionam o perfil para trabalhar os caracteres presentes na cerâmica. Alves (1991, p. 68) entende por Perfil Técnico Cerâmico “uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos e funcionais, organizados segundo certas regras de hierarquia”.

Cada pesquisador adotou uma abordagem metodológica onde as variáveis permitissem observar características específicas preservadas no registro arqueológico, e com isso estabelecer o perfil de um determinado elemento presente no sítio estudado. No âmbito do estudo das práticas funerárias, podemos citar Leite (2011) e Luz (2014) que realizaram pesquisas em sítios localizados na região da Serra da Capivara, no Piauí.

Leite (2012) apresenta como realizou sua pesquisa no Sítio Toca da Baixa dos Caboclos:

Baseando-se nas propostas metodológicas trabalhadas por Pessis (1992) e Oliveira (1990; 2000), este trabalho propôs abordar os enterramentos como caracterizadores culturais, ao menos no que concerne às práticas funerárias. Para tanto, procedeu-se a elaboração de um modelo metodológico que considerasse os enterramentos como fontes de informação acerca das manifestações fúnebres dos grupos culturais que os realizaram. Tal modelo metodológico considerou variáveis relacionadas aos aspectos biológicos e culturais, representados pelos elementos antropofísicos e sepulcrais, e às dimensões cronoespaciais (...). Entretanto, diferente do que Pessis (1992) e Oliveira (1990; 2000) propuseram, a abordagem dos enterramentos não pode ser feita a partir da observação de um conjunto de vestígios. De modo contrário, na investigação das práticas fúnebres inicialmente faz-se necessário o

estudo particular de cada enterramento, de modo que sejam consideradas as suas especificidades. Essa investigação inicial, em escala micro, permite a reconstituição do Perfil da Unidade Funerária, que responde apenas pelas práticas funerárias realizadas em único enterramento (LEITE, 2011, p. 57).

Esse estudo sugeriu o conceito de perfil funerário com esse tipo de abordagem:

O Perfil Funerário do Sítio constitui o conjunto de elementos relacionados às práticas fúnebres realizadas na totalidade de enterramentos evidenciados em um dado sítio arqueológico. Para reconstituir este perfil devem ser adotados dois procedimentos principais: a análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias e a análise da distribuição cronoespacial destes perfis (LEITE, 2011, p. 61).

Na sua proposta de trabalho, Leite (2011) visa reconstituir o perfil funerário de um sítio pré-histórico, propondo futuramente a utilização desse tipo de estudo aplicado em outros sítios. Embora esta pesquisa utilize o conceito de Perfil Funerário, o presente trabalho fará algumas adaptações em razão de dois fatores: primeiro por se tratar de um sítio histórico e não de uma população pré-histórica como trabalhado por Leite (2012) e Luz (2014); o segundo aspecto é que a pesquisa tratará de reconstituir apenas do Perfil Funerário do Sítio do Pilar, uma vez que se pretende esclarecer dúvidas relacionadas apenas a este sítio e não de uma região.

A utilização de Perfil Funerário empregada nessa pesquisa visa empregá-lo como método para a reconstituição dos aspectos presentes nas práticas funerárias do Sítio do Pilar, com isso, não será a categoria de saída da pesquisa.

4.2 PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO (PFS) E PERFIL DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA (PDF)

O Perfil Funerário do Sítio (PFS) corresponde ao conjunto de elementos relacionados às práticas fúnebres realizadas na totalidade de enterramentos evidenciados em um dado sítio arqueológico (LEITE, 2011, p. 61). Para a reconstituição do perfil funerário de um sítio é necessário analisar o perfil funerário de cada deposição funerária (PDF).

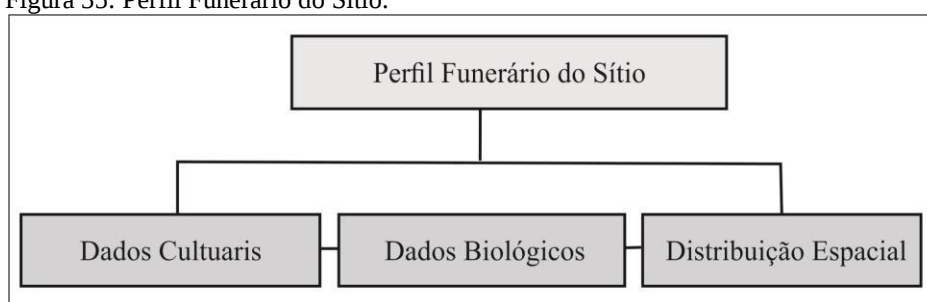
Para a reconstituição do perfil de cada deposição funerária foi elaborado um protocolo conforme sugerido por Sprague (1968), onde foi possível cruzar os dados da tríade componencial (corpo, cova e materiais associados) de forma sistemática. A observação dos elementos dessa tríade é essencial para a análise desse tipo de vestígio (BINFORD, 1971; TAINTER, 1977; MORRIS, 1992; SILVA, 2005, 2014).

As fontes utilizadas para alimentar esse protocolo foram de origem primária e

secundária. As de origem primária referem-se às informações obtidas através dos cadernos de campo, fotos e banco de dados, bem como minha experiência pessoal em campo, já que já que participei diretamente na identificação dos 65 indivíduos, dos quais 28 foram escavados. Os dados secundários provêm das publicações de artigos, dissertações e relatórios publicados a respeito do sítio.

A organização e análise dos dados culturais (sugerido por Sprague), dados biológicos, distribuição espacial e o auxílio dos dados históricos, possibilitou a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio do Pilar (Figura 35).

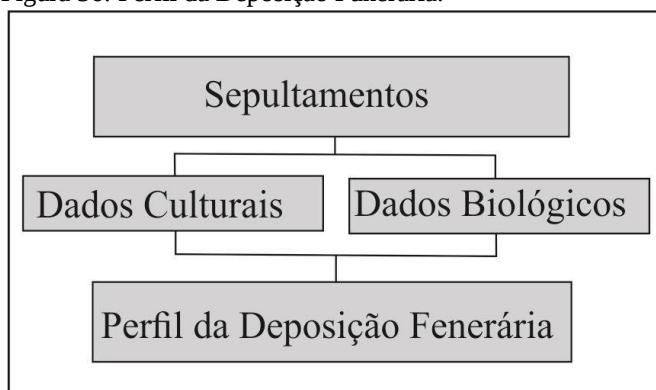
Figura 35: Perfil Funerário do Sítio.



Um artigo publicado na revista *Archaeological and Anthropological Sciences* (2012) apresenta um estudo sobre um sítio cemitério histórico identificado no Norte de Nova York, Estados Unidos, também achado fortuitamente durante uma obra. Os pesquisadores Jennifer F. Byrnes, D. Andrew Merriwether, Joyce E. Sirianni & Esther J. Lee utilizaram o cruzamento de dados biológicos, culturais e históricos para identificar que população estava enterrada no local, uma vez que a historiografia não trazia qualquer dado sobre sua existência. Esse tipo de estudo serve para ilustrar como é importante trabalhar com o cruzamento de dados provindos de várias disciplinas e ciências, com intuito de refinar a pesquisa.

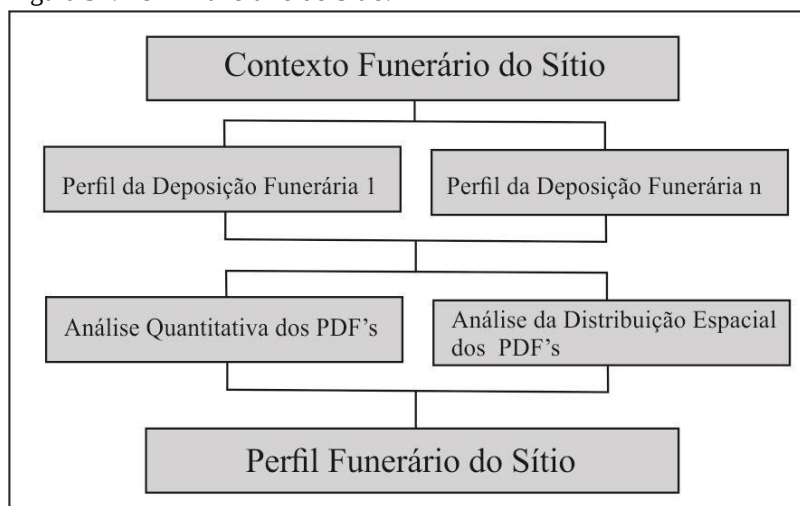
Com a observação dos dados culturais e biológicos torna-se possível elaborar o Perfil da Deposição Funerária (figura 36).

Figura 36: Perfil da Deposição Funerária.



Como visto, para a elaboração do Perfil Funerário do Sítio é preciso realizar o ordenamento sistemático das informações presentes em cada sepultura sob um viés micro-analítico, assim como a análise da distribuição espacial destes perfis. Portanto, é necessária a utilização de protocolos que possibilitem listar os dados e visualizá-los sob uma perspectiva geral e macro-analítica, observando possíveis recorrências, o que possibilita compreender como tais deposições se integram (Figura 37).

Figura 37: Perfil Funerário do Sítio.



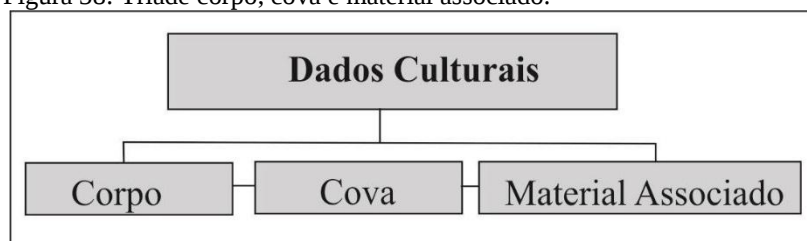
A análise da distribuição espacial dos sepultamentos é de suma importância para a compreensão da organização do cemitério. Por meio da planta baixa do sítio observou-se a espacialidade horizontal; e através da estratigrafia visualizou-se a espacialidade vertical de cada sepultamento. Quanto à cronologia, existe um recorte temporal estabelecido a partir de dados históricos, mas até então não foi realizada nenhuma datação absoluta do sítio que permitisse fazer maiores conclusões sobre a distribuição crono-espacial das práticas funerárias ali presentes.

Ainda nesse aspecto, foram feitas comparações com a planta baixa de outros cemitérios do mesmo período a fim de confrontar os dados. As comparações também foram utilizadas para observar as práticas identificadas nos sepultamentos do Sítio do Pilar com outros sepultamentos do mesmo período.

4.2.1 Dados culturais

Os dados culturais correspondem ao tratamento funerário que o morto recebeu e que ficou conservado no registro arqueológico. Sua observação foi feita através dos elementos da tríade componencial: corpo, cova e material associado (Figura 38).

Figura 38: Tríade corpo, cova e material associado.



No que condiz à variável Corpo, observou-se: forma da deposição, preparação do corpo, quantidade de indivíduos, articulação, disposição, posição e orientação. Na variável Cova, observou-se: localização horizontal (orientação) e vertical (profundidade). Na variável referente ao Material Associado, observou-se: tipo, frequência, localização, tratamento ou condições e adornos corporais/artefatos.

Quanto aos dados biológicos, foram observados: sexo, idade, ancestralidade, estatura e traumas por lesões presentes no crânio.

O estudo desses aspectos pode resgatar, mesmo que em parte, as práticas funerárias presentes no morto e, portanto, informar um pouco mais sobre o grupo que a praticou (BINFORD, 1971; TAINTER, 1978).

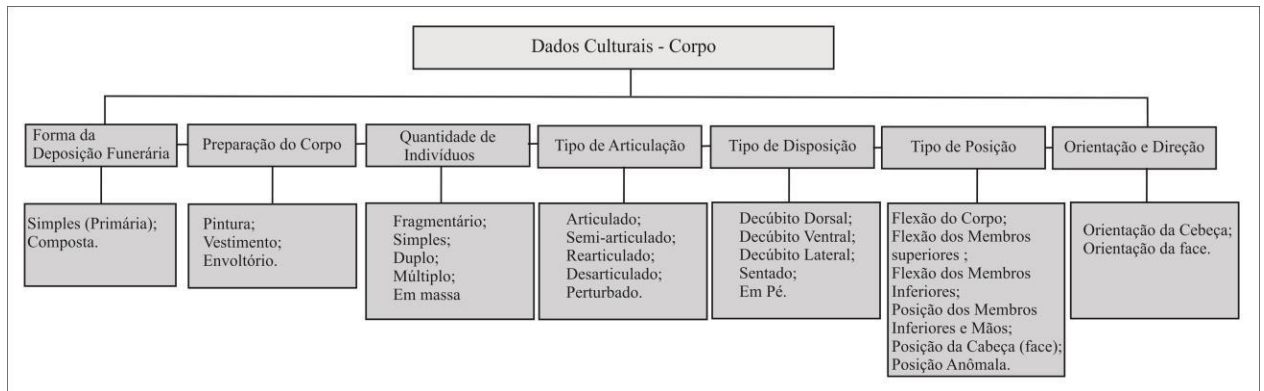
A seguir estão detalhadas as variáveis dos dados culturais.

4.2.1.1 Corpo

A análise dos aspectos culturais que envolvem o corpo requereu uma atenção especial nessa pesquisa. A reconstituição do Perfil Funerário do Sítio considerou os atributos disponíveis e possíveis de observação que o corpo recebeu durante sua inumação. Com isso,

segue abaixo o esquema dos atributos observados (Figura 39), adaptado por Silva (2005) a partir de Sprague (1968).

Figura 39: Atributos do corpo considerados dentro dos elementos culturais.

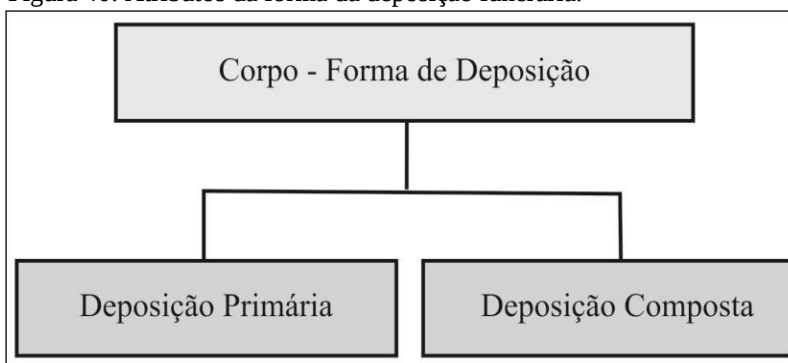


4.2.1.1.1 Forma de deposição

Segundo Sprague (1968) existem duas formas de deposição (Figura 40): a deposição simples e composta. A deposição simples é caracterizada pelo esqueleto articulado, elaborada uma única vez e sem sinais de perturbação, com inumação completa. Dentro desta deposição pode haver algumas especificações, como inumação primária (sepultamento, enterramento, deposição em túmulo–internamento), deposição aquática (fluvial) e a deposição em superfície (dispersa, dispersão, abandono por motivos culturais ou acidentais – naufrágios).

Já a deposição composta é caracterizada por um sepultamento complexo, dividindo-se em: processos redutivos (descarnamento, esqueletização) como: a) Inumação/exumação (enterramento temporário, provisório, segunda inumação, segundo funeral), b) Exposição ao ar, c) Fermentação em recipientes, potes, d) Exposição aos animais (consumo por mamíferos, insetos, aves, peixes), e) Descarnamento mecânico (corte dos tecidos moles, descarnamento, maceração), f) Cremação (imolação, incineração, queima, decomposição artificial pelo fogo). E por fim, secundária, terciária, seguintes até a deposição final.

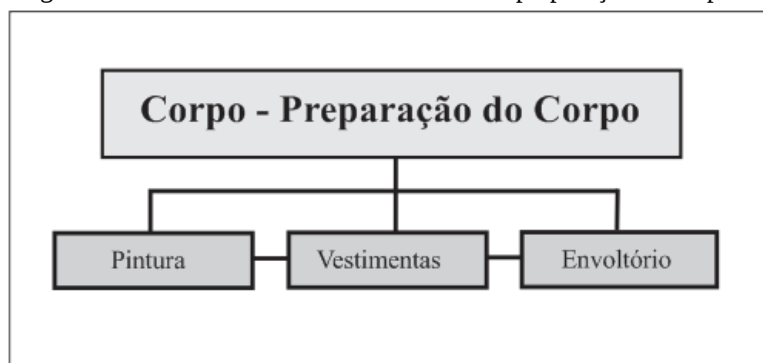
Figura 40: Atributos da forma da deposição funerária.



4.2.1.1.2 Preparação do corpo

Essa subvariável condiz com a atividade de preparação do corpo para ser depositado em um recipiente ou cova. Inclui a prática da pintura, uso de vestimentas, envoltórios, entre outros (Figura 41). Nem sempre o registro arqueológico fornece indícios de que tipo de preparação o corpo recebeu, como por exemplo, quando houve uso de vegetais ou até mesmo tecido. As condições do ambiente são cruciais para a conservação desses vestígios.

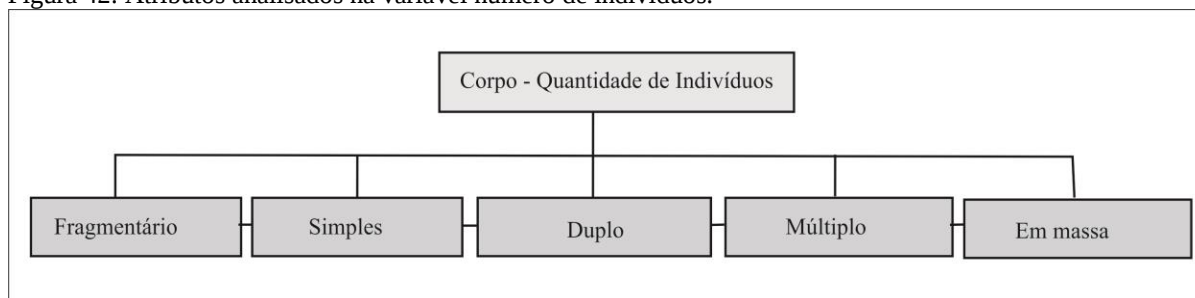
Figura 41: Atributos analisados na variável da preparação do corpo.



4.2.1.1.3 Quantidade de indivíduos

Quanto ao número de indivíduos, o local onde ocorreram os enterramentos pode conter mais de um indivíduo em circunstâncias diversas, com apenas uma parte de um corpo, um corpo inteiro, dois corpos ou um número maior de corpos depositados em ordem ou misturados uns com os outros. É possível identificar apenas parte de um indivíduo por cova, um indivíduo isolado ou agrupado (enterramento simples) ou dois indivíduos (enterramento duplo) (Figura 42).

Figura 42: Atributos analisados na variável número de indivíduos.



Quando existe a presença de mais de um indivíduo por cova (enterramentos duplo ou múltiplo) é importante observar se foram enterrados em um mesmo momento ou em momentos distintos, podendo eles serem sucessíveis ou contemporâneos quando enterrados num mesmo momento; ou consecutivos quando enterrados em momentos diferentes.

É importante observar, ainda durante a escavação, como os indivíduos foram depositados: se estão articulados, se existe uma camada de sedimento intercalando um indivíduo do outro ou se mantêm uma relação direta com o contato de seus ossos, mostrando que foram colocados em um mesmo momento. Uma única cova pode conter mais de um indivíduo com uma camada de sedimento entre eles, mostrando certa individualidade; ou podem ter sido enterrados num mesmo momento, porém sem essa característica de individualização.

Tudo isso deve ser considerado antes de qualquer afirmação, pois cada caso possui suas peculiaridades e, como visto anteriormente, as práticas funerárias podem se apresentar de formas específicas e diversas dependendo do grupo que as praticou.

4.2.1.1.4 Tipos de articulação

Observar se o indivíduo está articulado é importante, pois assim é possível analisar como esse corpo foi manipulado dentro da cova. Através dessa análise poderá ser inferido se o indivíduo está articulado (primário – em conexão anatômica normal), ou seja, se o corpo foi posto em sua cova e não mais perturbado; semi-articulado (semi-desarticulado, articulação parcial – não intencional), quando por algum motivo (como o tafonômico) pode ter sido desarticulado parcialmente; rearticulado, o que inclui fardos de ossos, unidades ósseas desordenadas, sem conexão anatômica – intencional; ou perturbado, com ossos fragmentados, desarticulação não intencional (aqui também os motivos podem ser de ordem tafonômica) (Figura 43; Tabela 04).

Figura 43: Atributos da variável articulação do corpo.

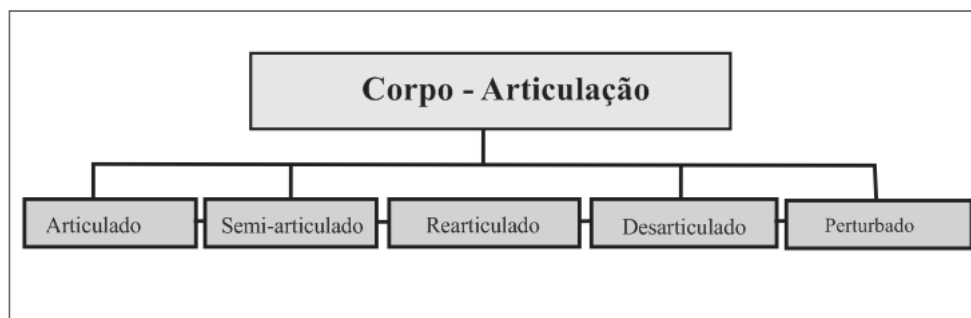


Tabela 04: Atributos da variável articulação do corpo.

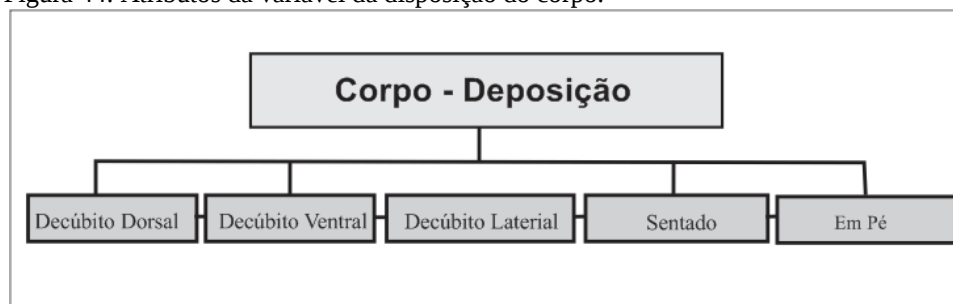
Articulação (A)
Articulado (primário – conexão anatômica normal)
Semi-articulado(semi-desarticulado, articulação parcial – não intencional)
Rearticulado (articulação intencional de ossos, conexão anatômica normal ou não -intencional)
Desarticulado (inclui os fardos de ossos, secundário, unidades ósseas desordenadas, sem conexão anatômica – intencional)
Perturbado (fragmentário, desarticulado não intencional)

Fonte:SPRAGUE (1968) adaptado por SILVA (2005).

4.2.1.1.5 Tipos de disposição

A disposição refere-se à forma como o corpo está depositado na cova ou recipiente (Figura 44). Ela pode variar entre: decúbito dorsal (supinação, pronação, deitado, resupinação, reclinado, fletido); decúbito ventral (supinação, pronação, deitado, resupinação, reclinado, fletido); decúbito lateral (direito ou esquerdo); sentado (ereto ou vertical); e em pé (ereto, perpendicular).

Figura 44: Atributos da variável da disposição do corpo.



4.2.1.1.6 Tipos de posição

Refere-se aos graus de conexão anatômica normal entre as unidades ósseas que um esqueleto possui. Assim como as outras subvariáveis, a observação desse aspecto cultural no indivíduo morto é essencial nesta pesquisa. Nessa subvariável esse aspecto vai ser

relevante uma vez que a recorrência ou não recorrência intencional vai indicar parte do ritual funerário.

Serão medidos os graus de conexão entre os membros de cada esqueleto, através de medidas e não de suposições. Para compreender como é feita a mensuração dos ângulos dos membros do esqueleto, Ubelaker (2007) apresenta uma ilustração em seu trabalho (Figura 45).

Figura 45: Grau de flexão dos membros inferiores do esqueleto.



Fonte: UBELAKER, 2007.

Além da análise sobre o grau de flexão do corpo, dos membros superiores e inferiores, essa subvariável também considera a posição dos membros em relação ao corpo do indivíduo. Segue abaixo a relação dos diferentes graus de conexão que podem ser identificados nos sepultamentos (Figura 46; Tabela 05).

Figura 46: Atributos da variável da posição do corpo.

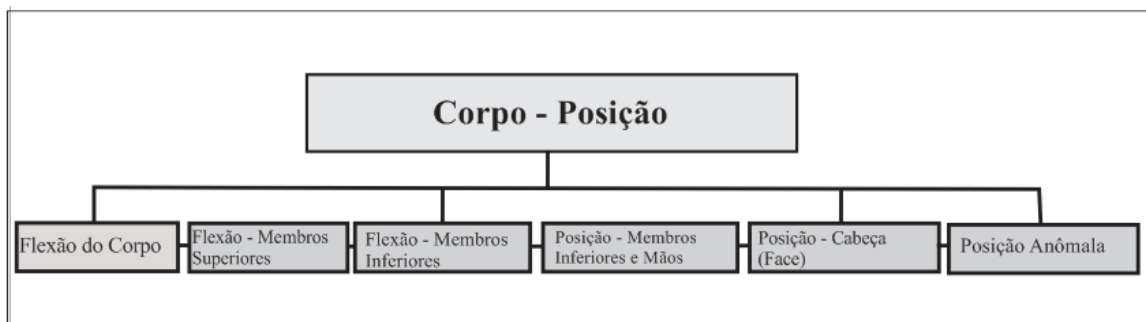


Tabela 05: Atributos da variável posição do corpo com detalhes dos ângulos.

Tabela 65: Flutuações da variável posição do corpo com detalhes dos ângulos.					
Posição					
Tipo	Descrição/Variação				
Flexão do corpo (flexão corpo/membros inferiores, eixo da coluna vertebral ou eixo crânio-pelve/eixos longitudinais dos fêmures, contração do corpo)	A	Estendido (180 graus, supino, estendido)		1	
		Semi-fletido (180-90 graus, fletido, acocorado, semiacocorado, parcialmente fletido)		2	
		Fletido (90-10 graus, contraído, acocorado, em posição fetal, fortemente fletido, posição embriônica,sentado, hiperfletido, hiperflexionado)		3	
		Hiperfletido (10-0 graus, posição fetal, deitado ou sentado, hiperfletido/hiperflexionado)		4	
Flexão dos membros superiores (flexão da junta do cotovelo, articulação do cotovelo, ângulo formado entre o eixo longitudinal do úmero e da ulna –ou rádio)	B	Estendido (180 graus)		1	
		Semi-fletido (180-90 graus)		2	
		Fletido (90-10 graus)		3	
		Hiperfletido (10 -0 graus)		4	
		Flexão reversa (180 – 360 graus)		5	
Flexão dos membros inferiores (flexão da junta do joelho, articulação do joelho, ângulo formado entre o eixo longitudinal do fêmur e da tíbia –ou fíbula)	B1	Estendido (180 graus)		1	
		Semi-fletido (180-90 graus)		2	
		Fletido (90-10 graus)		3	
		Hiperfletido (10 -0 graus)		4	
		Flexão reversa (180 – 360 graus)		5	
Posição dos membros superiores e mãos	C	Ao lado do corpo, braços estendidos		1	
		Mãos na região pélvica		2	
		Braços na região torácica (sobre as costelas, cruzadas)		3	
		Mãos na região da cintura escapular (sobre, sob, ao lado das clavículas ou ombros)		4	
		Mãos na região da face ou crânio, (sobre, sob, ao lado)		5	
		Braços ao redor dos membros inferiores (circundando)		6	
		Face voltada para frente	1	Lado direito	A
				Lado esquerdo	B
		Face Voltada para trás	2	Lado direito	A
				Lado esquerdo	B
		Face Voltada para baixo	3	Lado direito	A
				Lado esquerdo	B
		Face voltada para o lado	4	Lado direito	A
				Lado esquerdo	B
		Perpendicularidade da face	4	Voltada para baixo (sobre a cintura escapular)	
Posição anômala (torções, desordem, desarranjo, tracionamento, hiper-rotação, reversão.	E				

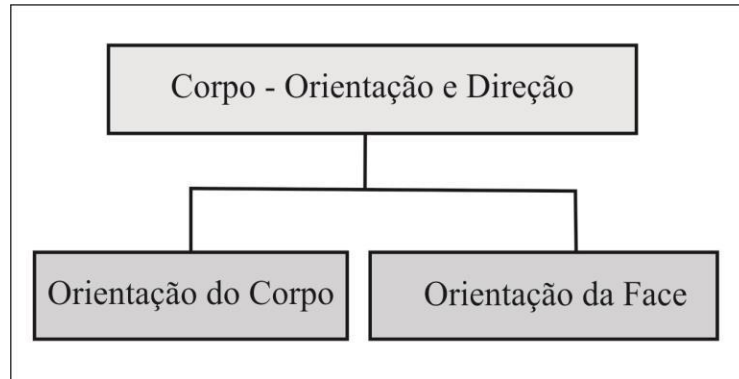
Fonte: SPRAGUE (1968) adaptado por SILVA (2005) e pela autora.

4.2.1.1.7 Tipos de orientação e direção

Condiz à orientação e direção do corpo e face (Figura 47). Quanto à orientação do corpo, esta pode variar entre: direção da cabeça, face voltada para, cabeça apontada para, crânio com face voltada para, direção da face, eixo crânio-pelve, ambos relacionados com o

eixo Crânio-pelvis (espinhal, eixo crânio-pelve ou crânio-bacia) ou eixo Crânio-pés (eixo cabeça-pés ou crânio-pés).

Figura 47: Atributos a serem analisados na variável da orientação e direção do corpo.



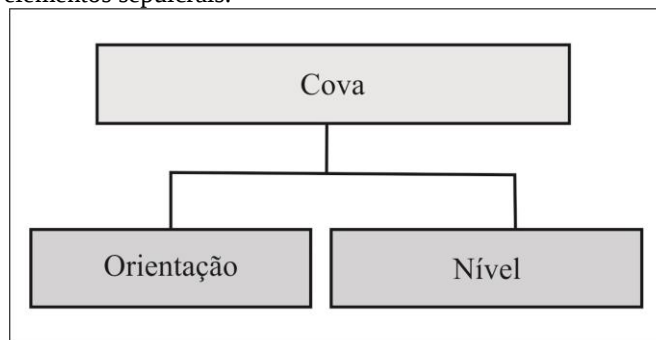
A observação desta subvariável pode refletir, por exemplo, a religião do indivíduo ou do grupo que praticou o sepultamento. Como é o caso dos judeus, que costumavam enterrar seus mortos com a cabeça voltada para o oeste e pés para o leste, em acordo com a crença cristã do dia do juízo final, quando o anjo Gabriel viria ao encontro do morto (SARAPIN, 1994).

4.2.1.2 Cova

Refere-se ao local intencionalmente preparado para a deposição do indivíduo morto. Esta variável possui poucos atributos observáveis, pois não havia no registro arqueológico do sítio dados suficientes que fornecesse com exatidão as características de dimensão da cova.

As subvariáveis trabalhadas limita-se a localização horizontal (orientação) e vertical (profundidade) da cova (Figura 48). A orientação ou localização horizontal da cova pode trazer informações sobre preferências de posicionamento quanto ao grau de parentesco, sexo ou individualizar grupos sociais dentro de um cemitério. Já a profundidade ou localização vertical pode indicar os diferentes momentos que os indivíduos foram enterrados, principalmente quando se pode associar esse aspecto com cronologias.

Figura 48: Atributos da cova a ser considerados dentro dos elementos sepulcrais.



4.2.1.3 Materiais associados

O material associado é composto por todos os vestígios colocados intencionalmente ou não durante o enterramento, podendo ser adornos corporais, oferendas no sepultamento, oferendas mortuárias/funerárias ou vestígios relacionados a uma possível intrusão. Quando intencional, eles podem indicar uma distinção entre os enterramentos, até mesmo sua relevância dentro do grupo (Figura 49).

Figura 49: Atributos da variável do acompanhamento funerário.

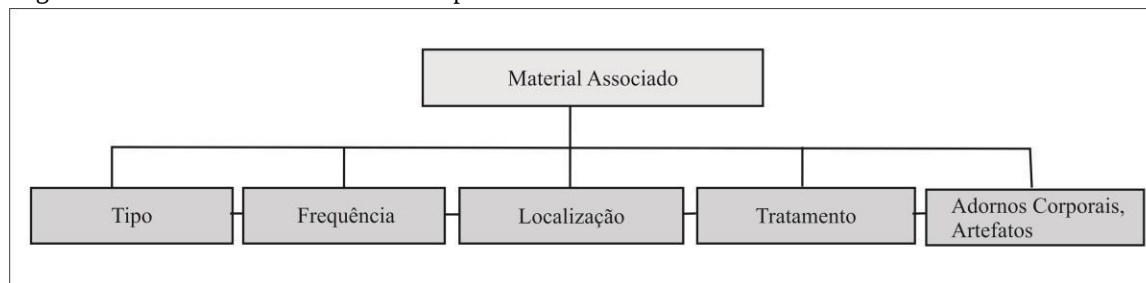


Tabela 06: Atributos da variável do acompanhamento funerário.

Acompanhamentos Funerários		
(AF) Tipo/Descrição		
Tipos (matéria-prima, tipologia, medidas e peso)		A
Frequência (ocorrência, quantificação)		B
Localização (disposição junto do corpo e da cova)		C
Tratamento ou condições (degradado, preservado)		D
Adornos corporais, artefatos	Osso	1
	Valvas de moluscos	2
	Vegetais	3
	Lítico	4
	Dente	5
	Carapaças de mamíferos	6
	Carapaças de quelônios	7

Fonte: SPRAGUE (1968) adaptado por SILVA (2005).

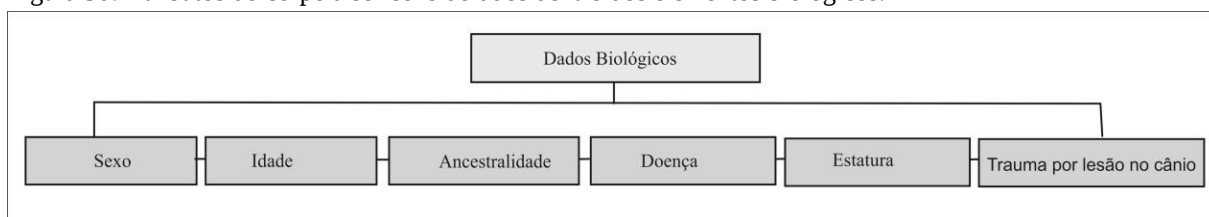
O contexto funerário é, por vezes, complexo e necessita de muita atenção quando se trata de acompanhamento funerário. Identificar o aspecto da intencionalidade não é uma tarefa fácil. Os grupos podem atribuir valores a diferentes tipos de materiais e a concepção do arqueólogo sobre os objetos deixados próximo do morto deve ser minuciosamente refletida.

Muitos vestígios, como os ecofatos por exemplo, podem passar despercebidos durante a escavação do sepultamento, embora possam conter o valor igual a qualquer outro objeto. As condições do ambiente também podem interferir nas interpretações.

4.2.2 Dados biológicos

Os dados biológicos correspondem às informações que os ossos, dentes e tecidos moles podem fornecer a respeito do indivíduo morto, a saber: sexo, idade, ancestralidade, doença, estatura e traumas por lesões presentes no crânio, entre outros (Figura 50).

Figura 50: Atributos do corpo a ser considerados dentro dos elementos biológicos.



Os dados biológicos (sexo, idade, ancestralidade e doença) do Sítio do Pilar foram anteriormente analisados por Silva (2015) e por Sergio Monteiro da Silva, descritos no Relatório de Atividades da Fundação Seridó (2013).

Os dados de estatura e de trauma por lesão (presente no crânio) foram realizados à parte para complementar a pesquisa. Na tentativa de observar possíveis componentes químicos (ex: alumínio, ferro, etc.) presentes em alguns tipos de armas brancas, foram realizados testes de Fluorescência de Raio-X (equipamento portátil X-MET 5100 – Marca Oxford Instruments) naquelas lesões que poderiam ter levado à morte do indivíduo, uma vez que em casos de lesão *perimortem* é possível identificar resquícios do instrumento utilizado.

Para os dados biológicos foram utilizados como referência Brothwell (1981), Campillo e Sibirà (2004), Bass (2005), White e Folkens (2005) Schaefer, Black e Scheuer (2009), FUNDAÇÃO SERIDÓ (2013)⁶ e por Silva (2015). A pesquisa realizada sobre estatura utilizou Brothwell (1981).

4.2.3 Distribuição espacial

No que concerne à distribuição espacial, foi analisado como os sepultamentos estavam agenciados dentro do sítio. Para isso, foram observados aspectos em relação à orientação e distanciamento entre as covas, alinhamento, sobreposição e justaposição dos indivíduos. Toda a organização foi comparada com outros sítios com período cronológico semelhante e de uso militar.

A orientação, alinhamento e distanciamento das covas permite observar se existe um conhecimento prévio onde cada sepultura estava posicionada, uma vez que a não interferência ou perturbação provocada durante a abertura de uma nova cova pode indicar a existência de um marco sobre o solo (ex: lápide, rocha ou montículo de sedimento), que indicasse a presença de um sepultamento no local. A construção das casas sobre o sítio, em um momento posterior, pode ter contribuído na permanência desse tipo de vestígio. Quanto à sobreposição e justaposição das sepulturas, buscou-se observar se os indivíduos foram enterrados em um mesmo momento ou em momentos distintos.

Todos esses aspectos, quando comparado a outros sítios, permitiram observar se o agenciamento teve uma intencionalidade quanto ao uso do espaço por práticas ligadas ao serviço militar daquela época (Figura 51).

Figura 51: Atributos da Distribuição Espacial.



⁶ Os resultados preliminares das análises dos sepultamentos foram apresentados por: FUNDAÇÃO SERIDÓ. **Relatório parcial de atividades da pesquisa arqueológica antecedente às obras de implantação do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar (XII):** Quadra 55. Recife: Fundação Seridó, 2013. Relatório. p. 57.

5 PERFIL DAS DEPOSIÇÕES FUNERÁRIAS DO SÍTIO

Como visto no Capítulo 3 deste trabalho, para a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio é preciso realizar primeiramente a reconstituição do perfil funerário de cada deposição funerária, com seus respectivos esqueletos. Os elementos culturais e biológicos observáveis em cada indivíduo foram pontuados de forma sucinta a fim de analisá-los em uma escala micro.

Para a análise de cada deposição funerária foi preciso observar a sua composição enquanto número de esqueleto presentes, já que os sepultamentos foram individualizados durante sua escavação, ou seja, cada indivíduo foi tratado como sepultamento único sem observar se os indivíduos sobrepostos ou muito próximos pertenciam a uma mesma cova.

Esta pesquisa criou uma numeração própria para cada deposição funerária, a fim de uma organização mais clara, uma vez que durante a escavação dos esqueletos eles não seguiram uma sequência. Devido a isso é possível perceber números dispersos entre 01 e 65. Na tabela abaixo (tabela 07), é possível visualizar o quantitativo de unidades funerárias e seus respectivos esqueletos.

Tabela 07: Números das deposições funerárias e seus esqueletos correspondentes.

Número da Deposição Funerária (Sepultamento)	Número(s) do(s) Esqueletos (s) ⁷
1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6 e 19
7	7
8	10 e 21
9	13
10	14
11	15 e 16
12	17 e 18
13	30

⁷ Os números dos esqueletos descritos são os mesmos adotados em campo durante as escavações. Como a equipe numerou cada um de acordo com a ordem de identificação, é possível verificar que não seguem uma ordem numérica, uma vez que alguns foram evidenciados, mas não foram escavados e nem retirados de campo.

14	44
15	45
16	46 e 52
17	47 e 48
18	49
19	53 e 54
20	55
21	58
22	59
23	65

Segue abaixo, a descrição do Perfil da Deposição Funerária de cada indivíduo.

5.1 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 1

O Perfil da Deposição Funerária 1 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 1, localizado na trincheira 4, quadrículas O102 e P102 (Figura 52).

Figura 52: Esqueleto 1. O indivíduo sofreu perturbações devido ao desmoronamento do perfil estratigráfico, apenas parte dos membros superiores e crânio ficaram preservados.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.1.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, único indivíduo por cova (fragmentário), ou seja, apenas parte dos membros superiores e crânio estavam em contexto, articulado, decúbito dorsal, braços parcialmente ao lado corpo, face voltada para cima e rotacionada para a direita, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo, com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material Associado: Foi identificado um fragmento de cerâmica localizado próximo a esse sepultamento. A partir da análise tipológica foi constatado que se trata de um fragmento de cerâmica histórica, composto por base com início de um bojo (7 cm de altura, 7,2 cm de largura, 0,8 cm de espessura), confeccionado com torno e tratamento de superfície alisado (Figura 53).



Figura 53: Fragmento de cerâmica identificado próximo ao esqueleto 01.

5.1.2 Dados biológicos

Masculino, com idade aproximada de 25 anos, estatura 1,75m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto e sífilis (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.2 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 2

O Perfil da Deposição Funerária 2 foi estabelecido a partir dos dados culturais e biológicos presentes no esqueleto 2, localizado na trincheira 4, quadrículas O103 e P103 (Figura 54).

Figura 54: Esqueleto 2. O indivíduo sofreu perturbações devido ao desmoronamento do perfil estratigráfico, apenas parte dos membros superiores e crânio foram preservados.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.2.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, único indivíduo por cova (fragmentário), ou seja, apenas parte dos membros superiores e crânio estavam em contexto, articulado, decúbito dorsal, flexão do membro superior (braço direito) fletido (90-10 graus), braço direito na região torácica com a mão direita sobre o úmero, face voltada para o lado esquerdo, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade

de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material Associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.2.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino com idade aproximada entre 15 e 19 anos, estatura 1,67 m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.3 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 3

O Perfil da Deposição Funerária 3 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 3, localizado na trincheira 2, quadrículas P110. Apenas o crânio desse sepultamento foi retirado, o pós-crânio permaneceu no sítio, pois estava sob uma estrutura de alvenaria. Os dados culturais foram obtidos através do caderno de campo e não pelo auxílio do registro visual da fotografia, como os demais (Figura 55).

Figura 55: Esqueleto 03 sob estrutura em alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE

5.3.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, articulado, decúbito dorsal, com flexão, braço direito cruzado sobre o tórax (costelas),

face voltada para frente, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, pois o mesmo não foi totalmente escavado.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.3.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 45 e 50 anos, estatura não observada, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), com presença de trauma por lesão no crânio.

5.4 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 4

O perfil da Deposição Funerária 4 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 4, localizado na trincheira 5, quadrículas N110 e O110 (Figura 56).

Figura 56: Esqueleto 04.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.4.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, único indivíduo por cova (simples), articulado, decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com a mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur, face voltada para baixo e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Foi identificado um fragmento de cerâmica, localizado próximo a esse sepultamento. A partir da análise tipológica foi constatado que se trata de um fragmento de cerâmica histórica composto por bojo e base (5,3 cm de altura, 2,5 cm de largura, 0,6 cm de espessura), confeccionado em torno e tratamento de superfície alisado, similar ao fragmento identificado no sepultamento 01 (Figura 57).

Figura 57: Fragmento de cerâmica identificado próximo ao esqueleto 4. À esquerda, parte externa do fragmento sem nenhum tipo de decoração e a direita parte interna, mostrando sua confecção em torno.



5.4.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 20 e 25 anos, estatura 1,75m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.5 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 05

O Perfil da Deposição Funerária 5 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 05, localizado na trincheira 5, quadrículas R110 e 111 e S110 e 111 (Figura 58).

Figura 58: Esqueleto 05.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.5.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, único indivíduo por cova (simples), articulado, decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores fletidos (90-10 graus), braços cruzados na região torácica com as mãos sobre os úmeros, face voltada para cima e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Foi identificado um fragmento de faiança portuguesa, localizado próximo a esse sepultamento. Trata-se de um fragmento contendo borda, bojo e base (5,1 cm

de altura, 2,6 cm de largura, 0,5 cm de espessura), pintado à mão (azul), provavelmente pertencente a um prato (Figura 59).

Figura 59: Fragmento de faiança identificado próximo ao esqueleto 5.



5.5.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 25 e 30 anos, estatura 1,63, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.6 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 6

O Perfil da Deposição Funerária 6 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 06 e 19 (o esqueleto 19 estava há 25 cm de profundidade do esqueleto 06). Estes esqueletos foram localizados na trincheira 9, quadrículas M'103 e 104, M'' 103 e 104 (Figuras 60 e 61).

Figura 60: Esqueleto 06.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 61: Esqueleto 19.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.6.1 Dados culturais

a) Esqueleto 6

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com a mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur, face voltada para frente, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

b) Esqueleto 19

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, decúbito dorsal, braços estendidos ao lado do corpo com as mãos sobre a pelve, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade 1,55m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.6.2 Dados biológicos

a) Esqueleto 6

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 20 e 25 anos, estatura 1,74m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

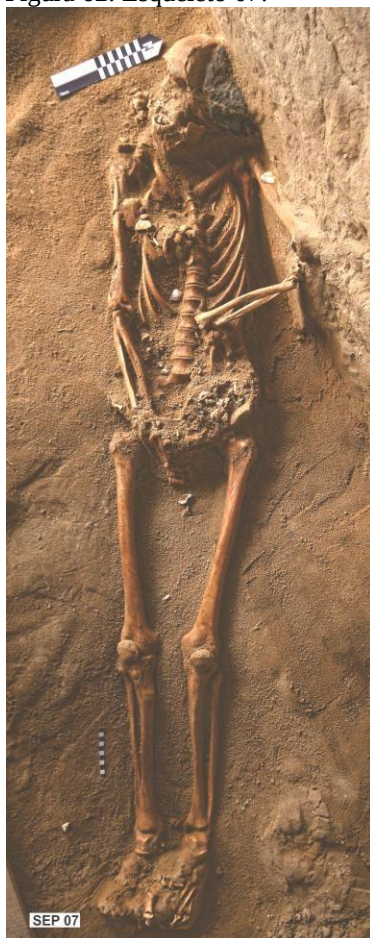
b) Esqueleto 19

Não foi observado nenhum aspecto, pois esse esqueleto não foi retirado do campo.

5.7 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 7

O Perfil da Deposição Funerária 7 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 7, localizados na trincheira 4, quadrículas O 105 e P 105 (Figura 62).

Figura 62: Esqueleto 07.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.7.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, único indivíduo por cova (simples), articulado, decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membro superior (braço direito) semi-fletido (180-90 graus), membros superiores em posição anômala (braço direito estendido e mão sobre a pelve, braço esquerdo fletido e mão sobre as costelas), posição da cabeça não observada, com orientação crânio-pelve sudeste/noroeste.

A posição anômala desse indivíduo se dá principalmente pelo ângulo e posição elevado do braço esquerdo, incomum no sítio. Isso pode ter ocorrido durante a deposição, como também por processos tafonômicos. Em relação a não observação da orientação da cabeça, percebeu-se que houve uma modificação no seu posicionamento, talvez provocada durante a construção de uma fundação em alvenaria pertencentes as antigas casas (século

XVII) da Rua de São Jorge, localizada muito próxima a esse sepultamento. É possível observar um bloco de rocha posicionado sobre o crânio, o que provavelmente modificou a rotação da cabeça.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.7.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino com idade aproximada entre 20 e 25 anos, estatura 1,75m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.8 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 8

O Perfil da Deposição Funerária 8 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 10 e 21 (o esqueleto 21 estava há 20cm de profundidade do esqueleto 10; os dados desse indivíduo, especificamente os culturais, foram obtidos através do caderno de campo e não pelo auxílio do registro visual da fotografia, como os demais). Estes esqueletos foram localizados na trincheira 2, quadrículas P 108 e Q 108 (Figuras 63 e 64).

Figura 63: Esqueletos 10



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar

Figura 64: Esqueleto 21.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar

5.8.1 Dados culturais

a) Esqueleto 10

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores fletidos (90-10 graus), braços na região torácica com a mão direita sobre o úmero e mão esquerda sobre as costelas, face voltada para o lado esquerdo, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,30m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

a) Esqueleto 21

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, articulado, decúbito dorsal com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,50m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.8.2 Dados biológicos

a) Esqueleto 10

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 25 e 30 anos, estatura 1,73m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto e bouba (SILVA, 2015) sem presença de traumas por lesões no crânio.

b) Esqueleto 21

Não foi observado nenhum aspecto, pois esse sepultamento não foi retirado de campo.

5.9 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 9

O Perfil da Deposição Funerária 9 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 13, localizado na trincheira 4, quadrículas O 100 e O 101 (Figura 65).

Figura 65: Esqueleto 13. O indivíduo sofreu perturbações devido ao desmoronamento do perfil estratigráfico, apenas os membros superiores, pelve e crânio foram preservados.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.9.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, único indivíduo por cova (fragmentário), articulado, decúbito dorsal, membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços ao lado do corpo, cruzados na região pélvica com as mãos também na região pélvica, face voltada para cima e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada no solo com profundidade 1,30 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.9.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 15 e 16 anos, estatura 1,56,

ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.10 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 10

O Perfil da Deposição Funerária 10 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 14, localizado na trincheira 3, quadrículas Q 103 - R 103 e S 103 (Figura 66).

Figura 66: Esqueleto 14 com o crânio sob estrutura em alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.10.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do

corpo, único indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores fletidos (90-10 graus), braços cruzados na região torácica com as mãos sobre os úmeros, direção da face não observada, com orientação crânio-pelve E-W. Não foi possível observar a orientação da face, pois estava posicionada sob estrutura em alvenaria pertencente às antigas casas (século XVII) da Rua São Jorge. Observa-se que o crânio foi atingindo pelos blocos de rocha que compõem o alicerce, o que pode ter levado sua degradação.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m a 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.10.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 21 e 25 anos, estatura 1,65 m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), com presença de trauma por lesão no crânio.

5.11 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 11

O Perfil da Deposição Funerária 11 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 15 e 16, localizados na trincheira 11, quadrículas R108 e S108 (Figura 67).

Figura 67: Esqueletos 15 e 16. O esqueleto 15 refere-se ao indivíduo acima, já o esqueleto 16 está sob o indivíduo 15.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE

5.11.1 Dados culturais

a) *Esqueleto 15*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores fletidos (90-10 graus), braços na região torácica com as mãos sobre as costelas, face voltada para cima e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

b) Esqueleto_16

Corpo: Enterramento em deposição simples primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.11.2 Dados biológicos

a) Esqueleto 15

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 16 e 20 anos, estatura 1,70 m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

b) Esqueleto_16

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 21 e 25 anos, estatura não observada, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de trauma por lesão no crânio.

5.12 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 12

O Perfil da Deposição Funerária 12 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 17 e 18, localizados na trincheira 4 e 9, quadrículas N113 O113 (esqueleto 17), quadrículas M"113; N113 e O113 (esqueleto 18) (Figura 68).

Figura 68: Esqueletos 17 e 18.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.12.1 Dados culturais

a) *Esqueleto 17*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços ao longo do corpo com as mãos cruzadas sobre a região pélvica, face voltada para trás e rotacionada para a direita, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Foi identificado um fragmento de cerâmica (alça), entre a região

pélvica deste indivíduo e a parte proximal do fêmur esquerdo do esqueleto 18.

b) Esqueleto 18

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços ao lado do corpo com as mãos cruzadas sobre a região pélvica, face voltada para o lado direito, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Foi identificado um fragmento de cerâmica, descrito no esqueleto 17.

5.12.2 Dados biológicos

a) Esqueleto 17

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 25 e 35 anos, estatura 1,71m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), com presença de trauma por lesão no crânio.

b) Esqueleto 18

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 20 e 30 anos, estatura 1,70m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de trauma por lesão no crânio.

5.13 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 13

O Perfil da Deposição Funerária 13 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e

biológicos presentes no esqueleto 30, localizado na trincheira 7, quadrículas J112 (Figura 69).

Figura 69: Esqueleto 30.



Fonte: Acervo
Fundação Seridó/
Centro de
Documentação Alice
Aguiar – UFPE.

5.13.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com a mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur, face voltada para cima e rotacionada para a direita, com orientação crânio-pelve W-E.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram

observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.13.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 17 e 21 anos, estatura 1,75 m, ancestralidade europeia (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013), indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.14 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 14

O Perfil da Deposição Funerária 14 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 44, localizado na trincheira 4, quadrículas N116 (Figura 70).

Figura 70: Esqueleto 44 (à direita).



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Apesar da proximidade observada entre o esqueleto 44 (à direita) e o esqueleto 45 (à

esquerda), a pesquisa resolveu trata-los como unidades funerárias distintas, uma vez que existe um distanciamento - mesmo que curto - entre um e outro; não sendo possível observar se foram enterrados em um mesmo momento ou em momentos distintos.

5.14.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com a mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur, face voltada para baixo e rotacionada para a direita, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,44 cm e 1,30 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.14.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade maior ou igual a 18 anos, ancestralidade europeia (SILVA, 2015), estatura 1,67, com presença de traumas por lesão no crânio.

5.15 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 15

O Perfil da Deposição Funerária 15 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 45, localizado na trincheira 45, quadrículas N116 (Figura 71).

Figura 71: Esqueleto 45.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.15.1 Dados culturais

Cova: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo estendido (180 graus), membros inferiores estendido (perna esquerda) e semi-fletido (perna direita), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com a mão esquerda sobre a pelve e direita sobre parte proximal do fêmur, face voltada para frente e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.15.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade entre 17 e 20 anos, ancestralidade europeia (SILVA, 2015), estatura 1,47m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.16 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 16

O Perfil da Deposição Funerária 17 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 46 e 52, localizados na trincheira 4, quadrículas N118 (esqueletos 46) e N117 (esqueletos 52) (Figura 72).

Figura 72: Esqueletos 46 e 52



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.16.1 Dados culturais

a) *Esqueleto 46*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com as mãos sobre a pelve, face voltada para frente e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve sudoeste-noroeste.

Cova: observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

b) *Esqueleto 52*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braço esquerdo estendido com mão sobre a pelve e parte proximal do fêmur e braço direito cruzado sobre o tórax com a mão no cotovelo, face voltada para o lado esquerdo, com orientação crânio-pelve sudeste-noroeste.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.16.2 Dados biológicos

a) *Esqueleto 46*

Indivíduo masculino, com idade maior ou igual a 18 anos, ancestralidade europeia

(SILVA, 2015), estatura 1,56 m, com presença de trauma por lesão no crânio.

b) Esqueleto 52

Indivíduo masculino, com idade aproximada entre 17 e 21 anos, ancestralidade europeia, indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), estatura 1,48m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.17 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 17

O Perfil da Deposição Funerária 17 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 47 e 48, localizados na trincheira 4 e 9, N119 (esqueleto 47) e quadrículas M"119 e N119 (esqueleto 48) (Figura 73).

Figura 73: Esqueletos 47 e 48.



Fonte: Acervo Fundação
Seridó/Centro de Documentação
Alice Aguiar – UFPE.

5.17.1 Dados culturais

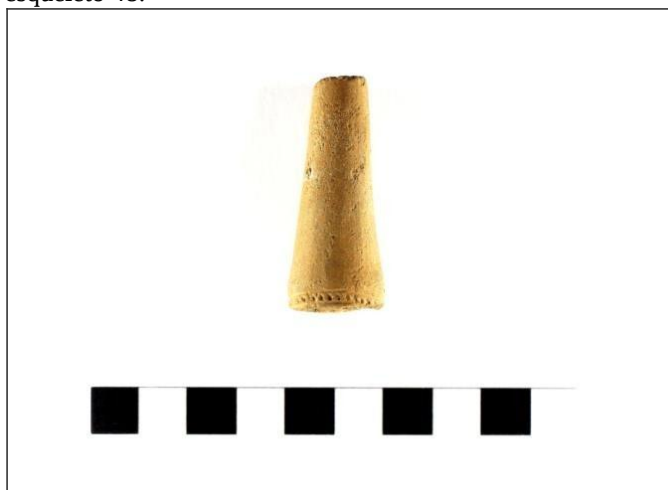
a) *Esqueleto 47*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado do corpo com as mãos cruzadas sobre a pelve, face voltada para frente, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Foi identificado um fragmento de cachimbo de cerâmica, localizado próximo a esse sepultamento. Trata-se de um fragmento de piteira (4,6 cm de altura e 0,9 cm de diâmetro), com decoração em uma das extremidades próxima ao que seria o forninho (Figura 74).

Figura 74: Fragmento de cachimbo identificado próximo ao esqueleto 48.



b) *Esqueleto 48*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (braço direito,

180-90 graus) e fletido (braço esquerdo – 90-10 graus), braços na região torácica com as mãos sobre as costelas, face voltada cima e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio- pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.17.2 Dados biológicos

a) Esqueleto 47

Devido à idade menor de 15 anos, o sexo não foi definido. Sua provável ancestralidade é europeia, indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), estatura 1,76 m, com presença de trauma por lesão no crânio.

b) Esqueleto 48

Indivíduo masculino, com idade entre 17 e 18 anos, ancestralidade europeia (SILVA, 2013), estatura 1,43m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.18 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 18

O Perfil da Deposição Funerária 18 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 49, localizado na trincheira 9, quadrícula M"115 (Figura 75).

Figura 75: Esqueleto 40.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.18.1 Dados Culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membro superior semi-fletido (180-90 graus), braço direito estendido ao lado do corpo com a mão sobre a pelve e parte proximal do fêmur (apenas um braço presente), face voltada para frente e rotacionada para a direita, com orientação crânio-pelve W-E.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade variando entre 1,30 m e 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificado no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.18.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade maior ou igual a 18 anos, ancestralidade europeia, indicativo de varíola (SILVA, 2015), estatura 1,65m, sem presença de traumas por lesões no crânio.

5.19 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 19

O Perfil da Deposição Funerária 19 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes nos esqueletos 53 e 54, localizados na trincheira 4, quadrícula O124 (Figura 76).

Figura 76: Esqueletos 53 e 54.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Ambos estavam com os membros inferiores sob estrutura em alvenaria pertencente às antigas casas (século XVII) da Rua São Jorge, o que impediu observá-los e retirá-los integralmente (Figura 77).

Figura 77: Esqueleto 53 (à esquerda) e 54 (à direita) sob estrutura em alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.19.1 Dados culturais

a) *Esqueleto 53*

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores fletido (90-10 graus), braços cruzados na região torácica com as mãos sobre as costelas, face voltada para a frente, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade 1,31 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

b) Esqueleto 54

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, dois indivíduos por cova (duplo), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braço esquerdo estendido ao lado do corpo com mão sobre a pelve e braço direito na região torácica com a mão sobre o cotovelo, face voltada para frente e rotacionada para a direita, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade de 1,31 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.19.2 Dados biológicos

a) Esqueleto 53

Indivíduo masculino, com idade entre 17 e 21 anos, ancestralidade europeia, indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), estatura 1,65m, sem presença de traumas por lesões no crânio.

b) Esqueleto 54

Indivíduo masculino, com idade entre 18 e 20 anos, ancestralidade europeia, indicativo de bouba (SILVA, 2015), estatura 1,64m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.20 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 20

O Perfil da Deposição Funerária 20 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 55, localizado na trincheira 4 e 9, quadrícula M^o121 e 122, N121 e 122 (Figura 78).

Figura 78: Esqueleto 55.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.20.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores fletidos (90-10 graus), braços na região torácica com mãos sobre as costelas, face voltada para o baixo e rotacionada para a esquerda, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade entre 1,30 m a 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.20.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade entre 19 e 21 anos, ancestralidade europeia, indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), estatura 1,60 m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.21. DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 21

O Perfil da Deposição Funerária 21 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 58, localizado na trincheira 2 e 3, quadrículas P153 e Q153 (Figura 79).

Figura 79: Esqueleto 58 com crânio sob estrutura em alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.21.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços ao lado do corpo com mão esquerda sobre rádio e ulna e mão direita sobre a pelve, posição da face não observada devido perturbação possivelmente provocada pela estrutura em alvenaria sobre ela, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade entre 1,30 m a 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.21.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade entre 15 e 18 anos, ancestralidade europeia, indicativo de escorbuto (SILVA, 2013), estatura 1,55 m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.22 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 22

O Perfil da Deposição Funerária 22 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 59, localizado na trincheira 4 e 9, quadrículas M"120 e N120 (Figura 80).

Figura 80: Esqueleto 59.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.22.1 Dados culturais

Corpo: enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços ao lado do corpo com as mãos cruzadas na região pélvica, posição da face não observada devido perturbação possivelmente provocada pela estrutura em alvenaria sobre ela, com orientação crânio-pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade entre 1,30 m a 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.22.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade entre 18 e 22 anos, ancestralidade não observada (SILVA, 2015), estatura 1,56 m, com presença de trauma por lesão no crânio.

5.23 DESCRIÇÃO DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA 23

O Perfil da Deposição Funerária 23 foi estabelecido a partir dos dados sepulcrais e biológicos presentes no esqueleto 65, localizado na trincheira 4 e 9, quadrículas M"130 e N130 (Figura 81).

Figura 81: Esqueleto 65.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

5.23.1 Dados culturais

Corpo: Enterramento em deposição primária, sem indícios do tipo de preparação do corpo, um indivíduo por cova (simples), articulado, em decúbito dorsal, flexão do corpo e membros inferiores estendidos (180 graus), membros superiores semi-fletidos (180-90 graus), braços estendidos ao lado corpo com a mão esquerda sobre a pelve e parte proximal do fêmur e braço direito com a mão sobre a pelve, face voltada para cima, com orientação crânio- pelve E-W.

Cova: Observa-se que a mesma foi realizada diretamente no solo com profundidade entre 1,30 m a 1,44 m para o nível atual do solo. Os demais aspectos não foram observados, uma vez que nenhuma marca ou limite de cova foi identificada no registro arqueológico.

Material Associado: Nenhum vestígio foi identificado próximo a esse sepultamento.

5.23.2 Dados biológicos

Indivíduo masculino, com idade entre 17 e 25 anos, ancestralidade europeia, indicativo de escorbuto (SILVA, 2015), estatura 1,70 m, sem presença de traumas por lesões no crânio.

6 PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO PILAR

Como visto no capítulo 4 dessa pesquisa, para a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio foi preciso primeiramente realizar a análise de cada deposição funerária. A análise quantitativa e qualitativa das características presentes nas deposições funerárias, juntamente com a distribuição espacial forneceram os dados necessários para a caracterização geral do sítio.

6.1 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS PERFIS DAS DEPOSIÇÕES FUNERÁRIAS

Em uma classificação ampla, as variáveis foram agrupadas em dois grupos: as de origem cultural e as de origem biológica. A fim de visualizar os dados dos Perfis das Deposições Funerárias (PDF`s) foi gerado um protocolo onde forneceu a compilação dos dados em gráficos e tabelas.

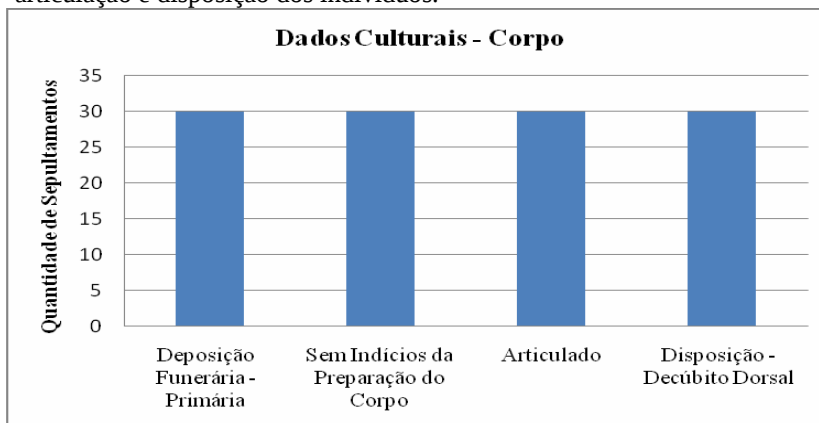
6.1.1 Dados culturais

Os dados culturais correspondem as variáveis do corpo, cova e material associado, descritos no capítulo 4 desse trabalho.

6.1.1.1 Corpo

No que condiz à variável corpo, especificamente os aspectos da deposição funerária, preparação do corpo, articulação e disposição, todos os indivíduos analisados apresentaram as mesmas características, ou seja, estão em deposição primária simples, sem indícios do tipo de preparação do corpo, articulados e em decúbito dorsal (Gráfico 01).

Gráfico 01: Aspectos da deposição funerária, preparação do corpo, articulação e disposição dos indivíduos.

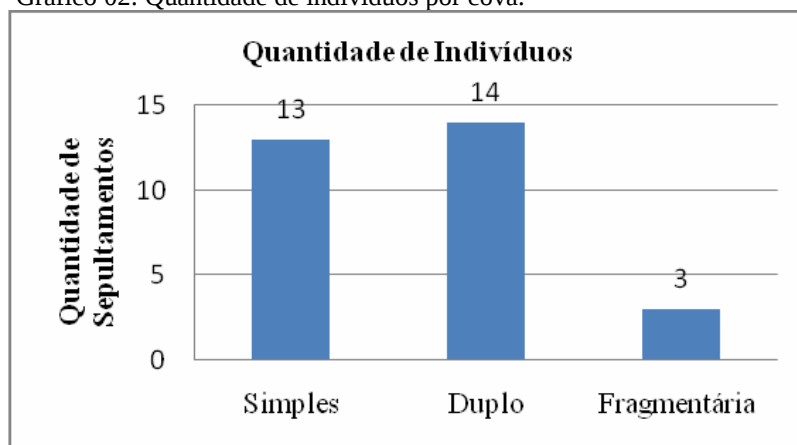


Quanto aos aspectos que apresentaram diferenças entre os sepultamentos, pode-se destacar:

6.1.1.1.1 Quantidade de indivíduos

No que diz respeito à quantidade de indivíduos, percebeu-se que dos 30 esqueletos analisados 13 estavam em cova individual simples, 14 em cova com dois indivíduos (sobrepastos e justapostos) e 3 com individualidade fragmentária (Gráfico 2).

Gráfico 02: Quantidade de indivíduos por cova.



Para melhor compreensão, a quantidade de indivíduos está apresentada em suas respectivas deposições funerárias (Tabela 08).

Tabela 08: Quantidade de indivíduos por covas com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária⁸	Esqueleto	Quantidade de Indivíduos
1	1	Fragmentária
2	2	Fragmentária
3	3	Simples
4	4	Simples
5	5	Simples
6	6	Duplo (Esqueletos 6 e 19)
6	19	Duplo (Esqueletos 6 e 19)
7	7	Simples
8	10	Duplo (Esqueletos 10 e 21)
8	21	Duplo (Esqueletos 10 e 21)
9	13	Fragmentária
10	14	Simples
11	15	Duplo (Esqueletos 15 e 16)
11	16	Duplo (Esqueletos 15 e 16)
12	17	Duplo (Esqueletos 17 e 18)
12	18	Duplo (Esqueletos 17 e 18)
13	30	Simples
14	44	Simples
15	45	Simples
16	46	Duplo (Esqueletos 46 e 52)
16	52	Duplo (Esqueletos 46 e 52)
17	47	Duplo (Esqueletos 47 e 48)
17	48	Duplo (Esqueletos 47 e 48)
18	49	Simples
19	53	Duplo (Esqueletos 53 e 54)
19	54	Duplo (Esqueletos 53 e 54)

⁸ Deposição funerária está se referindo a sepultamento.

20	55	Simples
21	58	Simples
22	59	Simples
23	65	Simples

A identificação de covas com presença de mais de um indivíduo (dupla) se deu a partir de dois aspectos: através de sondagens realizadas na cova logo após a retirada do esqueleto (esqueletos 6 e 10); ou quando os mesmos estavam sepultados horizontalmente (justapostos) na mesma cova, sem nenhuma camada de sedimento entre eles (esqueletos, 15 e 16, 17 e 18, 46 e 52, 47 e 48).

Esses indivíduos foram depositados em um mesmo momento dentro da cova, pois a posição dos corpos em um mesmo nível estratigráfico apontam isso. No entanto é importante considerar a existência de um intervalo de tempo, entre uma deposição e outra, ou seja, para a acomodação de dois corpos dentro de um espaço (cova) de forma que, um indivíduo se acomode no corpo do outro, é possível que esse corpo não esteja em estado de rigidez cadavérica (*rigor mortis*) isso pode acontecer anterior a 4 horas ou após 36 horas (DORREA, 1995). Isso foi observado nos esqueletos 15 e 16, 46 e 52, 47 e 48 (Figuras 82, 83 e 84).

Figura 82: Esqueletos 15 e 16 colocados em um mesmo momento dentro da cova



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 83: Esqueletos 46 e 52 colocados em um mesmo momento dentro da cova



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 84: Esqueletos 47 e 48 colocados em um mesmo momento dentro da cova



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

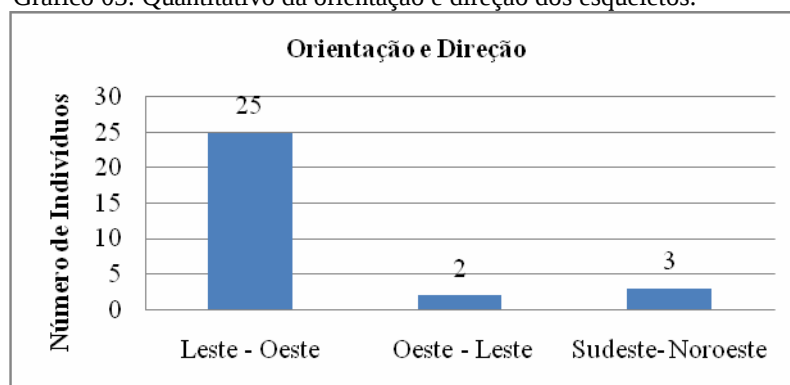
É possível que existam diferenças entre esses indivíduos e aqueles enterrados individualmente. Aspectos de origem biológica, como os fornecidos pelo DNA, poderiam apontar um grau de parentesco entre eles, por exemplo. Entretanto, esses dados não foram obtidos até então devido ao estado de conservação dos ossos e de degradação do colágeno.

Quanto ao aspecto fragmentário, trata-se de uma perturbação provocada pelo desmoronamento do perfil estratigráfico. No entanto, esses indivíduos não sofreram fragmentação intencional ou cultural durante seu sepultamento.

6.1.1.1.2 Orientação e direção

A orientação dos indivíduos se mostrou recorrente em grande parte do universo analítico: 25 esqueletos estavam com os pés voltados para o Leste e a cabeça para Oeste; 2 esqueletos estavam com os pés para voltados para Oeste e a cabeça para Leste; e 3 esqueletos com os pés voltados para sudeste e cabeça para noroeste (Gráfico 03).

Gráfico 03: Quantitativo da orientação e direção dos esqueletos.



Para melhor compreensão, a orientação e direção dos indivíduos estão apresentadas com suas respectivas deposições funerárias (Tabela 09).

Tabela 09: Quantitativo da orientação e direção dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária	Esqueleto	Orientação e Direção
1	1	W
2	2	W
3	3	W
4	4	W
5	5	W
6	6	W
6	19	W
7	7	NO
8	10	W
8	21	W
9	13	W
10	14	W
11	15	W
11	16	W
12	17	W
12	18	W
13	30	E

14	44	W
15	45	W
16	46	NO
16	52	NO
17	47	W
17	48	W
18	49	E
19	53	W
19	54	W
20	55	W
21	58	W
22	59	W
23	65	W

Em relação aos dois esqueletos (30 e 49) que estavam no sentido contrário dos demais, com os pés voltados para oeste e cabeça para leste, os dois apresentavam idades entre 17 e 21 anos e a acomodação na cova tinha características distintas apenas em relação aos membros superiores: enquanto o esqueleto 30 estava com os braços totalmente estendidos ao lado do corpo, o esqueleto 40 estava com as mãos sobre a pelve (embora seu braço esquerdo tenha sofrido perturbações). Entretanto, a forma sutil como essas características se apresentam não auxilia na explicação da orientação desses indivíduos (Figuras 4 e 5). O agenciamento desses no sítio pode indicar uma diferença na prática funerária, mesmo estando posicionados próximos dos outros sepultamentos no cemitério.

Figura 85: Esqueleto 30 (à esquerda) e 49 (à direita) com orientação oeste-leste, diferente dos demais identificados no sítio.



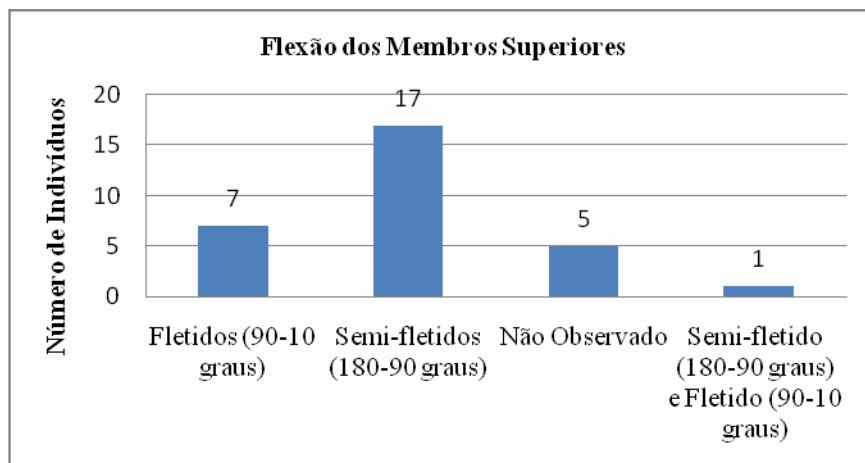
Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

6.1.1.1.3 Tipos de posição

Em relação à posição (flexão do corpo e membros inferiores) percebeu-se recorrências, de modo que a maioria estava em posição estendida com flexão de 180 graus. Os esqueletos em que esse atributo não foi observado estavam perturbados (esqueletos 1, 2 e 13) ou não foram totalmente escavados (esqueleto 21 e 19).

A flexão dos membros superiores apresentou apenas duas características: ora fletidos (90-10 graus), ora semi-fletidos (180-90 graus). Em sua maioria estavam semi-fletidos. Os esqueletos em que isso não foi observado são os mesmos com dificuldade de observação da flexão do corpo e membros inferiores devido a aspectos não culturais, como a fragmentação do corpo devido ao desmoronamento do perfil (esqueletos, 1, 2 e 13) ou porque não foram totalmente escavados a ponto de permitir a observação todos os membros (esqueletos 19 e 21) (Gráfico 04).

Gráfico 4: Quantitativo do tipo de flexão dos membros superiores identificado nos indivíduos.



Para melhor compreensão, a posição dos indivíduos está apresentada em suas respectivas deposições funerárias (Tabela 10).

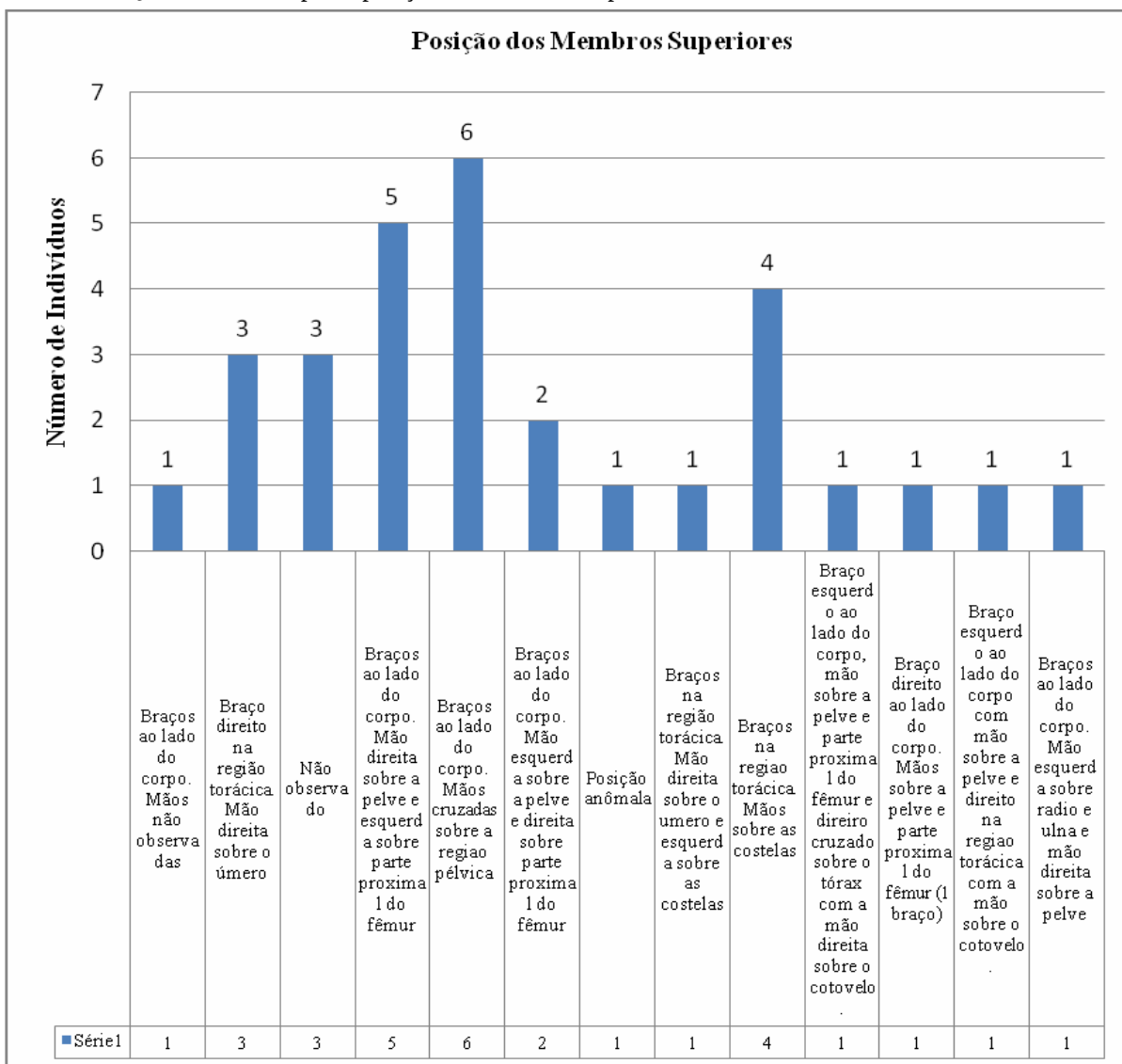
Tabela 10: Quantitativo da flexão dos membros superiores dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária	Esqueletos	Flexão dos Membros Superiores
1	1	Não Observado (estava fragmentário)
2	2	Fletido (90-10 graus)
3	3	Não Observado (apenas o crânio foi retirado do campo, os demais membros estavam sob estrutura em alvenaria)
4	4	Semi-fletidos (180-90 graus)
5	5	Fletidos (90-10 graus),
6	6	Semi-fletidos (180-90 graus)
6	19	Não Observado (não foi totalmente escavado nem retirado do campo)
7	7	Semi-fletidos (180-90 graus)
8	10	Fletidos (90-10 graus)
8	21	Não Observado (não foi totalmente escavado nem retirado do campo)
9	13	Semi-fletidos (180-90 graus)
10	14	Fletidos (90-10 graus)
11	15	Fletidos (90-10 graus)

11	16	Não Observado
12	17	Semi-fletidos (180-90 graus)
12	18	Semi-fletidos (180-90 graus)
13	30	Semi-fletidos (180-90 graus)
14	44	Semi-fletidos (180-90 graus)
15	45	Semi-fletidos (180-90 graus)
16	46	Semi-fletidos (180-90 graus)
16	52	Semi-fletidos (180-90 graus)
17	47	Semi-fletidos (braço direito, 180-90 graus) e fletido (braço esquerdo – 90-10 graus)
17	48	Semi-fletidos(180-90 graus)
18	49	Semi-fletidos(180-90 graus)
19	53	Fletidos (90-10 graus)
19	54	Semi-fletidos(180-90 graus)
20	55	Fletidos (90-10 graus)
21	58	Semi-fletidos(180-90 graus)
22	59	Semi-fletidos(180-90 graus)
23	65	Semi-fletidos(180-90 graus)

No que concerne à posição dos membros superiores, estes apresentaram uma diversidade maior, sendo possível observar 13 variações nos 30 esqueletos sepultados (Gráfico 05).

Gráfico 05: Quantitativo do tipo de posição dos membros superiores identificado nos indivíduos.



As posições estão descritas com a referência a de cada indivíduo (Tabela 11).

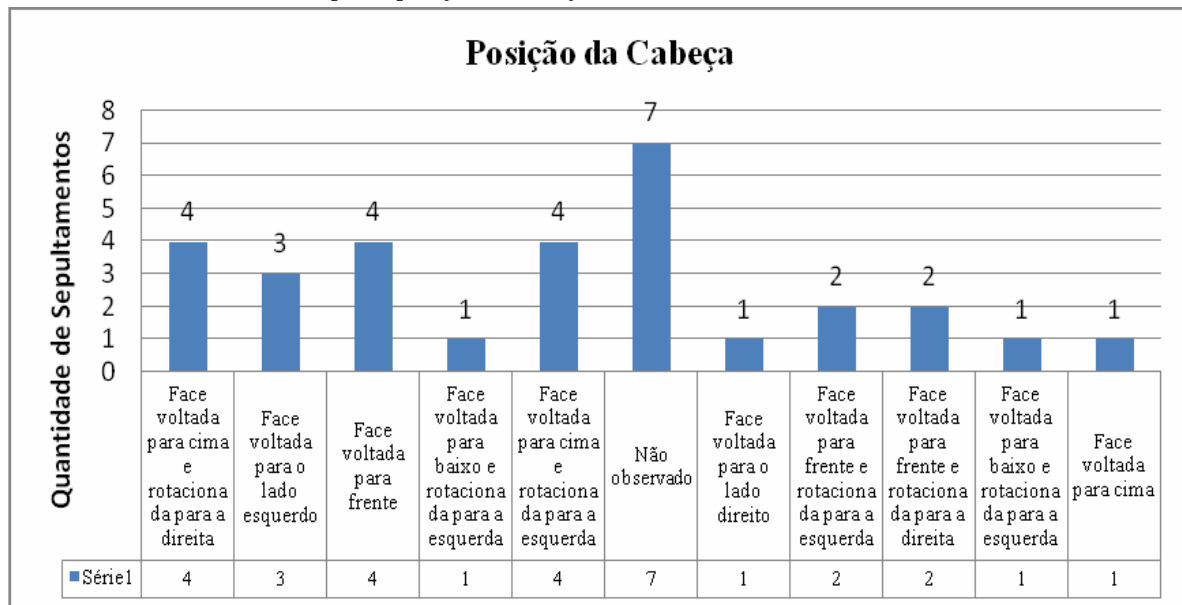
Tabela 11: Quantitativo da posição dos membros superiores dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária	Esqueleto	Posição dos Membros Superiores
1	1	Braços ao lado do corpo . Mãos não observadas.
2	2	Braço direito na região torácica. Mão direita sobre o úmero.
3	3	Não Observado.
4	4	Braços ao lado do corpo. Mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur.
5	5	Braços cruzados na região torácica. Mãos sobre os úmeros.

6	6	Braços ao lado do corpo. Mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur.
6	1 9	Braços ao lado do corpo. Mãos cruzadas sobre a região pélvica
7	7	Posição anômala.
8	1 0	Braços na região torácica. Mão direita sobre o úmero e esquerda sobre as costelas.
8	2 1	Não Observado.
9	1 3	Braços ao lado do corpo. Mãos cruzadas sobre a região pélvica.
10	1 4	Braços cruzados na região torácica. Mãos sobre os úmeros.
11	1 5	Braços na região torácica. Mãos sobre as costelas.
11	1 6	Não Observado.
12	1 7	Braços ao lado do corpo. Mãos cruzadas sobre a região pélvica.
12	1 8	Braços ao lado do corpo. Mãos cruzadas sobre a região pélvica.
13	3 0	Braços ao lado do corpo. Mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur.
14	4 4	Braços ao lado do corpo. Mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur.
15	4 5	Braços ao lado do corpo. Mãos esquerda sobre a pelve e direita sobre parte proximal do fêmur.
16	4 6	Braços ao lado do corpo. Mãos sobre a pelve.
16	5 2	Braço esquerdo ao lado do corpo, mão sobre a pelve e parte proximal do fêmur e direito cruzado sobre o tórax com a mão direita sobre o cotovelo.
17	4 7	Braços na região torácica. Mãos sobre as costelas.
17	4 8	Braços ao lado do corpo. Mãos cruzadas sobre a região pélvica.
18	4 9	Braço direito ao lado do corpo. Mãos sobre a pelve e parte proximal do fêmur (1 braço).
19	5 3	Braços na região torácica. Mãos sobre as costelas.
19	5 4	Braço esquerdo ao lado do corpo com mão sobre a pelve e direito na região torácica com a mão sobre o cotovelo.
20	5 5	Braços na região torácica. Mãos sobre as costelas.
21	5 8	Braços ao lado do corpo. Mão esquerda sobre radio e ulna e mão direita sobre a pelve.
22	59	Braços ao lado do corpo. Mãos cruzadas sobre a região pélvica.
23	65	Braços ao lado do corpo. Mão direita sobre a pelve e esquerda sobre parte proximal do fêmur.

O mesmo acontece com a variação da posição da cabeça, sendo possível observar 10 variações nos esqueletos (Gráfico 06).

Gráfico 06: Quantitativo do tipo da posição da cabeça identificada nos indivíduos.



Para melhor compreensão, a orientação da cabeça está apresentada em suas respectivas deposições funerárias (Tabela 12).

Tabela 12: Quantitativo da posição da cabeça dos indivíduos, com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária	Esqueleto	Posição da Cabeça
1	1	Face voltada para cima e rotacionada para a direita
2	2	Face voltada para o lado esquerdo
3	3	Face voltada para frente
4	4	Face voltada para baixo e rotacionada para a esquerda
5	5	Face voltada para cima e rotacionada para a esquerda
6	6	Face voltada para frente
6	19	Não observado
7	7	Não observado
8	10	Face voltada para o lado esquerdo
8	21	Não observado
9	13	Face voltada para cima e rotacionada para a esquerda
10	14	Não observado

11	15	Face voltada para cima e rotacionada para a esquerda
11	16	Não observado
12	17	Face voltada para cima e rotacionada para a direita
12	18	Face voltada para o lado direito
13	30	Face voltada para cima e rotacionada para a direita
14	44	Face voltada para cima e rotacionada para a direita
15	45	Face voltada para frente e rotacionada para a esquerda
16	46	Face voltada para frente e rotacionada para a esquerda
16	52	Face voltada para o lado esquerdo
17	47	Face voltada para cima e rotacionada para a esquerda
17	48	Face voltada para frente
18	49	Face voltada para frente e rotacionada para a direita
19	53	Face voltada para frente
19	54	Face voltada para frente e rotacionada para a direita
20	55	Face voltada para baixo e rotacionada para a esquerda
21	58	Não observado
22	59	Não observado
23	65	Face voltada para cima

Embora tenha sido observada uma variedade de características em relação à flexão e posicionamento dos membros superiores e cabeça, existe uma certa padronização no modo como os indivíduos foram enterrados: muitas vezes o estado rígido ou não rígido em que o corpo foi depositado pode resultar de uma acomodação natural do corpo na cova. Isso ocorre nos casos em que o corpo foi depositado sem rigidez cadavérica. Outro fator que pode contribuir no aspecto cultural é a dimensão da cova, uma vez que covas pequenas ou estreitas podem levar a flexão nos membros tanto inferiores como superiores.

A posição ou flexão dos membros superiores desses indivíduos podem ser indicadores de seu grupo social ou opção religiosa. Nos 30 indivíduos analisados foi observada a intenção de se colocar os membros superiores (braços) ao lado do corpo, variando, em maioria, quanto à posição das mãos, que ora estão sobre a pelve ora sobre parte proximal do fêmur.

Ao escavar a Igreja da Divina Graça de Olinda, pertencente ao período colonial, Albuquerque (1995, p. 321) identificou três posições das mãos: mãos entrelaçadas sobre a cintura; cruzadas sobre o tórax; ou cruzadas sobre a pelve. Existem semelhanças dos posicionamentos citados pelo autor com os esqueletos estudados nesta pesquisa. (Figuras 86 e 87).

Figura 86: Esqueleto de número 48 evidenciado no Sítio do Pilar com as mãos cruzadas sobre a pelve.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 87: Esqueleto de número 69 evidenciado na Igreja da Divina Graça de Olinda, ambos com as mãos cruzadas sobre a pelve.



Fonte: ALBUQUERQUE, 1995, p. 394.

Em alguns sepultamentos, os membros superiores estavam fletidos com as mãos cruzadas ou não sobre os úmeros ou costelas (Figura 88).

Figuras 88: Esqueletos 53 e 54 (à esquerda) e esqueleto 05 (à direita), ambos com as mãos sobre úmeros ou costelas.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

O ato de colocar os membros superiores estendidos ao lado do corpo é percebido nas três ordens religiosas (católica, protestante e judaica), todas praticadas durante a ocupação do sítio (Figuras 89 e 90).

Figura 89:
Sepultamento judeu
em Cerro
de La Horca- Espanha.



Fonte: TABOADA, 2015.

Figuras 90:
Esqueleto 30
evidenciado no
Sítio do Pilar.

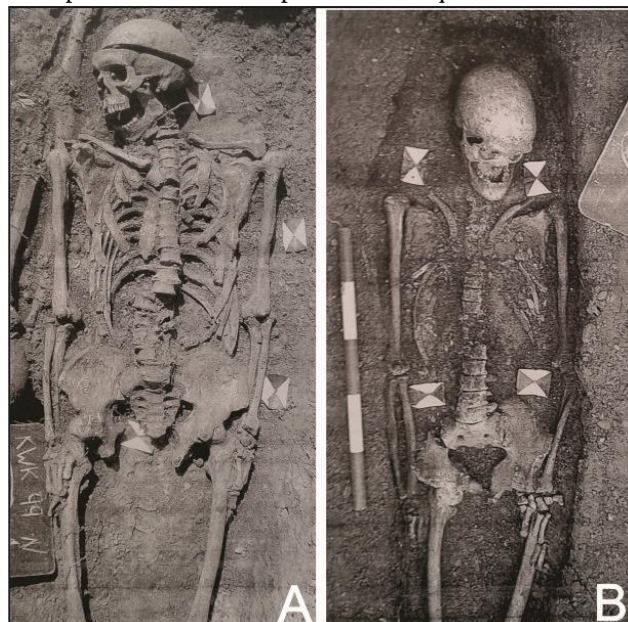


Fonte: Acervo
Fundação
Seridó/Centro de
Documentação
Alice Aguiar –
UFPE.

Ainda em relação à posição do corpo, a escavação do Royal Hospital Greenwich⁹ (Londres) de uso militar e com presença demais de 20 mil marinheiros enterrados entre os séculos XVIII e XIX; demonstrou, entre alguns sepultamentos, uma acomodação dos corpos semelhantes às identificada no Pilar, sobretudo quanto ao decúbito dorsal, com membros superiores estendidos ao lado do corpo, pés voltados para leste e cabeça para oeste, além da organização do espaço (Figura 91).

⁹ C.BOSTON, A. WITKIN, A. BOYLE, D. WILKINSON (2008).

Figura 91: Sepultamentos (A e B) evidenciado na escavação do Royal Hospital Greenwich localizado em Londres, com acomodação dos corpos semelhante aos identificados no Sítio do Pilar. Observa-se evidencia de necropsia na craniotomia presente no esqueleto A.



Fonte: C.BOSTON, A. WITKIN, A. BOYLE, D. WILKINSON, 2008.

Embora se tenha uma homogeneização na orientação e direção dos membros, os dados apresentados podem representar qualquer ordem religiosa praticada no período colonial (católica, judaica, protestante ou calvinista), mesmo que a ausência de vestígios (cruzes, terços, Estrelas de Davi, entre outros) os afaste de alguns rituais mais específicos.

Outro ponto que deve ser considerado é qual grupo teria realizado a prática funerária. Quando se trata de enterramentos praticados por unidades assistenciais, como hospitais e igrejas, geralmente o enterro era praticado pelos seus próprios membros. Infelizmente não existem dados sobre quem poderia ter realizado os enterramentos do Sítio do Pilar. Entretanto, vale a pena ressaltar que as pessoas que os realizaram podem, de alguma forma, terem deixado no registro arqueológico traços que não são propriamente dos mortos, mas daqueles que praticaram o ato.

6.1.1.1.4 Preparação do corpo

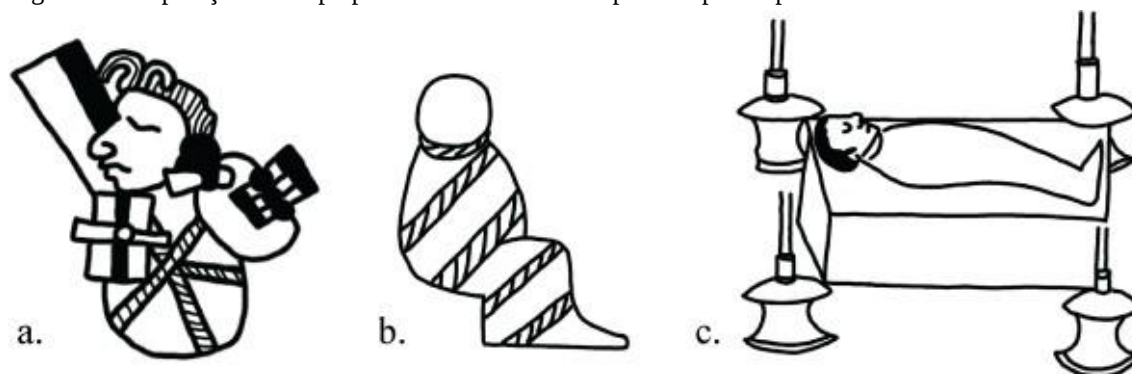
Quanto à preparação do corpo (invólucro, caixão, etc.), não foi identificado nenhum vestígio utilizado para tal finalidade, porém isso não significa que os indivíduos tivessem sido enterrados sem qualquer preparação, pois dependendo do tipo de material utilizado

durante o ritual é possível que estes não tenham se preservados no registro arqueológico.

A pesquisadora Warinner (2012) encontrou durante a escavação do Sítio Cemitério Mixtec, com epidemia no século XVI na Teposcolula Yucundaa (México), um tipo de invólucro identificado apenas pela marca têxtil que ficou impressa no solo. Nas suas conclusões, a autora ressalta que antes e após a conquista espanhola os falecidos eram envolvidos em um pano branco (Figura 92).

No Sítio do Pilar não foi observada a presença de vestígios que indicassem esse tipo de marca têxtil. O modo como os ossos estão bem articulados e com membros superiores próximos ao corpo, permite inferir a possibilidade de que tenha sido utilizado algum tecido envolvendo os indivíduos no momento de sua deposição na cova.

Figura 92: Preparação do corpo para o enterro durante o período pré-hispânico até o colonial.



Fonte: <http://christinawarinner.com>, Acesso em 06.06.17.

6.1.2 Cova

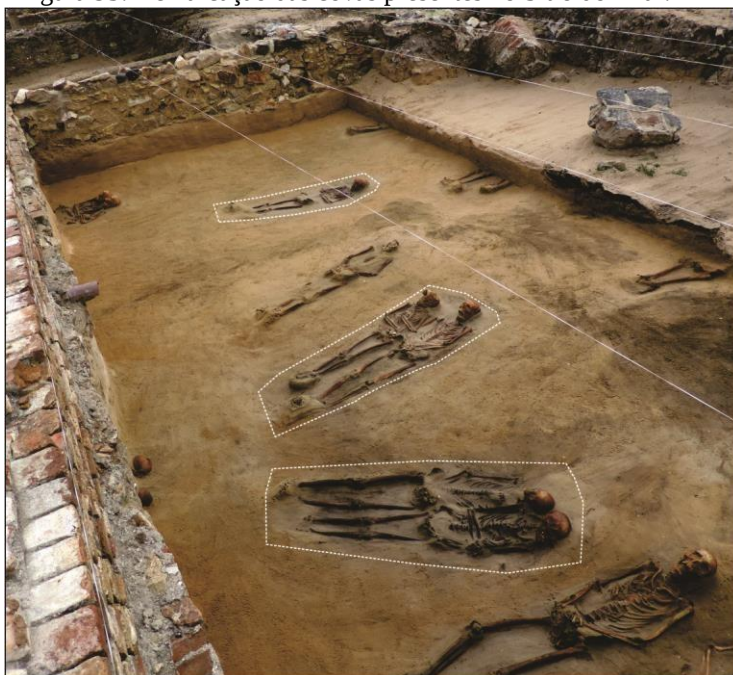
O único atributo da cova observado foi o nível em que cada uma estava em relação ao nível atual do solo, estando todos entre 1,30 m a 1,55 m de profundidade. Quanto à forma, dimensão e tipo, não foi possível observar nitidamente esses aspectos.

É importante ressaltar que a profundidade em que os indivíduos foram identificados pode ter sofrido alterações, mesmo que sutis, durante a realização dos aterros realizados quando do processo de urbanização do Bairro do Recife. Segundo Santos (2016), tanto as formas de relevo quanto os processos de superfície controlados apenas pela dinâmica natural foram intensamente modificados e, em alguns casos, descaracterizados pela ação antrópica aplicada sobre a restinga (camada onde os sepultamentos estavam).

Nos esqueletos 47 e 48, 46 e 52, e 55 é possível fazer uma ressalva quanto a seu formato, tomando como indícios a coloração acinzentada impressa nas deposições funerárias. A delimitação retangular com cores mais escuras poderia ser a descontinuidade entre esses

esqueletos. Segundo Santos (2013), as cores bruno-acinzentadas podem decorrer da restrição de drenagem; enquanto as cores mais escuras na parte superior do solo podem ser devido aos elevados teores de matéria orgânica, facilmente acumulada e preservada em regiões de clima temperado. As principais limitações de uso são de origem física, relacionadas à lenta permeabilidade, forte retenção de água e possível encharcamento em alguma época do ano, ou pela presença de concentração de alumínio trocável (altíticos) (Figura 93).

Figura 93: Demarcação das covas presentes no Sítio do Pilar.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

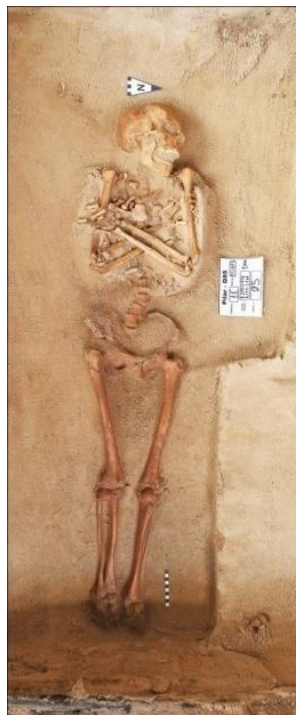
A forma como alguns indivíduos estavam articulados, com membros superiores próximos ao corpo, pode estar relacionado a covas estreitas ou rigidez cadavérica. Embora o próprio sedimento arenoso pudesse fazer a acomodação do corpo no momento do fechamento da cova (sendo essa estreita ou não), os membros inferiores de alguns estão levemente flexionados, podendo ser um desses indicativos (Figura 94 e 95).

Figura 94: Esqueleto 45 em acomodação em cova de dimensões estreitas ou depositados em rigidez cadavérica.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 95: Esqueleto 05 em acomodação em cova de dimensões estreitas ou depositados em rigidez cadavérica.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Ao escavar um sítio cemitério na Praia de Manguinhos, no Rio de Janeiro, com contexto semelhante ao Sítio do Pilar, a pesquisadora Sheila Mendonça (1994) observou que as covas não puderam ser bem delimitadas, provavelmente por estarem em estratos arenosos intensamente lavados por águas pluviais e marinhas.

O registro arqueológico nessa pesquisa não forneceu elementos quanto ao tipo de demarcação (ex: blocos de rocha, cruzeiros, etc.) da cova sobre o solo. Essas covas deveriam ter algum marcador, uma vez que estão posicionadas cumprindo papel de localização, principalmente no momento da abertura de uma nova cova, pois não foi observada perturbação nesse sentido. Esse limite parecia estar estabelecido, seja por algum tipo de rocha ou até mesmo com montículos de sedimento, utilizados até hoje como marcadores em alguns cemitérios.

6.1.3 Materiais associados

Alguns esqueletos apresentaram material associado no seu contexto (Tabela 12).

Tabela 13: Quantitativo do material associado aos esqueletos, com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária	Esqueleto	Material Associado
1	1	Cerâmica (Etq. 03917)
4	4	Cerâmica (Etq.4237)
5	5	Louça (Etq. 4239)
17	48	Cerâmica (Piteira) (Etq. 12060)

Como dito anteriormente, o material associado analisado nessa pesquisa considerou os artefatos posicionados, intencionalmente ou não, próximo ao sepultamento. Em relação aos vestígios identificados próximos aos sepultamentos (listados acima), considerou-se que sua deposição não foi intencional, uma vez que tratam-se apenas de fragmentos de cerâmica ou louça, presentes no sedimento e introduzidos na cova provavelmente durante a sua abertura ou fechamento. Outro fator que pode ter contribuído para essa intrusão são os alicerces das antigas casas da Rua São Jorge que estão sobre os sepultamentos, bem como intrusões no solo.

Mesmo sendo de um momento posterior a utilização do cemitério, a abertura de vala para a construção de alicerce pode ter introduzido esses materiais próximos aos sepultamentos. Em alguns sepultamentos foi observado que o alicerce chega a atingir os indivíduos, o que mostra uma aproximação desses dois momentos (Figuras 96 e 97).

Figura 96: Esqueleto 14 evidenciado no Sítio do Pilar, com crânio sob estrutura de alvenaria.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 97: Esqueleto 08 evidenciado no Sítio do Pilar sob estrutura de alvenaria e esqueleto 09 próximo a estrutura de alvenaria.



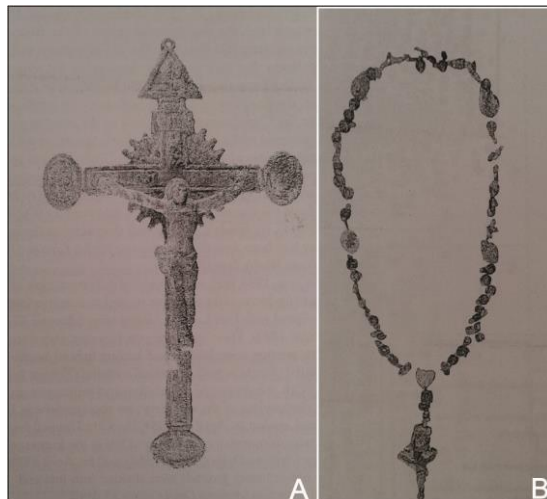
Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

O material associado aos sepultamentos não condiz ao tipo de material comumente identificado nas práticas religiosas daquele período. Segundo Albuquerque (1995), um ato comum nas práticas católicas do período colonial, por exemplo, era o de enterrar os

indivíduos com algum símbolo cristão, como relíquias, imagens de santo, medalhas e rosários. Estes dois últimos destacam-se entre os preferidos que foram enterrados na Igreja da Divina Graça de Olinda (ALBUQUERQUE, 1995, p. 321).

As escavações do cemitério da Alameda-Stone¹⁰, no centro de Tucson, Arizona, durante o Projeto Arqueológico do Complexo dos Tribunais, entre 2006 e 2008, revelaram objetos de ordem religiosa católica com características semelhantes as pontuadas por Albuquerque (Figuras 98).

Figuras 98: Material associado (A e B) aos sepultamentos católicos durante a escavação do cemitério da Alameda-Stone, centro de Tucson, no Arizona.



Fonte: M. P. HEILEN, 2012.

Já as crenças protestantes (calvinistas) não incluíam o costume de enterrar seus mortos com artefatos. Para eles esse momento tinha que refletir simplicidade, sem pompas ou grandes cerimônias, acreditando que Deus decide sozinho os seus eleitos, não necessitando oferendas, preces ou rezas; nada disso servia para sua salvação (REIS, 1991).

6.1.4 Dados biológicos

De uma maneira geral, os dados biológicos mostram que dos 30 indivíduos analisados (os esqueletos 19 e 21 não tiveram seus dados biológicos analisados, pois não foram retirados do sítio): 28 são do sexo masculino, idades jovens em sua maioria, ancestralidade europeia, estatura entre 1,60 m a 1,75 m, com indícios de doenças como escorbuto, e marcas de traumas

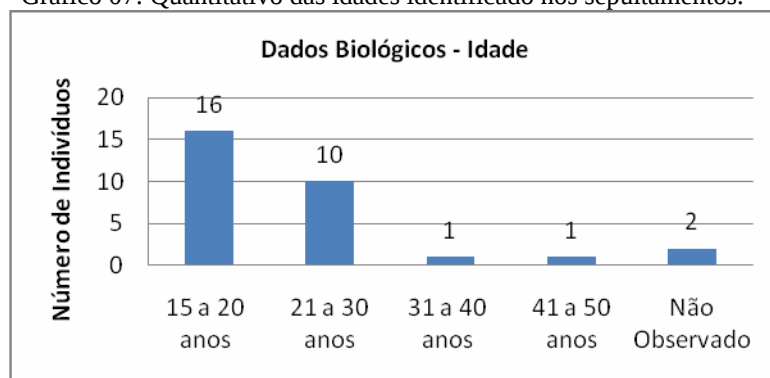
¹⁰ HEILEN, 2012.

por lesões no crânio. Dentro desse índice existem algumas variações que estão apresentadas no decorrer do texto.

6.1.4.1 Idade

É importante ressaltar que os indivíduos analisados fazem parte de uma amostragem e não do total de indivíduos identificados no sítio. Dos 28 indivíduos analisados, 26 apresentaram idades entre 15 a 30 anos (PESSIS, et al, 2013), o que mostra uma população de indivíduos jovens (Gráfico 07).

Gráfico 07: Quantitativo das idades identificado nos sepultamentos.



Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2013

A faixa etária identificada nos indivíduos desse sítio é semelhante a população que veio para o Brasil com as tropas holandesas, conforme afirma Miranda (2014):

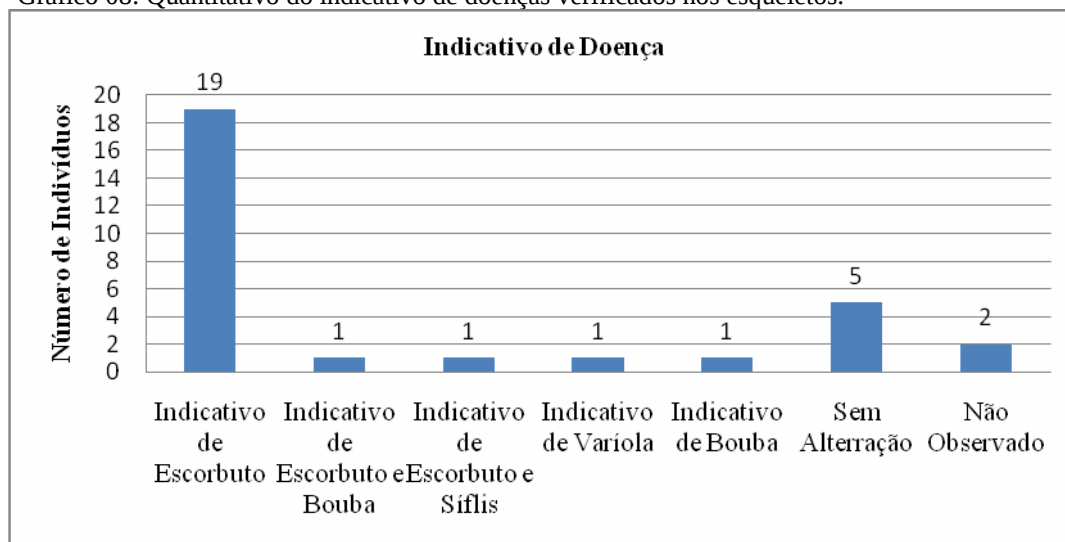
Os registros podem ser divididos entre as menções à idade na época de alistamento e os apontamentos sem qualquer indicação do início do serviço. Entre os militares da primeira categoria, sete soldados que fizeram declarações no notário de Amsterdã Hendrick Schaeff. Eles partiram para o Brasil quando tinham entre 18 e 30 anos de idade, sendo a maior parte desse pequeno grupo de gente na faixa dos 22 anos de idade. O outro grupo, de 34 militares de variadas patentes e procedências, tinha idade entre 18 e 38 anos. Eram em sua maioria soldados (18) e oficiais não comissionados (7 anspeçadas, 5 cabos e 3 sargentos), além de um trompetista (MIRANDA, 2014, p. 60 e 61).

Aos indivíduos com idades mais elevadas pode-se atribuir o cargo que ocupavam dentro das tropas, sendo que muitas vezes estes membros estavam ligados a alguma acessão. Segundo Miranda (2014, p 61), usualmente uma maior idade significa maior patente, o que pode mostrar que a ascensão estava atrelada à experiência militar anterior e tempo de serviço, algo também observado entre os homens da VOC.

6.1.4.2 Indicativo de doenças

Quanto ao tipo de doença identificada por Silva (2015), percebe-se uma predominância de escorbuto em grande parte dos indivíduos analisados (Gráfico 08).

Gráfico 08: Quantitativo do indicativo de doenças verificados nos esqueletos.



Fonte: SILVA, 2015.

Para melhor compreensão, a presença de indicativo de doenças está apresentada com suas respectivas deposições funerárias (Tabela 14).

Tabela 14: Quantitativo do indicativo de doenças dos esqueletos, com suas respectivas deposições funerárias.

Deposição Funerária	Esqueleto	Indicativo de Doença
1	1	Indicativo de Escorbuto e Sífilis
2	2	Indicativo de Escorbuto
3	3	Indicativo de Escorbuto
4	4	Indicativo de Escorbuto
5	5	Indicativo de Escorbuto
6	6	Indicativo de Escorbuto
6	19	Não Observado (não foi retirado do sítio)
7	7	Indicativo de Escorbuto
8	10	Indicativo de Escorbuto e Boubas
8	21	Não Observado (não foi retirado do sítio)

9	13	Indicativo de Escorbuto
10	14	Indicativo de Escorbuto
11	15	Indicativo de Escorbuto
11	16	Indicativo de Escorbuto
12	17	Indicativo de Escorbuto
12	18	Indicativo de Escorbuto
13	30	Indicativo de Escorbuto
14	44	Sem Alteração
15	45	Sem Alteração
16	46	Sem Alteração
16	52	Indicativo de Escorbuto
17	47	Sem Alteração
17	48	Indicativo de Escorbuto
18	49	Indicativo de Varíola
19	53	Indicativo de Escorbuto
19	54	Indicativo de Bouba
20	55	Indicativo de Escorbuto
21	58	Indicativo de Escorbuto
22	59	Sem Alteração
23	65	Indicativo de Escorbuto

Fonte: SILVA, 2015.

Segundo Miranda (2014), esse tipo de doença era muito comum nas tropas holandesas enviadas para o Brasil no século XVII. Muitos soldados já vinham afligidos pela doença desde o embarque, ou adquiriam durante a viagem ou mesmo quando desembarcavam; devido à falta de alimentos adequados como os viveres frescos. Ainda segundo Miranda (2014):

Entre as doenças relacionadas às deficiências na dieta duas figuram com grande frequência na documentação da Companhia: o escorbuto e a cegueira, tanto a diurna quanto a noturna. Referências ao escorbuto na documentação da WIC foram comuns principalmente nos diários de bordo de embarcações e nos primeiros anos de ocupação, quando as tropas dependiam quase que exclusivamente do envio de provisões da Europa. Cartas escritas nos primeiros três anos após a conquista de

partes de Pernambuco estão cheias de menções à doença. Longos períodos sem a ingestão de frutas e legumes frescos influenciavam diretamente em seu desenvolvimento. O escorbuto se manifestava com a paralisia, a inflamação da gengiva, a queda dos dentes e os desmaios (MIRANDA, 2014 194 e 195).

A falta de um ambiente que oferecesse condições básicas agravava o alastramento da doença e isso era efetivamente sentido pelas tropas. Miranda (2014, p. 196) complementa:

Como as áreas conquistadas ficaram privadas de víveres frescos durante boa parte dos anos iniciais de ocupação, diariamente muita gente era acometida pela doença, conforme indicou o coronel Waerdenburgh em julho de 1630, decorridos cinco meses desde a chegada das tropas no Brasil. Para se ter uma ideia do quanto a enfermidade afetava a tropa, deve-se mencionar que dos 600 doentes mencionados por Waerdenburgh naquele mês, 150 sofriam com o escorbuto. Em dezembro, queixando-se aos Estados Gerais sobre a falta de homens, o coronel alegou: “tenho aqui 3.500 [soldados] no máximo, e destes mais de 400 têm escorbuto.”

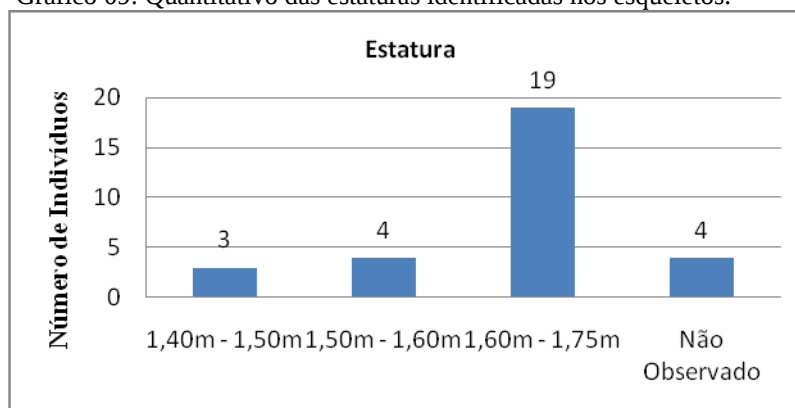
Conforme visto, a doença não só debilitava os soldados como também os matava, o que deixou um baixo número de homens dentro das tropas. Durante sua análise, Silva (2015) ressalta que embora exista um indicativo alto desse tipo de doença nos indivíduos analisados, não é possível afirmar ser essa a causa de sua morte.

Como possível indicador de escorbuto, a retração alveolar não ocasionou perdas dentárias, comuns a esta doença. Concluo que as alterações observadas nesta pesquisa não me permitem indicar que estes indivíduos vieram a falecer por quadros epidêmicos (SILVA, 2015 p. 91).

6.1.4.3 Estatura

Quanto à estatura, observou-se que variavam entre 1,60 m e 1,75 m de altura, mostrando uma estatura elevada para a grande maioria (Gráfico 09).

Gráfico 09: Quantitativo das estaturas identificadas nos esqueletos.



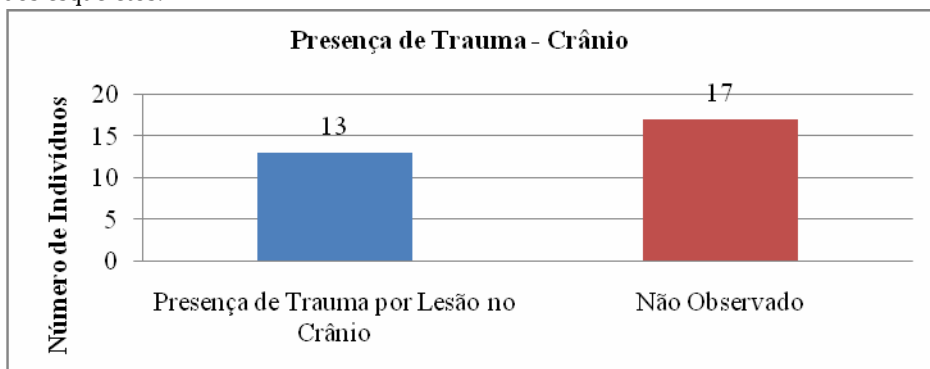
Relatos históricos demonstram que as estaturas podiam variar. Segundo Melo (2007),

durante a invasão holandesa em 1630 os soldados atravessaram o Rio Jaboatão a nado e aqueles com estatura elevada, a pé. Isso denota uma variação quanto à altura dos soldados.

6.1.4.4 Presença de marcas de traumas no crânio provocadas por lesões

A identificação de traumas provocados por lesão, especificamente no crânio, obteve um quantitativo relevante: dos 28 crânios analisados, 13 apresentou algum tipo de lesão com variação de importância (Gráfico 10).

Gráfico 10: Quantitativo de presença de traumas por lesões identificadas nos crânios dos esqueletos.



Dentre as lesões pode-se destacar algumas provocadas possivelmente por objetos perfuro-corto-contundentes, contundentes ou por agressão provocada por socos, por exemplo. Os exemplos abaixo demonstram traumas por lesão perfuro cortantes *antemortem*, com graus de corte variando de leve a moderado. Percebeu-se que nenhum indivíduo teve sua morte diretamente ocasionada por esses ferimentos, pois é possível observar sua cicatrização ocorrida ainda durante vida (Figuras 99).

Figura 99: Presença de marcas de trauma por lesão identificadas nos crânios dos indivíduos 55 (A), 48 (B), 17 (C), 3 (D), 59 (E).



Foram realizadas escavações em um sítio localizado na Aldeia de Towton, no norte de Yorkshire, datando o ano de 1461, relacionado uma batalha ocorrida na era medieval. O local é caracterizado por uma vala comum com vários indivíduos enterrados. A análise dos traumas por lesões presentes nos crânios dos esqueletos Towton revelou semelhanças com as identificadas no Sítio do Pilar (Figura 100).

Figura 100: Sepultamento com marcas de trauma por lesão no crânio, evidenciado na aldeia de Towton, no norte de Yorkshire.

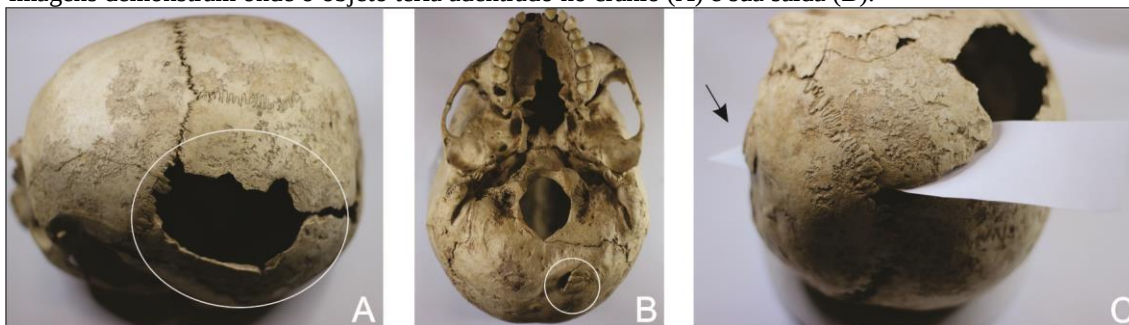


Fonte: FIORATO, et al, 2000.

No exemplo abaixo percebe-se uma lesão mais expressiva, provocada possivelmente por objeto perfuro-corto-contundentes com forte impacto. A ferramenta provavelmente

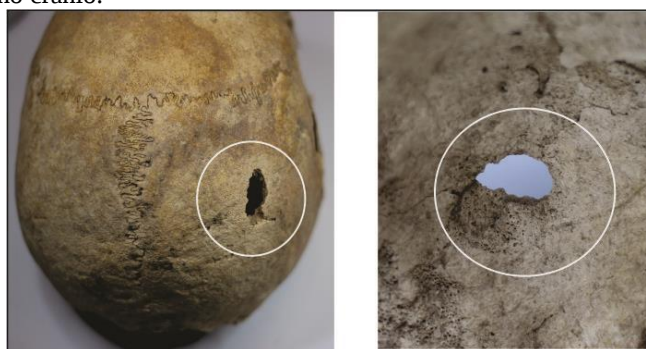
adentrou a parte superior (A) e saiu próximo do forame magno (B). Devido à gravidade da lesão, o ferimento pode ter provocado a morte desse indivíduo (Figura 101).

Figura 101: Crânio do esqueleto 44 evidenciado no Sítio do Pilar com traumas por lesão no crânio. As imagens demonstram onde o objeto teria adentrado no crânio (A) e sua saída (B).



Segundo o pesquisador Alfredo Coppa¹¹, da Universidade de Roma, o crânio do Indivíduo 58 possui uma lesão *perimortem*, provavelmente provocada com objeto perfuro-corto-contundentes (Figura 102).

Figura 102: Crânio do esqueleto 58 evidenciado no Sítio do Pilar com traumas por lesão no crânio. A marcação nas imagens demonstra o local exato onde o objeto teria adentrado no crânio.



Na tentativa de identificar presença de substâncias (ex: chumbo, ferro) que corroborassem a hipótese da utilização de armas brancas na realização desse ferimento, foram feitas análises de Fluorescência de Raio X (equipamento portátil X – MET 5100 – Marca: Oxford Instruments)¹². Esse teste avalia a composição química do material analisado, apresentando seu grau de concentração (Figura 103).

¹¹ O pesquisador fez essa colocação durante uma visita técnica ao Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense (LABIFOR) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

¹² As análises foram realizadas com o auxílio do doutorando em arqueologia da UFPE André Luiz Campelo dos Santos, com a orientação do Prof. Henry Socrates Lavalle Sullasi, professor do Departamento de Arqueologia da UFPE.

Figura 103: Análise realizada no crânio 44 com o equipamento portátil de Fluorescência de Raio X.



Os testes não apresentaram quantidades significativas de ferro ou alumínio, provenientes de algum tipo de ferramenta (arma branca). Entretanto, o contato desse osso com a água ou com o próprio sedimento do sítio pode ter contribuído para a contaminação da amostra (Tabelas 15 a 19).

Tabela 15: Composição química da região (Face externa do occipital) referente a saída da lesão no crânio do esqueleto 44.

Elemento	Ca	Si	Al	Fe	Sr	Zn
Concentração (ppm)	637048	29795	15735	7967	3162	573

Tabela 16: Composição química da região de entrada de lesão no crânio do esqueleto 44.

Elemento	Ca	Si	Al	Fe	K	Ti	Sr	Zn
Concentração (ppm)	507282	79206	45566	14672	6714	2227	1340	373

Ao observar o controle negativo (CN) realizado fora da lesão, percebe-se que os componentes alumínio e ferro continuam presentes, não sendo esse componente exclusivo da área da lesão.

Tabela 17: CN (Controle Negativo) - Composição química da região (face externa do occipital) onde não houve lesão no crânio do esqueleto 44.

Elemento	Ca	Si	Al	Fe	Sr	Zn
Concentração (ppm)	663166	15521	12792	7384	2893	628

Tabela 18: Composição química da região de saída da lesão (face endocraniana parietal direito) no crânio do esqueleto 58.

Elemento	Ca	Si	Fe	Al	Ti	K	Sr	Au	Zn
Concentração (ppm)	473966	102089	36201	18107	12847	6018	1081	1017	915

Tabela 19: Composição química da região de entrada da lesão (parietal direito) no crânio do esqueleto 58.

Elemento	Ca	Si	Fe	Al	Sr	Ti	Zn
Concentração (ppm)	514937	86964	6306	43835	1148	571	148

Tabela 20: Composição química da região onde não houve lesão no crânio do esqueleto 58 – Controle Negativo (CN)

Elemento	Ca	Si	Al	Fe	Sr	Ti	Zn	Cu
Concentração (ppm)	595180	39705	34183	9840	2120	631	373	133

Ao observar a composição do sedimento (Tabelas 21 e 22), é possível perceber que os mesmos componentes presentes na lesão e fora dela também apareceram nessa amostra. Alguns fatores podem ter contribuído para a presença generalizada dos componentes no sedimento e no osso, como a exposição desses ossos em condições diversas no campo, a manipulação em laboratório do sedimento com os ossos, entre outros.

Tabela 21: Composição química do sedimento presente na parte interna do crânio do esqueleto 58.

Elemento	Si	Al	Ca	K	Fe	Ag	Ti	Sr	Zr	Rb
Concentração (ppm)	411096	34967	23460	10105	4936	596	352	345	277	77

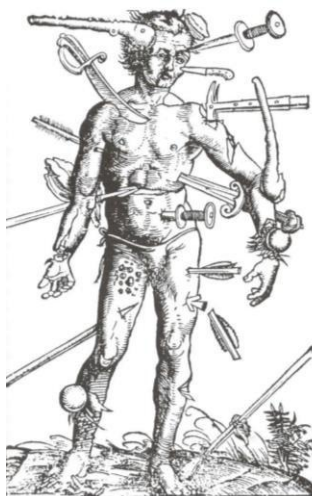
Tabela 22: Composição química do sedimento presente na parte interna do crânio do esqueleto 44.

Elemento	Si	Al	K	Ca	Fe	Ti	Sr	Zr	Rb
Concentração (ppm)	423361	33584	11121	8429	3395	380	191	96	41

Segundo os pesquisadores que escavaram Towton, as lesões podem variar muito em esqueletos com indícios de confronto em batalhas. O estudo desse tipo de marca pode dizer muito sobre armamentos, armaduras e técnicas de batalha.

Os dois exemplos identificados no Sítio do Pilar demonstram que isso poderia ter ocasionado a morte desses indivíduos; provavelmente foram atingidos por algum objeto perfuro-corto-contundente, como apresentado em Towton (Figura 104).

Figura 104: Ferramentas utilizadas nos confrontos do período medieval, apresentadas pelos pesquisadores de Towton.



Fonte: FIORATO et al, 2000.

Para ilustrar como tais ferimentos foram provocados, os pesquisadores de Towton

apresentam ilustrações das técnicas de batalha medieval (Figura 105).

Figura 105: Técnicas de lutas utilizadas no período medieval, apresentadas pelos pesquisadores de Towton.

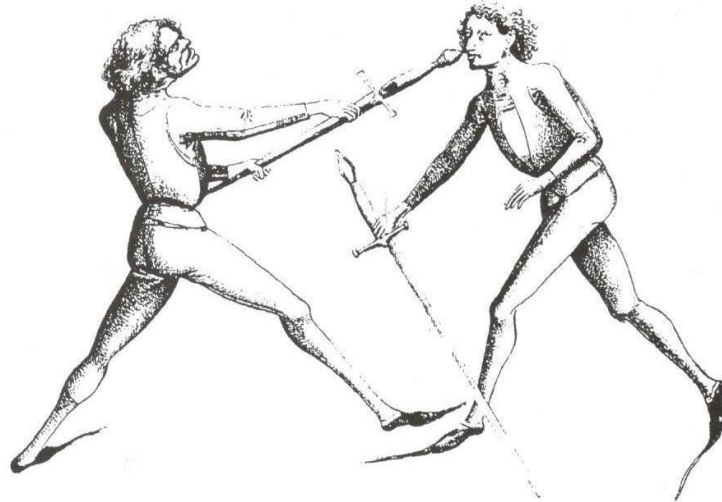


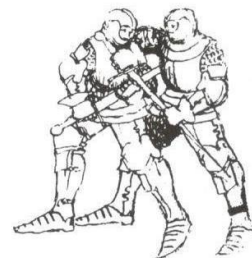
Figure 13.2 After pulling, the thrust into the face: Talhoffer 1467

Aqui te guasto le man per uegnere alagadua
A quella che si forte che de arme nudo aua

C'ù lo maninea in teia io te manto
E' ai la pua mia te andauo gnafido



O de la man mancha tu lassara la spada
O tu andara in terra auz si feta mada



Questa presa me fa seguire de tua spada
La mia se lancia la tua se' impregonada
E lo quazo cogito che in lancia de la aga
La spada i arme de quello jogito se impaga

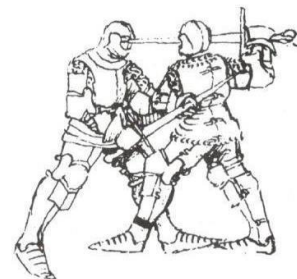
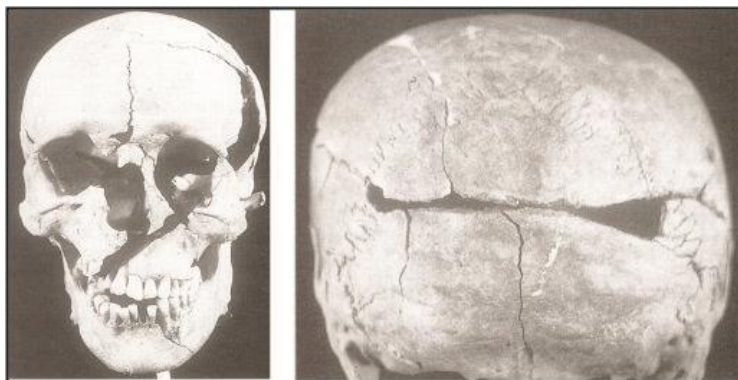


Figure 13.3 Fighting in close proximity: Flos Duellatorum, Fiore 1410

Fonte: FIORATO et al, 2000.

Uma lesão identificada em um dos crânios de Towton demonstra as marcas deixadas por esses golpes e ferramentas (Figura 106).

Figura 106: Sepultamento com marcas de trauma por lesão *perimortem* no crânio, evidenciado na aldeia de Towton, no norte de Yorkshire.



Fonte: FIORATO et al, 2000.

Outros tipos de lesões também foram observados, como as provocadas por socos e objetos contundentes no Sítio do Pilar (Figuras 107 e 108).

Figuras 107: Crânio evidenciado no Sítio do Pilar com trauma por lesão provavelmente provocado por objetos contundentes ou agressão, com fratura no septo possivelmente proveniente de soco.



Figuras 108: Esqueleto 45 com lesão na órbita esquerda.



Quanto às lesões possivelmente provocadas por objetos contundentes, observou-se uma lesão na parte frontal do crânio (Sep. 47), especificamente sobre a órbita direita e uma lesão na parte occipital (Sep. 54) (Figuras 109 e 110).

Figura 109: Crânio do esqueleto 47 evidenciado no Sítio do Pilar com trauma por lesão provavelmente por objetos contundentes.



Figuras 110: Crânio do esqueleto 54 evidenciado no Sítio do Pilar com trauma por lesão provavelmente por objetos contundentes.



Segundo Miranda (2014) as tropas da WIC tinham baixas por motivos distintos, entre eles estavam os acometidos por ferimentos durante os confrontos.

Todavia, os números de baixas registrados nos levantamentos feitos para saber qual era a força disponível a ser mobilizada para o serviço militar no Brasil mostram o quanto o exército da WIC foi afetado por doenças, além das baixas resultantes por ferimentos e por morte em confrontos (MIRANDA, 2014 p. 187).

É possível observar uma classificação para os tipos de ferimentos provocados. Miranda ressalta:

Após o confronto, as forças de cada uma das companhias foram inspecionadas e classificadas em três categorias, de acordo com suas capacidades operacionais: os militares capazes de marchar – isto é, saudáveis (*hoe veel bequamen van ijder sijnen Comp.en can marcherren*) –, os mutilados, mas ainda em condições de trabalhar (*hoe vele dattersijn die wat mangel hebben ende nochtans dienst doen*) e os que não podiam trabalhar ou estavam ausentes (*die heel geen dienst coennen doen ende ock absent sijn*) (MIRANDA, 2014, p. 205)

Os ferimentos também eram ocasionados dentro das próprias tropas, devido às condições precárias das munições e armamentos ou até mesmo por brigas entre soldados.

Na preparação para o combate iminente, Jacob Dircxsz teve seu olho esquerdo seriamente ferido por causa da explosão do seu mosquete. Alguns anos antes do incidente de Jacob Dircxsz, o soldado Lenart Smits, de Londres, também sofreu um acidente com sua arma de fogo, que explodiu e o fez perder a mão esquerda. Aparentemente, os acidentes de Jacob Dircxsz e Lenart Smits eram comuns. Na frota de socorro enviada ao Brasil em 1647, foi observado, antes do embarque, que muitos dos mosquetes fornecidos pela WIC às tropas estavam defeituosos (MIRANDA, 2014, p. 207).

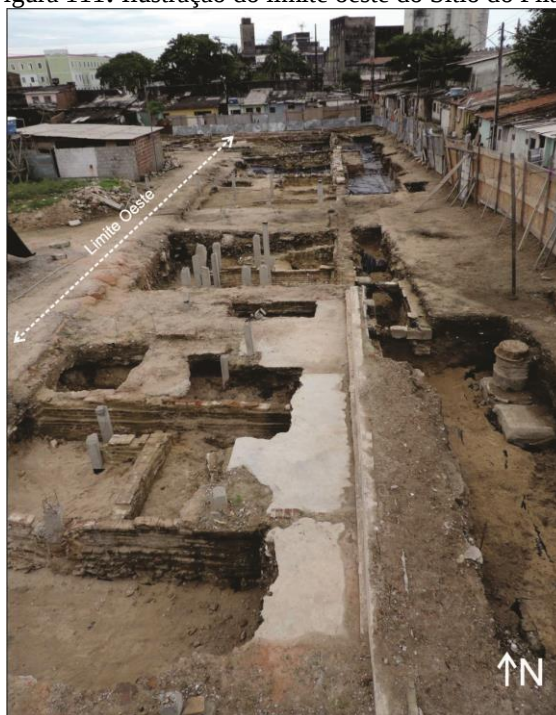
6.1.5 Distribuição espacial

Quanto à distribuição espacial, é importante ressaltar que o sítio não foi totalmente escavado, com isso seus limites não foram todos definidos. Apenas o limite oeste foi possível delimitar, mesmo que em parte.

O limite oeste do sítio é caracterizado pelo encontro do istmo (camada onde todos os sepultamentos estavam depositados) e a margem do Rio Beberibe. Nenhum sepultamento foi identificado na camada argilosa do rio, por isso acredita-se que esse tenha sido o limite oeste do sítio, porém nem toda a extensão oeste foi escavada.

Durante as atividades de acompanhamento da obra (construção de uma cisterna) realizadas pela construtora nessa parte oeste, não foi identificado nenhum vestígio ósseo. Isso reforça a hipótese que os sepultamentos não foram enterrados nesse sentido, mesmo porque como a camada é argilosa e possivelmente existia uma oscilação da água do Rio Beberibe, o que fazia deste um local não apropriado para esse tipo de prática (Figura 111).

Figura 111: Ilustração do limite oeste do Sítio do Pilar.

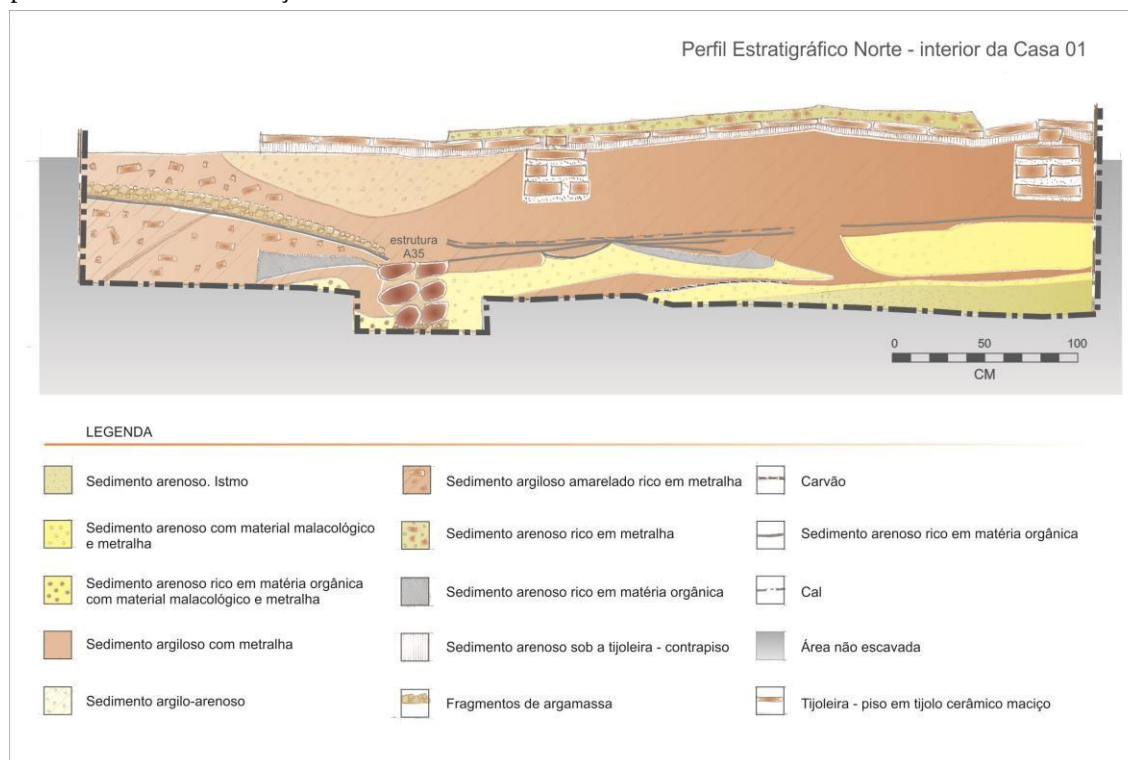


Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

O perfil estratigráfico ilustra o término da camada arenosa pertencente ao istmo e o início de um sedimento mais argiloso. É possível identificar uma construção de blocos de rochas sem ligação aparente com as demais estruturas em alvenaria do contexto, as quais

consistem nas fundações das antigas casas da Rua São Jorge (Figura 112).

Figura 112: Perfil estratigráfico representando o perfil oeste do Sítio do Pilar e uma estrutura (A35) possivelmente a demarcação do limite do cemitério.



Fonte: PESSIS et al, 2014.

A estrutura de blocos de rocha A35 (Figura 112), sem aparente relação com as demais estruturas, estaria no sentido norte/sul, localizada no que seria o limite oeste do sítio. O nível e as características se divergem das demais estruturas até então identificadas na camada de ocupação posterior a dos sepultamentos (Figura 113).

Figura 113: Corte estratigráfico do limite oeste, com a estrutura em destaque indicando uma possível demarcação do Sítio do Pilar.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

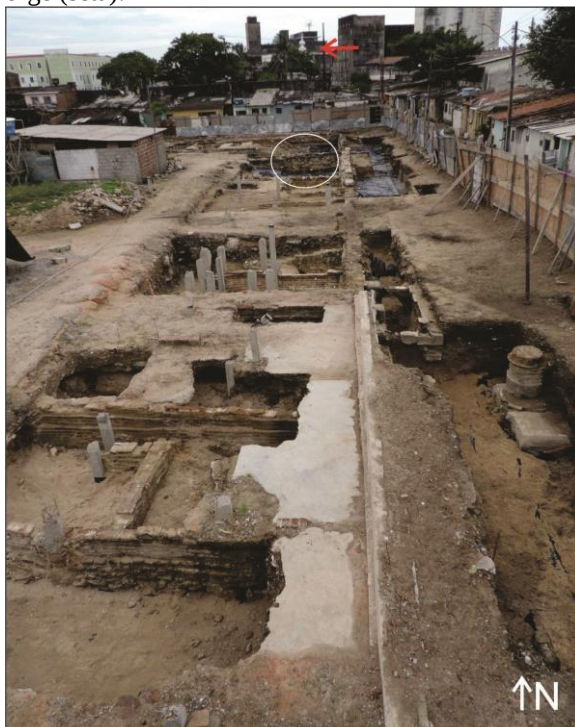
Essa estrutura teria uma função diferenciada das demais e provavelmente pertence ao primeiro momento do sítio, com possível utilização de contenção (água do rio) ou demarcação da área. O fato de estar dividindo a camada arenosa dos indivíduos e a argilosa pertencente ao rio, pode denotar a própria proteção e individualização dos sepultamentos e também a proteção contra a ação da água. No entanto, essa observação precisa ser investigada em outras áreas do sítio, já que para ser utilizada como limite físico do mesmo, a estrutura teria que ser contínua.

Embora a escavação tenha avançado 60 m sentido sul, não foi possível estabelecer um limite nesse sentido, sobretudo porque as últimas quadrículas escavadas ainda apresentavam presença de sepultamentos, o que demonstra que o limite continuaria. Porém, a escavação não pôde avançar nesse sentido, tampouco para o norte e leste, visto que estas áreas estão em litígio.

Os 65 indivíduos identificados estavam dispersos em uma área de 13 m de largura por 60 m de comprimento, sendo esta a amostragem que a análise espacial trabalhou. Observando a distribuição dos sepultamentos no sítio, fica evidente a existência de uma organização quanto ao posicionamento das covas, sem que uma interfira ou perturbe o espaço da outra.

O uso do espaço foi mais intensificado na parte norte do sítio, com presença de covas duplas. Isso poderia indicar o início da ocupação da área e, na medida em que precisou de mais espaço, foi ampliado para o sentido sul, já que no sentido norte estava posicionado o Forte de São Jorge, onde hoje encontra-se a Igreja do Pilar (Figura 114).

Figura 114: Demonstração do local onde os sepultamentos estão concentrados (círculo) e a Igreja do Pilar, onde estava situado o antigo Forte de São Jorge (seta).



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Quanto à disposição dos sepultamentos, estes se mostram relativamente alinhados em fileira, configurando um cemitério e não uma vala comum, como as geralmente utilizadas em hospitais ou em casos de epidemias, em decorrência de situações com muitas mortes de uma única vez (Figura 115).

Figura 115: Vala comum evidenciada na aldeia de Towton, no norte de Yorkshire.



Fonte: FIORATO et al, 2000.

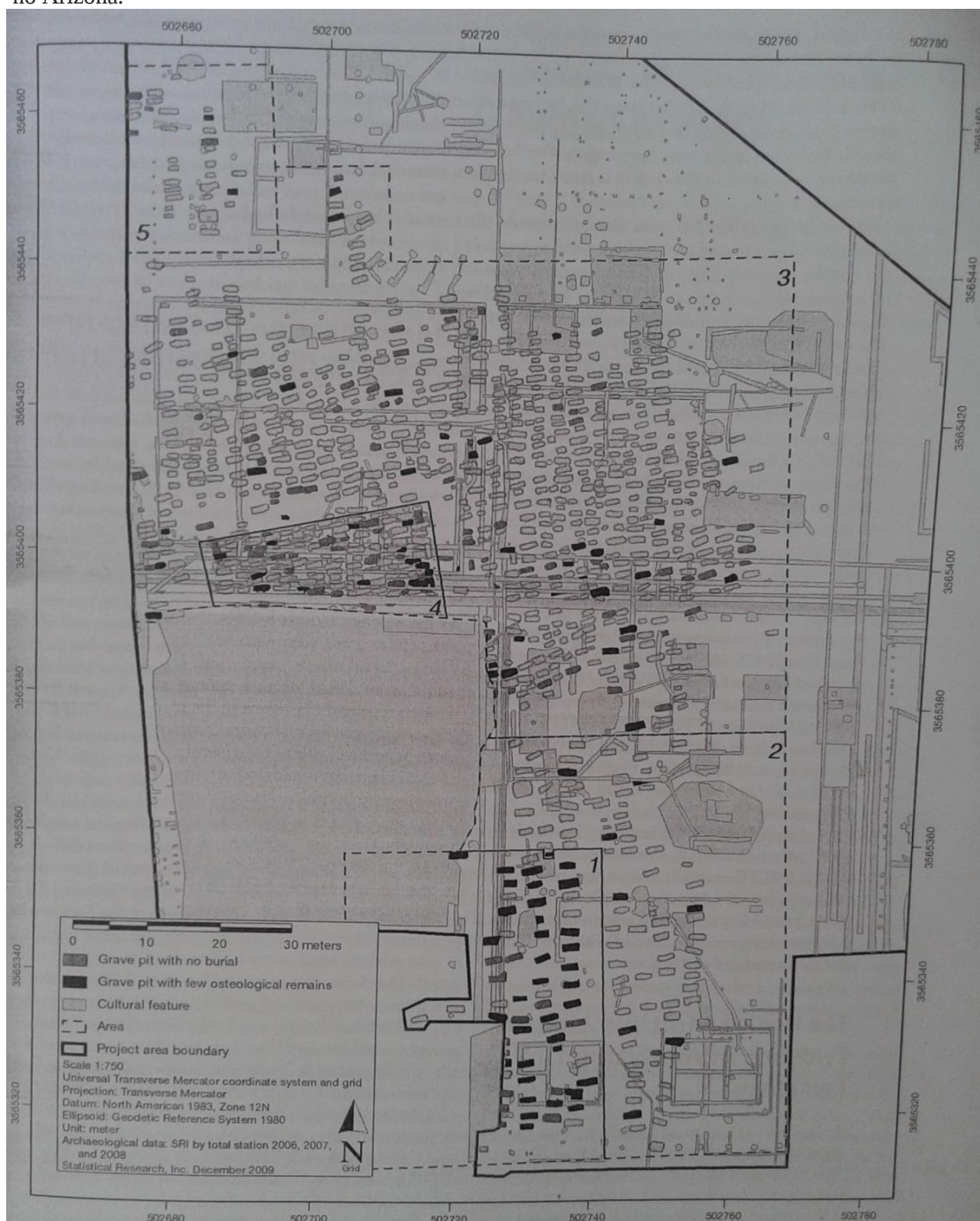
O tipo de organização espacial encontrada no Sítio do Pilar apresenta semelhanças com o cemitério da Alameda-Stone (parte militar), centro de Tucson; e com a área do Royal Hospital de Greenwich, em Londres, destinados a sepultamentos de marinheiros que morreram no século XIX (1856).

O cemitério da Alameda-Stone foi dividido em duas secções: uma militar e outra civil. A seção militar foi usada de 1862 até janeiro de 1881, e a seção civil foi usada em algum momento no final da década de 1850 ou no início da década de 1860 até que fosse fechado em 1875. Calcula-se que cerca de 1.800 a 2.100 indivíduos de diversas origens culturais e biológicas foram enterrados no cemitério (MACK 2005-2006 apud HEILEN, 2012).

Os enterramentos incluíam indivíduos hispânicos do México, do sudoeste dos Estados Unidos, da Espanha e da América do Sul, além de americanos hispanos de vários países dos Estados Unidos, Canadá, Europa, Caribe e Oriente Médio, nativos americanos incluindo *Tohonooodham*, *Akimeloodham*, *Yaqui* e *Apache*, e um pequeno número de afro-americanos.

A área que condiz a parte militar está representada como parte 1, e a área referente à seção civil localiza-se na parte norte do cemitério (Figura 116).

Figura 116: Organização da parte militar (parte 1) do cemitério da Alameda-Stone, centro de Tucson, no Arizona.

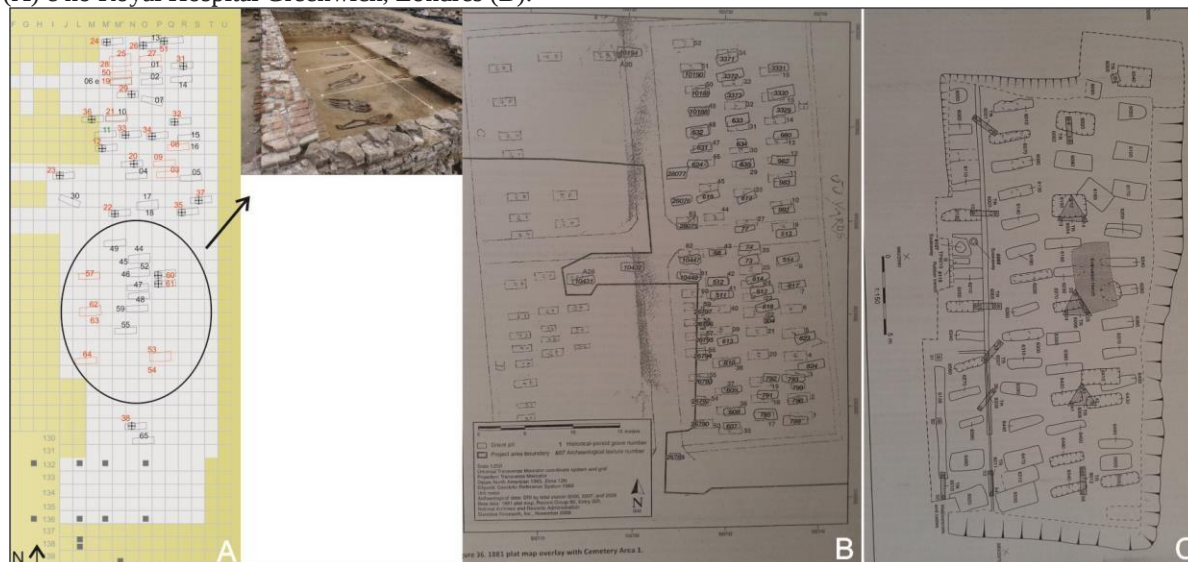


Fonte: HEILEN, 2012.

É possível observar que a área de representação militar possui uma organização mais harmoniosa das covas, com distanciamento e organização das fileiras. Essa organização possui características semelhantes aos sepultamentos do Sítio do Pilar. Ambas estão no sentido leste/oeste (crânio voltado oeste e pés para leste) e presença de covas duplas no mesmo espaço.

O agenciamento das covas na área do Sítio do Pilar (A) com os cemitérios da Alameda-Stone (B) e de Greenwich (C) possuem uma organização em fileiras sequenciadas (Figura 117).

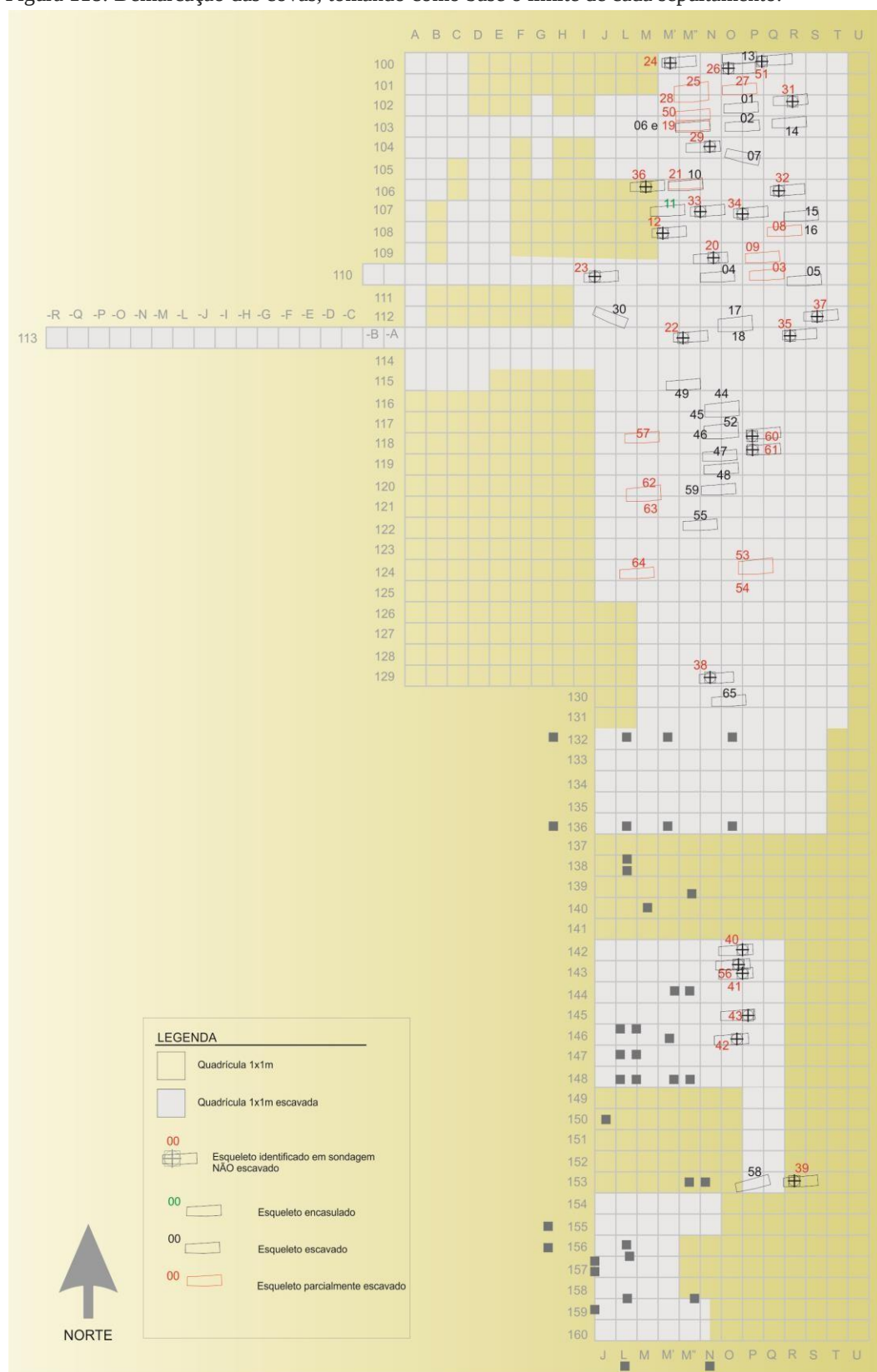
Figura 117: Agenciamento dos sepultamentos no cemitério da Alameda-Stone, centro de Tucson, no Arizona (A) e no Royal Hospital Greenwich, Londres (B).



Fonte: Adaptado de PESSIS, 2014 (A), M. P. HEILEN, 2012 (B) e C.BOSTON, A. WITKIN, A. BOYLE, D. WILKINSON, 2008 (C).

Como o Sítio do Pilar não foi totalmente escavado é importante considerar que a análise espacial se restringe aos sepultamentos que foram retirados e aqueles parcialmente escavados, sendo, portanto, essa configuração é parcial (Figura 118).

Figura 118: Demarcação das covas, tomando como base o limite de cada sepultamento.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE, adaptado por Ilca Pacheco, 2017.

É possível observar, com maior nitidez, a organização em fileiras sequenciadas

(semelhantes aos sítios de Tucson e Greenwich) no setor do sítio onde estão localizados os esqueletos 44 e 45, 46 e 52, 47 e 48, 49, 53 e 54 e 55 (Figura 119).

Figura 119: Agenciamento em fileiras nos sepultamentos no Sítio do Pilar.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Quanto ao quantitativo de indivíduos por cova, dois tipos foram observados: uma simples (contendo apenas um indivíduo) e uma dupla (contendo dois indivíduos). Os indivíduos em cova dupla foram enterrados em justaposição ou sobreposição. As sobreposições foram observadas nos esqueletos 15 e 16, 19 e 06, 21 e 10, 17 e 18, 46 e 52, 47 e 48, 53 e 54 (Figura 120).

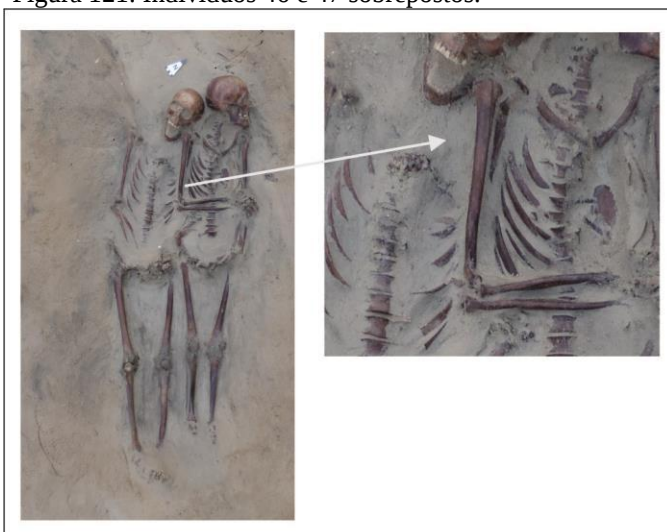
Figura 120: Esqueletos 15 e 16 sobrepostos.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

O esqueleto 16 (sob o 15) foi depositado no mesmo momento que o esqueleto 15, pois o posicionamento e articulação destes dois indivíduos não demonstra nenhuma individualidade entre eles. Foi observado que ambos foram depositados em um mesmo momento, devido ao grau de articulação entre esses ossos. Em nenhum momento se observou perturbação quando o outro indivíduo foi colocado ao seu lado, pelo contrário, os ossos acomodam-se chegando a se apoiarem, como nos esqueletos 46 e 52, 53 e 54 (Figura 121).

Figura 121: Indivíduos 46 e 47 sobrepostos.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 122: Indivíduos 53 e 54 justapostos.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 123: Detalhe para a sobreposição dos membros superiores demonstrando a inumação dos indivíduos em momento próximo.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE

Figura 124: Detalhe para a sobreposição dos membros superiores demonstrando a inumação dos indivíduos em momento próximo.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Já a justaposição foi observada nos indivíduos 44 e 45, onde existe uma aproximação dos dois, porém não havendo contato, de modo que em nenhum momento seus corpos se tocam (Figura 125).

Figura 125: Esqueletos 44 e 45, membros superiores demonstrando inumação simultânea em justaposição.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

A prática de enterrar mais de um indivíduo por cova é vista apenas nas ordens católica e protestante. A doutrina judaica determina que seus mortos sejam enterrados individualizados em suas covas, tanto horizontalmente como verticalmente. Segundo Menachemson (2007), as sepulturas deveriam respeitar uma distância mínima. É possível até sepultarem em camadas, como em casos de epidemia e pouco espaço, mas devem ser respeitados os espaços de cada indivíduo.

Ainda em relação à análise do espaço, é importante ressaltar observações sobre algumas perturbações identificadas no sítio. Estas perturbações estão relacionadas não somente à intrusão de vestígios próximos aos esqueletos, mas na própria unidade de deposição. Foi o que aconteceu com o esqueleto 30, que teve seu braço esquerdo removido. É possível observar uma mancha escura de grande extensão atingindo a área onde o braço esquerdo poderia estar articulado, além de perturbações no perfil norte, próximas a esse esqueleto (Figuras 126 e 127).

Figura 126: Detalhe da perturbação no sedimento próximo ao esqueleto 49.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

Figura 127: Perturbação no perfil norte, logo a baixo de um alicerce localizado próximo ao esqueleto 49.



Fonte: Acervo imagético da Fundação Seridó, 2014.

Fato similar pode ter ocorrido com o indivíduo 55, onde não foi localizado um dos membros inferiores, parte do fêmur e tibia, além da patela. É possível observar que a presença de um alicerce em alvenaria pode ter afetado esse esqueleto, uma vez que existe perturbação nesta área do sítio (Figura 128).

Figura 128: Perturbação no solo próxima ao indivíduo 55, provocada por um alicerce.



Fonte: Acervo Fundação Seridó/Centro de Documentação Alice Aguiar – UFPE.

6.2 SÍNTESE DO PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO

1. Prática de enterramentos com deposição primária simples, sem indícios de como o corpo foi preparado, articulados e em decúbito dorsal (estendidos em 180 graus, 100%);
2. Recorrência de enterramentos em cova individual simples (20 indivíduos, 67%), porém com presença de cova com dois indivíduos, (sete indivíduos sobrepostos ou justapostos, 23%);
3. Orientação do corpo com predominância, em grande parte (83%), no sentido Leste (pés) Oeste (cabeça). Dos sepultamentos analisados, dois indivíduos (7%) estavam com a cabeça voltada para Oeste e os pés para Leste; e três indivíduos (10%) no sentido sudoeste-noroeste;
4. Prática da acomodação dos membros superiores em posição semifletida na grande maioria (57%), com os braços ao lado do corpo sobre a região pélvica ou fêmur (20%);
5. Prática da acomodação dos membros inferiores em posição estendidos a 180 graus (93%), com raras exceções de membros semiflexionados (7%);
6. Provável utilização de covas retangulares com dimensão estreita, para deposição dos corpos;
7. Ausência de material associado com intenção ritualística, o que era comum na época do uso do cemitério, como nos de ordem católica, protestante ou judaica;
8. Material associado na deposição funerária por intrusão, não tendo ação ou função cultural no ritual funerário;
9. Recorrência do sexo masculino para os sepultamentos (100%);
10. Predominância majoritária de jovens (93%) e alguns adultos (7%);
11. Predominância de ancestralidade europeia;
12. Estatura variando de mediana à alta, entre 1,60 m a 1,75 m;
13. Indicativo de doenças como escorbuto na maioria dos sepultamentos, com rara presença de indicativo de varíola, boubá e sífilis;
14. Presença de marcas de trauma por lesões no crânio em treze (43%) indivíduos analisados;
15. Presença de lesões de origem perfuro-corto-contundente, corto-contundente,

- contundentes ou provocadas por algum tipo de agressão (ex.: soco);
16. Identificação de lesão *perimortem* com objeto perfuro-corto-contundente nos crânios dos esqueletos 44 e 58, possivelmente sendo este o causador das mortes;
 17. Resultado negativo para a identificação de substâncias que indicasse o tipo de arma (branca ou de fogo) através de análise de Fluorescência de Raios-X;
 18. Correlação entre os dados biológicos (idade, estatura, doença e trauma) com os dados históricos, indicando uma possível população militar para os indivíduos enterrados no Sítio do Pilar;
 19. Indícios do limite oeste do cemitério com a presença de uma estrutura de blocos de rocha no nível do istmo, a qual protegeu a área do sítio durante a primeira ocupação quando utilizada para o enterramento dos indivíduos;
 20. Possível início da utilização do sítio para enterramentos a partir da porção norte do perímetro escavado;
 21. Organização espacial dos sepultamentos similar a outros cemitérios de uso militar (Tucson e Greenwich);
 22. As perturbações ocorridas no sítio causaram ações como a intrusão de material associado aos sepultamentos, bem como nos ossos de alguns sepultamentos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo reconstituir o Perfil Funerário do Sítio do Pilar, para validar ou não, a hipótese que se tratava de um cemitério de uso militar durante o período colonial. Dentro desta óptica, este trabalho estudou as práticas funerárias realizadas nos 30 indivíduos escavados no Sítio do Pilar, buscando identificar recorrências que fornecessem evidências sobre esse contexto.

O trabalho partiu de uma perspectiva interdisciplinar, onde, dados provindos da arqueologia, biologia e história, contribuísem durante a interpretação do contexto do sítio. Alguns limites foram impostos durante a pesquisa, principalmente no que tange aos dados históricos, não sendo possível averiguar de forma segura a existência de um cemitério durante esse período e nessa localidade. As fontes não são precisas quanto a esse achado, pelo mesmo, não foram identificadas até o momento.

Em contrapartida, é importante considerar que os dados sobre as tropas que adentraram em Recife no período colonial foram muito válidos, especificamente aqueles sobre doenças, idade, ferimentos e de seu cotidiano.

Ainda sobre as limitações do trabalho, os dados provindos da arqueologia, ou seja, aqueles que dizem respeito à análise do contexto cultural (corpo, cova e material associado) que os sepultamentos foram submetidos, não se expressaram de forma mais pronunciada como esperado, grande parte apresentam uma homogeneidade, dificultando com isso, identificar, a partir das referências de práticas funerárias praticadas no período colonial e identificar sua ordem religiosa, por exemplo.

É importante considerar que a metodologia aplicada em campo e a coleta de informações provindos das fotografias, fichas e relatórios, foram cruciais para a compilação dos dados dessa pesquisa. É comum em sítio com esse contexto funerário a falta de informações precisas ou imagens de boa qualidade dos ossos. Muitas vezes, informações básicas como a própria acomodação do corpo, a retirada de ossos parcialmente sem o registro devido e a falta de material imagético como fotos e desenhos de boa qualidade, podem prejudicar esse tipo de pesquisa.

Outra ressalva deve ser considerada em relação às produções acadêmicas sobre esse sítio. Trabalhos como Duarte (2016), Silva (2015) e Alves (2016) trouxeram informações valiosas, o que contribuiu na construção dessa pesquisa.

Diante da apresentação do Perfil Funerário do Sítio do Pilar descrito no tem 4.2, é

possível considerar que a pesquisa teve um resultado positivo quanto à hipótese sobre o uso do espaço por práticas militares. Os dados biológicos como doença e traumas por lesões no crânio, aproximam esses indivíduos analisados com aqueles de Towton e com os dados trazidos por Miranda (2014) sobre as doenças que afligiam os soldados holandeses aqui no Brasil no período colonial.

Quanto à questão cultural, a análise espacial do sítio pode averiguar semelhanças no agenciamento das covas com os sítios de Tucson e de Greenwich, se configurando como espaço cemiterial e não como vala comum.

Para Heillen (2012) os cemitérios representam um determinado tipo de espaço funerário distinto, na localização e outros tipos atributos ligados ao enterro, permitindo a memorização de cada indivíduo na sua sepultura. De acordo com Rugg (2000 apud HEILEN 2012, p. 71), os cemitérios são próximos, mas não dentro dos assentamentos (habitações), têm um perímetro estabelecido, muitas vezes marcado por uma cerca, parede ou cobertura, tem uma entrada, está estruturado internamente, de modo que cada túmulo pode ser localizado e os indivíduos podem ser memorizados e atendem a uma comunidade inteira.

O Sítio do Pilar assemelha-se aos critérios descritos. Considerando que as covas foram abertas mantendo sua individualidade, com aparente identificação de localização, não sendo observada interferência entre elas, parecendo estarem sinalizadas. Quanto à delimitação do cemitério pode considerar preliminarmente o limite formado pela estrutura localizada na parte oeste do sítio, entretanto é preciso fazer novas tentativas de localização dos limites totais do cemitério, no sítio, através de futuras escavações.

Ainda em relação aos dados culturais, o modo como os corpos foram acomodados e a falta de material associado ligado a ordens religiosas como católicos e judeus, podem indicar que as pessoas sepultadas no Sítio do Pilar pertençam a religião protestante (Calvinista), porém é possível que as tropas fossem compostas de distintas ordens religiosas. Segundo Miranda (2014), é possível que a maioria dos militares despachados para o Brasil seguisse a religião protestante calvinista e luterana, mas visto a heterogeneidade dos locais de origem dos militares, também poderia haver uma boa parcela de católicos e outros tipos de protestantes que coexistiam na própria República.

Contudo, os dados culturais observados no contexto arqueológico e nos sepultamentos (corpo, cova e material associado), em cada indivíduo, foram apresentados de forma sistemática, incluindo a maior parte deles. Para o desenvolvimento futuro desta pesquisa, este trabalho reforça a necessidade de novos estudos, principalmente em relação aos dados biológicos, como os de origem biogeográfica ou de ancestralidade da população

funerária e datações seriais que situem a origem, usos e abandono do cemitério. Estes podem contribuir de forma mais precisa sobre a prática funerária e o sistema sociocultural presentes no Recife durante o período colonial.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. G de M. **Jesuítas em Olinda: Igreja de Nossa Senhora da Graça, herança e testemunho**. 2010. 483 f. Tese, Doutorado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.
- ALBUQUERQUE, M; LUCENA, V. **Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro**. Recife: Graftorre Ltda., 1997.
- ALVES, C. A. Cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, n. 7, p. 11-88, 1991.
- ALVES, R. B. **Primeiras ocupações residenciais da rua de São Jorge no Bairro do Recife: um estudo das estruturas arqueológicas/arquitetônicas da quadra 55 na área do Pilar, Recife-PE**. 2016. 134 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BASS, W. M. **Human osteology: a laboratory and field manual**. 5. ed. Columbia: Missouri Archaeological Society, 2005.
- BENNETT, J. W. Recent Developments in the Functional Interpretation of Archaeological Data. **American Antiquity**, [s.i.], v. 9, n. 2, p. 208-219, 1943.
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. **Memoirs of the American Archaeology Society, approaches to the social dimensions of mortuary practices**, [s. i.], n. 25, p. 6-29, 1971.
- _____. **An archeological perspective**. New York: Seminar Press, 1972.
- BLANCHARD, P.; KACKI, S.; ROUQUET, J. Populations des cimetières d'hôpitaux: un reflet de leur fréquentation? La Madeleine à Orléans (Loiret) aux XèmeXIème siècles. In: DELATTRE, V.; SALLEM, R. (Eds.). **Décrypter la différence: lecture archéologique et historique de la place des personnes handicapées dans les communautés du passé**. Paris: CQFD Éditions, 2009, pp. 157-162.
- BOSTON, C.; WITKIN, A.; BOYLE, A.; WILKINSON, D. R. P. **"Safe moor'd in Greenwich tier": a study of the skeletons of Royal Navy sailors and marines excavated at the Royal Hospital Greenwich**. Oxford: Archaeological Unit, 2008.
- BROTHWELL, D. R. **Digging up bones: the excavation, treatment and study of human skeletal remains**. 3. ed. Ithaca: Cornell University Press, 1981.
- CALVO, J.; SILVA, B. L. Ocupação nas Minas setecentistas: registros da presença judaica em território mineiro. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p. 34-43, 2012.
- CAMPILLO D.; SUBIRÁ, M. E. **Antropología Física para arqueólogos**. Barcelona: Ariel,

2004.

CASTRO, V. M. C. de. **Sítio Cana Brava**: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí. 1999. 109 f. Dissertação, de Mestrado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

_____. O perfil técnico cerâmico do Sítio Cana Brava, Piauí. **CLIO** – Série Arqueológica, Recife, n. 14, p. 175-192, 2000. (Anais da X Reunião Científica da SAB. Recife, UFPE, 2000).

_____. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico do Nordeste do Brasil**. 2009. 309 f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CASTRO, V. de. **Das Igrejas ao cemitério**: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

CAVALCANTI, V. B. **Recife do Corpo Santo**. 2. ed. Recife: Bagaço, 2009.

CHILDE, V. G. **A aurora da civilização europeia**. Lisboa: Portugália Editora, 1957.

CISNEIROS, D. **Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil**. 2003. 161 f. Dissertação, Mestrado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

COSTA, F. A. P. **Anais Pernambucanos**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco: Arquivo Público Estadual de Pernambuco. 1984. V. II.

CUPERSCHMID, E. M. Resquícios judaicos em Minas Gerais no século XVIII. In: V Jornada Setecentista, 2003, Curitiba. **Anais**. Curitiba: UFPR, 2003. p. 225-235.

DOREA, L.E. **Fenômenos cadavéricos e testes simples para cronotanatognose**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995.

DUARTE, C.; ROCHA, L.; PINHEIRO, V. **Paleoecologia humana e arqueociências**: um programa multidisciplinar para a arqueologia sob a tutela da cultura. Évora: Instituto Português de Arqueologia. Portugal, 2003.

DUARTE, J. M. **Práticas mortuárias no cemitério do polo Pilar Bairro do Recife – PE**. 2016. 192 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

DUDAY, H. Archeologie funeraire et anthropologie. Application des relevés et de l'étude osteologiques a l'interpretation de quelques sepultures pré et protohistoriques du Midi de la France. **Cahiers d' Anthropologie**, Paris, n.1, p. 55-101, 1978.

FIORATO, V.; BOYLSTON, A.; KNÜSEL, C. **Blood red roses**: the archaeology of a mass grave from the Battle of Towton AD 1461. Oxford: Oxbow Books, 2000.

FUNDAÇÃO SERIDÓ. **I Relatório parcial das atividades de acompanhamento arqueológico para as obras de implantação do Projeto de Requalificação Urbanística do**

Pilar (I). Recife: Fundação Seridó, 2010. Relatório.

_____. **Relatório parcial de atividades da pesquisa arqueológica antecedente às obras de implantação do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar (XII):** Quadra 55. Recife: Fundação Seridó, 2013. Relatório.

_____. **Relatório parcial de atividades da pesquisa arqueológica antecedente às obras de implantação do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar (XV):** Quadra 55 - apresentação das atividades realizadas. Recife: Fundação Seridó, 2014. Relatório.

GARRIDO, C. Fortificações do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940. Separata de: MINISTÉRIO DA MARINHA. **Subsídios para a História Marítima do Brasil.** Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940. v. III.

GUERRA, F. **Velhas igrejas e subúrbios históricos.** Recife: Prefeitura Municipal do Recife: Departamento de Documentação e Cultura, 1970. (Série Evocações históricas do Recife).

HEILLEN, M. P. (Ed.). **Uncovering identity in mortuary analysis: community – sensitive methods for identifying group affiliation in historical cemeteries.** Walnut Creek: Left Coast Press; Tuscon: SRI Press, 2012.

HERTZ, R. **Death and the right hand,** Glencoe: Free Press, 1960.

HUMPHREYS, S. C.; KING, H. (Eds.). **Mortality and immortality: the Antropology and Antropology and Archaeology of death.** London: Academic Press, 1981.

KROEBER, A.L. Disposal of the dead. **American Anthropologist**, [s.i.], v. 29, n. 3, p. 308-315, 1927.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976.

LIMA, T. A. **Dos morcegos e caveiras e cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudos de identidade e mobilidade sociais).** **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, v. 2, p. 87-150, 1994.

LEITE, L. S. da S. **O perfil funerário do sítio pré-histórico Toca da Baixa dos Caboclos - sudeste do Piauí – Brasil.** 2011. 231 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

LIPINER, E. **Santa Inquisição: terror e linguagem.** Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977.

LUBAMBO, C. W. **O Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero.** Recife: CEPE, 1991.

LUZ, M. de F. da. **Práticas funerárias na área arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil.** 2014. 263 f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2014.

MALINA, J.; VASICEK, Z. **Archaeology yesterday and today: the development of**

Archaeology Science and Humanities. New York: C.U.P, 1990.

MARTIN, G. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.

MELLO, J. A. G. Uma história dos judeus no Brasil. **A Nossa Revista**: mensário da associação dos empregados no comercio de Pernambuco, Recife, n. 2, 1935.

_____. “A Relação das praças fortes do Brasil (1609) de Diogo Campos Moreno”. **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, Recife, v. 57, p. 177-246, p. 1984.

_____. **Tempo dos Flamengos**. Recife: Editora Massagana: Fundação Joaquim Nabuco, 1987.

_____. **Tempo dos Flamengos**. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MENACHEMSON, N. A Brief History of Jewish Burial. In: _____. **A Practical Guide to Jewish Cemeteries**. Bergenfield: Avotaynu, 2007.

MENEZES, J. L. M. **Atlas Histórico e Cartográfico do Recife**, 1988.

MIRANDA, B. R. F. **Gente de guerra**: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das índias Ocidentais no Brasil (1630–1654). 2011. 410 f. Dissertação, Mestrado em História, Universidade de Leiden, Leiden, 2011.

_____. **Gente de guerra**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2014.

MIRANDA, C. A. C. **A arte de curar nos tempos de colônia**. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2004.

MOUREAU, P.; BARO, R. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao País dos Tapuias**. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa-América, 1988.

MORRIS, I. **Death-ritual and social structure in classical antiquity**. Cambridge: C.U.P., 1992.

MOTTA, A. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos nos cemitérios brasileiros. Recife: Massangana, 2009.

NASCIMENTO, A.; ALVES, C.; LUNA, SUELY. A cerâmica pré-histórica no Nordeste brasileiro. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, v.1, n. 06, p. 103-112, 1990.

OLIVEIRA, C. A. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí – Brasil**. 2000. 302 f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ORTEGA, D. B.; MIRÓ, J. C. El Cemitério judío de Lucena (Córdoba). **Miscelanea de Estudios Arabes y Hebreos – MEAH, Sección Hebreo**, Granada, n. 58, p. 3-25, 2009.

O'SHEA, J. M. **Mortuary variability**: an archaeological investigation. Orlando: Academic Press, 1984.

PEIRANO, G. S. M. **A análise antropológica de rituais**. Brasília: UNB, 2000. (Série Antropologia, 270).

PEARSON, M. P. **The Archaeology of death and burial**. Texas: A & M University Press, 2002

PESSIS, A-M; RAMOS, A. C. P. T.; PEREIRA FILHO, A. M.; ÁVILA, G. M.; WANDERLEY, G.; COSTA, I. P. da; MATOS, M. X. G.; SILVA, S. F. M. S. da; FERRAZ, S.; KAUFMAN, T. Evidências de um cemitério de época colonial no Pilar, Bairro do Recife, PE. **Clio – Arqueológica**, Recife, v. 28, n. 1, p. 133-159, 2013.

PESSIS, A-M. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, v.1, n. 08, p. 35-68, 1992.

_____. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo sociais. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, v.1, n. 09, p. 07-14, 1993.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **The Andaman islanders**: a study in Social Anthropology. Cambridge: University Press, 1922.

RAMOS, A. C. T.; MARTÍN, G.; MATOS, M. G. de; ESPÍNOLA, C. S.; Acompanhamento arqueológico para as obras de implantação do projeto habitacional do Pilar na cidade do Recife-PE. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, v. 25, n. 2, 2010.

RAMOS, A. C. T.; PESSIS, A-M.; PEREIRA FILHO, A. M.; ESPÍNOLA, C. S.; MEDEIROS, E.; ÁVILA, G. M.; COSTA, I. P. da; MATOS, M. X. G.; SOUZA, M.; ALVES, R.; BARTHEL, S.; KAUFMAN, T. N. A evolução urbana e dos sistemas construtivos na comunidade do Pilar, Bairro do Recife, Recife-PE. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, v. 28, n. 2, 2013.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueologia**: teoría, métodos y prácticas. Madrid: Akal, 1998.

REIS, J. J. dos. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

RODRIGUES, C. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. (Coleção Biblioteca Carioca, v. 43; Série publicação científica).

- SANTOS, L. D. J. dos. **Evolução Morfodinâmica e antropogênica da unidade geomorfológica restinga no Bairro do Recife – PE**. 2013. 148 f. Dissertação, Mestrado em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- SANTOS, L. D. J. dos; SILVA, O. G. da; CORRÊA, A. C. B. Desenvolvimento da unidade geomorfológica restinga: correlação estratigráfica dos poços do Recife Antigo – Pernambuco. **Revista de Geografia**, Recife, v. 32, n. 2, p. 26-45, 2015.
- SANTOS, L. D. J. dos; SILVA, O. G. da. Gênese e evolução da restinga do Bairro do Recife – Pernambuco. **Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 18, n. 1, p. 118-131, 2016.
- SARAPIN, J. K. **Old burial grounds of New Jersey: a guide**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.
- SAXE, A. **Social dimensions of mortuary practices**. 1935. Dissertação, Doutorado em Antropologia, University of Michigan, Ann Arbor, 1970.
- SCHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEUER, L. **Juvenile osteology: a laboratory and field manual**. San Diego: Elsevier, 2009.
- SILVA, S. F. S. M. da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. 2005. 408 f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____. **Etnografia das práticas funerárias: informações sobre o tratamento do corpo em contextos rituais e de morte**. Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, [s. i.], v. 11, p. 111- 160, 2008.
- _____. **Arqueologia Funerária: corpo, cultura e sociedade**. Ensaio sobre a interdisciplinaridade arqueológica no estudo das práticas mortuárias. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2014.
- SILVA, I. E. C. **Arqueologia da doença no cemitério histórico do Pilar - PE**. 2015. 137 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- SOUZA, C. D. de. As práticas mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 20, p. 197-217, 2010.
- SOUZA, J. L. de. **Morfodinâmica e processos superficiais das unidades de relevo da planície do Recife**. 2013. 160 f. Dissertação, Mestrado em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- SOUZA, S. M. F. M. de, SOUZA, A. A. C. M. TAVARES, A. O cemitério da praia de Manguinhos: notícia sobre um sítio histórico de Guaxindiba, RJ. **Historical Archaeology in Latin America**, Dakota, v. 4, p. 25-81, 1994.

SPRAGUE, R. **Burial Terminology**: a guide for researchers. Oxford: Altamira Press, 2005.

TAINTER, J. A. Mortuary practices and their study of prehistoric society. In: SCHIFFER, M. B. **Advances in archaeological method and theory**. San Diego: Academic Press, 1978, p. 105-141. v. 1.

TAYLOR, W. W. A study of Archaeology. **Memoir of the American Anthropological Association**, [s.i.], n. 69, p. 292-296, 1948.

UBELAKER, D. H. **Human skeletal remains**: excavation, analysis, interpretation. Revised edition. Washington: Taraxacum. 1984.

VAN GENNEP, A. **The Rites of Passage**. Tradução de Monika B. Vizedom e Gabrielle L. Caffee. Introdução de Solon T. Kimball. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1960.

_____. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

WANDERLEY, G.; COSTA, I. P. da; MATOS, M. X. G.; SILVA, S. F. M. S. da; FERRAZ, S.; KAUFMAN, T. Evidências de um cemitério de época colonial no Pilar, Bairro do Recife, PE. **Clio – Arqueológica**, Recife, v. 28, n. 1, p. 133-159, 2013.

WHELLER, M. **Archaeology from the earth**. Oxford: Clarendon press, 1954.

WHITE, T. D.; FOLKENS, P. A. **The human bone manual**. Academic Press. New York. 2005.